

**Ernesto Bozzano**

# **Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)**

Título do original italiano:  
*Dei fenomeni di bilocazione*



## **Conteúdo resumido**

O termo “bilocação” é utilizado para denominar o fenômeno supranormal em que um mesmo indivíduo aparece simultaneamente em dois lugares distintos. Na realidade, o que ocorre nesse fenômeno é a separação temporária, nos seres encarnados, entre o espírito e o seu corpo físico.

Nesta obra Ernesto Bozzano expõe, classifica e comenta os vários tipos de fenômenos de bilocação. O autor demonstra que o ser humano possui um corpo etéreo que pode, em certas circunstâncias, afastar-se do corpo físico e retornar após realizar alguma tarefa ou apenas ter feito um pequeno passeio.

O autor procura demonstrar que o fenômeno de bilocação é um dos mais propícios a evidenciar a independência da alma em relação ao corpo físico. Provado que o Espírito não está definitivamente preso ao organismo, fácil é compreender que esse espírito possa, no final da vida, desligar-se para sempre do seu envoltório carnal, para continuar a viver fora dele, nessa fase interminável da existência, a que chamamos morte, mas que, na verdade, é simplesmente a continuação da vida e da evolução infinitas.



## Algumas palavras

Em tempos idos, jovem ainda, com encargos nas revistas espíritas, julguei que essas revistas deviam transmitir aos seus leitores o que se passava pelo mundo com referência aos fatos espíritas. Era preciso que estivéssemos a par de todo o movimento que dizia respeito à doutrina que perfilhamos e aceitamos, diante da imponência de suas provas.

Era necessário, porém, mostrar que essas provas existiam, dar uma idéia do que é o Espiritismo, visto como a grande maioria de nossos periódicos deixavam de tomar conhecimento das duas partes componentes do grandioso edifício, para ocupar-se quase exclusivamente da terceira, embrenhando-se nos textos escriturísticos; uns procuravam comentá-los de maneira a aproximá-los das lições dos Espíritos, outros procuravam ajeitá-los de qualquer modo, dentro dessas lições, quando eles muito se afastavam delas.

Por maneira que, como ainda hoje vemos, a doutrina espírita dir-se-ia simplesmente, um ramo do Cristianismo, a par das Igrejas Católica e Protestante, ficando à mercê da exegese pessoal, produto de opiniões e fantasias, onde os elementos de prova, que convencem, e os de filosofia, que esclarecem, iam sendo postos à margem.

Nada havia que admirar, pois que viemos todos de um passado em que essas religiões dominavam e deveríamos ter sido seus apaixonados prosélitos.

Foi nessa ocasião que encontrei prestimoso rapaz, estudioso e ainda estudante, na flor de uma operosa juventude, hábil, conhecedor de vários idiomas, de cativante simplicidade e extraordinária simpatia, com idéias muito lúcidas, liberto de quaisquer fanatismos, e rodeado de revistas estrangeiras, o que me deixou estarrecido. Na ocasião fazia traduções para um de nossos periódicos. Esse moço era Francisco Klörs Werneck.

Pouco conhecido, apesar de sua grande atividade e do que tem feito pela doutrina, justo é que digamos alguma coisa a seu respeito.

Fluminense, nascido em Icaraí, na cidade de Niterói, aí completou todos os seus estudos, formando-se em Direito. Ingressou no Espiritismo em 1929, com 25 anos de idade. Foi por essa época que eu o trouxe para o Reformador, e nessa revista ele fez a crônica estrangeira até 1934, sendo muito apreciado e estimado pelo então diretor do citado periódico e da Federação Espírita Brasileira, o Dr. Luís Olímpio Guillon Ribeiro.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, depois Estado da Guanabara, foi convidado pelo Comandante João Torres para secretariar a Revista Espírita do Brasil, de que também foi diretor pelo licenciamento do Comandante Torres.

Pertenceu às diretorias da Liga Espírita do Brasil, da Confederação Espírita Pan-Americana, quando sediada no Rio de Janeiro, e faz parte atualmente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Foi membro da Comissão Organizadora do I Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, da do II Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana, ambos realizados no Rio de Janeiro, da I Exposição Estadual de Jornais, Revistas e Obras Espíritas, em Porto Alegre.

Atualmente pertence à Ordem dos Advogados do Brasil, seção da Guanabara, é conselheiro do Instituto Genealógico Brasileiro, sediado em São Paulo, correspondente da Seção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, com sede em Lisboa, e Benemérito do C. E. Paz, Amor e Caridade, de São Paulo.

É autor de vários trabalhos, entre os quais podemos destacar as “Crônicas Espíritas”, a “História e Genealogia Fluminense”, e de traduções em alemão, italiano, inglês e francês de obras como as de Ernesto Bozzano, Oliver Lodge, Paulo Bodier, José l’Homme, Louis Jacolliot, Haraldur Nielsson, para só falar nas principais.

Eis o nosso apresentado, com os pouquíssimos dados que consegui apanhar.

Como se vê, durante muito tempo, o jovem Werneck prestou desinteressadamente os seus serviços à Federação Espírita Brasi-

leira, como veio prestar a várias entidades e várias revistas, sempre sem qualquer idéia de recompensa.

Creio que, por sentimento de amizade, selada pelo tempo, é que ele se lembrou de pedir-me este prefácio, para uma das mais importantes obras de Ernesto Bozzano, direi mesmo, uma das mais úteis, senão a mais proveitosa que o inesquecível e saudoso filósofo legou à posteridade.

O fenômeno de bilocação é um dos mais prestantes em matéria psíquica, porque evidencia a independência da alma em relação ao corpo. Provado que o Espírito não está servilmente preso ao organismo, que não é um simples escravo das funções orgânicas, que tem seus momentos de fuga, desprendendo-se ou libertando-se, ainda que momentaneamente, das amarras físicas, fácil é compreender que esse espírito possa, no final da vida, desligar-se para sempre do seu envoltório carnal, para continuar a viver fora dele, nessa fase intérmina da existência, fase a que chamamos morte.

Da importância do fenômeno, dizíamos há pouco ao Professor Henrique Rodrigues, quando ele, como diretor de um programa de televisão, interrogava uma jovem que se apresentara ao mesmo programa, voluntariamente. Narrava ela, sem achar explicação para o fato, o que lhe sucedia, isto é, o sentir-se fora do corpo, o de flutuar acima dele, vendo-o afastado, inerte, como se estivesse morto, no leito em que se achava.

Não é um caso insólito, antes um fato ameudado, com as mesmas características, que se reproduz em pessoas de religiões diversas, sem nenhum conhecimento de psiquismo. Essa uniformidade, como acentua Bozzano, é de grande valor teórico e prático, é a demonstração da regularidade e autenticidade do fenômeno, que se apresenta, provando patentemente a dualidade *corpo e espírito*, e ainda mais, de que não se trata de duas partes indissolavelmente ligadas, perecendo uma quando a outra perece.

Se pouco se conhece do fenômeno, se não o vemos constantemente divulgado, é pelo receio que têm os pacientes de passar por desequilibrados. Disso fui especialmente testemunha, quando

durante dez anos lidei com pessoas que procuravam o tratamento espiritual para as suas enfermidades de ordem mental, para esses desequilíbrios que têm levado tanta gente aos sanatórios, porque a causa da moléstia ou do fenômeno ainda não foi percebida pela Academia.

Tive ocasião de ouvir a descrição de casos semelhantes ao da moça televisionada. Os doentes, que como tal se supunham, contavam os seus casos muito em segredo, confiantes em minha discricção, porque até da família escondiam o que com eles se passava. Temiam ser tidos por malucos, receavam as medidas paternas ou de seus familiares, mas o caso é que se viam separados do corpo, eles num ponto, o corpo noutro; às vezes supunham-se mortos, o que lhes causava indescritível terror. Eu lhes explicava então o fenômeno, mostrava-lhes a naturalidade do fato, convencia-os de que não havia por que temer.

Às vezes, os passes mediúnicos, as preces, o desenvolvimento do mediunismo por parte do sensitivo, ou o autodomínio, punham termo ao fenômeno. E quando ele não se extinguia, a nossa exposição do que se tratava era bastante para acalmar a pessoa; ela encarava o desprendimento com serenidade e em vez de impedi-lo, procurava examiná-lo com curiosidade. Em geral, tais fatos não são renitentes. Tendem a esvanecer com o tempo, com a força de vontade do paciente, com o seu desejo para que ele não se reproduza e até com o revigoração do corpo, revigoração esse que contribui para melhorar a situação dos desequilibrados.

Há poucos dias, ainda, tivemos a visita de uma jovem, cujo nome não apresentamos, apesar de sua autorização, por não saber se isso agradaria à família, mas temos aqui os dados à disposição do estudioso ou do duvidoso que os quiser examinar.

É a senhorita E. B. A., moradora nesta cidade de Niterói, onde eu moro e onde nasceu Werneck; sua residência fica à rua Marquês de Olinda. Tem ela 27 anos de idade. Possuía grande desequilíbrio nervoso, que a Medicina chama neurose de angústia. Fora submetida ao processo terapêutico dos choques e nessas ocasiões via-se subitamente fora do organismo; não mais sentia qualquer abalo físico ou mental e percebia o corpo imóvel,

estendido no leito, como se estivesse desacordada. Percebia as pessoas que lhe estavam perto e o que se fazia ao redor. Ficava excessivamente surpresa e tomava o corpo cheia de temores.

Como não conhecia o fenômeno, narrava-o muito admirada e tomava-o como consequência de sua doença. Tive que explicar-lhe não haver propriamente uma relação entre o fenômeno e a doença, senão o desprendimento de seu espírito, devido talvez aos choques. Expliquei-lhe ainda que existiam vários casos dessa natureza, sem que os pacientes sofressem de abalos nervosos. Ela possuiria apenas o dom de abandonar a casca, isto é, de afastar-se do corpo físico, e ao contrário de outros e outras, percebia o fenômeno e recordava-o.

Lembro-me ainda que, na minha infância, ouvia o Professor Amaro Barreto, um genial pianista, contar, admirado, que depois de certa doença, ou durante a mesma, via-se no espaço a contemplar o que se passava no quarto, e o mais interessante é que notava achar-se ele também na cama. “Eram dois Amaros”, explicava ele a meu pai, que era médico, isto rindo-se muito do jocoso incidente. Não me recordo das explicações que meu pai apresentou, que não poderiam diferir muito das conhecidas alucinações.

Deixei de registrar os casos semelhantes, observados na FEB, porque era princípio naquela instituição não tomarmos anotações, visto que, diziam os dirigentes, não só não nos compete esse registro de casos particulares, como porque não temos aqui fins de estudo, senão simplesmente o da caridade, além do que o interesse da observação e da pesquisa poderá desvirtuar nosso verdadeiro alvo.

Não concordei lá muito com a prescrição, mas, disciplinado, submeti-me e assim perdeu-se um substancioso manancial ou um grande acervo de provas.

É uma série de fenômenos dessa natureza que Ernesto Bozzano relata em sua monografia, estudando o assunto *ab ovo* e encarando-o pelas diversas fases em que ele se apresenta.

Bozzano parte da idéia de integridade nos amputados, que têm a sensação perfeita da existência da parte do corpo que lhes



foi retirada; a dos hemiplégicos, que percebem no lado paralisado a seção correspondente do duplo, isto é, do corpo etéreo ou perispírito, com a integridade sensorial subtraída; o desdobramento autoscópico em que o indivíduo vê o segundo eu, que é o seu duplo, o seu fantasma. Essa visão pode estar no corpo, e dele vê-se o fantasma, ou estar no fantasma, o duplo, e dele vê-se o corpo.

Há casos mais amplos em que o indivíduo se transporta a grandes distâncias e finalmente o desprendimento do leito mortuário, onde o Espírito vai deixando lentamente o corpo até o seu completo desenlace, que é a inteira liberdade pela morte.

Tais fenômenos se realizam em momentos de crise física e podem acontecer no sono comum, na hipnose, na síncope, na letargia, nas intoxicações e até no coma.

Tal é o vigoroso estudo que Francisco Klörs Werneck traduziu, aumentando destarte a sua já extensa bagagem literária. É um inestimável serviço prestado à Causa, visto que os livros de Bozzano são pouco conhecidos, dificilmente encontrados em nossas livrarias, estando já esgotadas as obras originais. Acresce que a importação do livro estrangeiro é hoje problema de difícil solução, pois que atinge a proporções astronômicas o seu preço.

Em suma, o trabalho do companheiro e velho amigo, sem nenhuma lisonja, vem fazê-lo subir mais um degrau na longa escada da espiritualidade.

Niterói, 10/01/1969.

Carlos Imbassahy

## Introdução

Os fenômenos de bilocação têm uma importância decisiva para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano. E isto porque provam que existe no “corpo somático” um “corpo etéreo” que, em raras circunstâncias de minoração vital – sono ordinário, hipnótico, mediúnico, êxtase, desmaio, efeitos narcóticos, coma – é capaz de se afastar temporariamente do “corpo somático” durante a existência terrestre. Daí a conclusão lógica de que, se o “corpo etéreo” ou “perispírito” é capaz de se afastar temporariamente do “corpo somático”, levando consigo, freqüentemente, a consciência individual, a memória integral e as suas propriedades sensoriais, dever-se-ia reconhecer então que, quando dele se separa, definitivamente, pelo processo da morte, o espírito individual (exatamente: individualizado) continuará a existir em condições de ambiente apropriado, o que equivale a admitir que a existência de um “corpo etéreo” em um “corpo somático” e, conseqüentemente, de um “corpo etéreo”, demonstra que a sede da consciência e da inteligência é o “corpo etéreo”, o qual constitui o invólucro supremo, imaterial, do espírito desencarnado.

De vinte anos para cá, muitos metapsiquistas bem conhecidos se ocuparam, de modo especial, dos fenômenos de “bilocação”, consagrando monografias e volumes a esta importante questão. Recordo apenas três obras notáveis publicadas na França: uma devida a Gabriel Delanne, outra a Henri Durville e a terceira ao Coronel de Rochas. Na Itália, o Prof. Lombroso lhe dedicou um capítulo em seu livro; na Alemanha o Dr. E. Mattiesen lhe consagrou recentemente longa monografia na qual tratou do árduo problema de modo magistral.

De minha parte, já em 1910 publiquei longa monografia intitulada *Considerações e hipóteses sobre os fenômenos de bilocação (Luce e Ombra, 1911)*, mas os fatos desta natureza depois continuaram a se avolumar em tão grande número que hoje encontro à minha disposição importante material bruto capaz de levar a conclusões de ordem geral, precisas e seguras, extraídas

do valor cumulativo dos referidos documentos. Segue-se que, se, em minha primeira monografia, eu concluí declarando, prudentemente, que as provas cumulativas dos fatos por mim relatados ainda não pareciam suficientes para lhes conferir valor científico, hoje, pelo contrário, diante da imponente quantidade de novos casos recolhidos e classificados, considero chegado o momento de me pronunciar sobre o problema de modo explícito e afirmativo.

Assim sendo, volto a desenvolver o mesmo tema, retocando completamente a minha primeira monografia, duplicando-lhe o volume. Terei, todavia, o cuidado de citar pouco dos fatos extraídos das obras supracitadas e isto porque a documentação que ajuntei é tão copiosa que serei forçado a utilizar-me de pequena parte dos casos já narrados. Parece-me, pois, acertado renunciar a fatos já levados ao conhecimento público, por mais interessantes e demonstrativos que sejam para a teoria que sustento. Por outro lado, proponho-me adotar um plano esquemático próprio, a fim de evitar o risco de cair no encadeamento de idéias que me podem impedir de formular, com clareza, o resultado de minhas investigações pessoais.

Indico, assim, a todos os que tenham a intenção de aprofundar depois o assunto, as obras de Delanne, de Rochas e Lombroso.

Do ponto de vista do plano esquemático da presente classificação, observo que os fenômenos de “bilocação” (termo usado pelos teólogos e que sintetiza as manifestações multiformes ditas de “desdobramento fluídico”, correspondente às outras expressões de “corpo etéreo”, “corpo astral”, “perispírito”) podem subdividir-se em quatro categorias, apresentando uma importância teórica diversa:

- na primeira inscrevem-se os casos de “sensação de integridade” nos amputados e de “desdobramento” nos hemiplégicos, casos teoricamente muito mais importantes do que geralmente se supõe;
- na segunda categoria enquadram-se os casos em que o *sujet* percebe o seu próprio fantasma, mas conservando sua plena consciência;

- na terceira, os casos em que a consciência se acha transferida ao fantasma exteriorizado;
- enfim, na última, os casos em que o “duplo” de um vivo ou de um morto só é percebido por terceiros.

Do ponto de vista psicológico, convém notar que os fenômenos de “bilocação” apresentam esta característica altamente sugestiva de sua perfeita uniformidade substancial de exteriorização a despeito das modalidades diversas e numerosas que assumem segundo as circunstâncias, uniformidade substancial que persiste, invariável, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as raças (inclusive os povos selvagens), de modo a tornar-se como o centro de convergência da demonstração de sua existência positivamente objetiva. Ainda se pode observar que eles são tão numerosos que não bastaria um grande volume para conter todos os fenômenos que colecionei. Em parte isto provém do fato – ele mesmo altamente sugestivo – de que, de um lado, o seu campo se estende até formar o substrato necessário de quase toda a fenomenologia mediúnica de efeitos físicos, inclusive os fenômenos de materialização (pelos quais a existência dos fatos deveria ser reconhecida também pelos adversários da hipótese espírita) e que, de outro lado, eles vão até se infiltrarem, em grande número, nos casos até aqui considerados como de origem telepática.

No desenvolvimento da presente classificação, limitar-me-ei a expor um número suficiente de casos típicos que analisarei e comentarei resumidamente, reservando-me para formular considerações de ordem geral no capítulo das conclusões.

## **Primeira categoria**

### **Das “sensações de integridade” nos amputados e das impressões de “desdobramento” nos hemiplégicos**

A significação do fenômeno denominado de “sensação de integridade” nos amputados exprime-se claramente pelas próprias palavras. Com efeito, consiste no fato curioso, há muito bem conhecido dos fisiologistas, de que certo número de amputados de um braço ou de uma perna afirmam, grandemente surpresos, experimentar a sensação precisa de ainda possuírem o membro que lhes falta e mesmo acrescentam que ainda podem movê-lo à vontade. O que espanta os mutilados, tanto quanto os que os escutam, é o fato de estarem eles em condições de provar experimentalmente que têm consciência do contato de um corpo estranho introduzido, sem o saberem, na porção do espaço em que deveria mover o membro cortado. E não só isso, mas afirmam ainda que, se alguém introduzir uma pequena chama em tal ponto, sentem a dor aguda da queimadura. Enfim, quase todos estão acordes em assegurar que, à medida que os dias se passam, assistem ao encolhimento, lento e gradual, de seus membros fluídicos, até o dia em que são completamente reabsorvidos e integrados no corpo.

Há a notar também que certos inválidos, em consequência de ataque hemiplégico, asseguram, por sua vez, experimentar sensações análogas, ainda que em relação com a natureza diversa de sua enfermidade, que é a paralisia duma metade do corpo. Ver-se-á mais adiante quão racionais são as suas impressões de “desdobramento” incipiente, do ponto de vista que nos ocupa.

Os curiosos fenômenos em apreço jamais foram causa de perplexidade teórica para os fisiologistas, pois são susceptíveis de serem interpretados de modo plausível com induções legítimas de ordem psicofisiológica. E já se compreende que se não existissem as atuais investigações metapsíquicas sobre os fenômenos de exteriorização da sensibilidade, indo até concretizar um “fantasma óptico” desdobrado, ninguém teria pensado, por um só momento, em por em dúvida as conclusões dos fisiologis-

tas sobre as causas que determinam as sensações subjetivas que experimentam os amputados e hemiplégicos. Mas, incontestavelmente, a questão muda de aspecto com o advento de novas pesquisas, em virtude das quais somos levados a considerar, de outro ponto de vista, as impressões em causa, que se mostram análogas às que são estudadas no grupo dos fenômenos de “bilocação” e logicamente forçam a renunciar às hipóteses dos fisiologistas que reconhecem, nas “sensações de integridade” dos amputados e nas de “desdobramentos” dos hemiplégicos, casos iniciais ou principiantes de manifestações pertencentes ao grupo dos fenômenos de “bilocação”, manifestações que, por sua natureza rudimentar, concorrem admiravelmente para provar, de um ponto de vista inesperado e sugestivo, a realidade da existência de um “corpo etéreo” no “corpo somático”.

A Dra. Pelletier, resumindo os resultados aos quais chegaram Bernstein, Pitres e Weir Mitchell em seus inquéritos sobre as “sensações de integridade” nos amputados, assim se exprime:

“As ilusões dos amputados são um fato normal; com efeito, para Riset, que fez suas investigações entre soldados do 1º Império, de 450 amputados somente 14 não apresentaram o fenômeno do membro fantasma; para Pitres, a ilusão somente faltava uma vez em 30 casos... Quase sempre a ilusão sobrevinha logo após a operação, todavia, algumas vezes vinha mais tarde, mas sempre em tempo bastante próximo. Num caso citado por Pitres, ela apareceu no terceiro dia e, em um outro, depois de seis semanas.

Mas em que consiste precisamente esse membro fantasma? Algumas vezes o membro é sentido totalmente: o enfermo o percebe com a forma, o volume, a temperatura, a posição e a mobilidade que efetivamente possuía, mas bem freqüentemente a percepção era muito menos nítida. Em certos casos, somente sentiam as extremidades dos dedos, sendo o resto do membro de suave impressão. Por vezes também a percepção era nítida; somente o membro era sentido como menor ou maior ao que havia sido. Um paciente de Pitres, amputado de uma mão, afirmava que sua mão fantasma era menor, tal como a de uma criança de doze anos; outro

sentia a mão contraída, mais redonda do que a outra. Em outro caso do mesmo autor, a mão fantasma era, ao contrário, sentida como mais grossa do que a outra, mas sobre o que todos os enfermos se mostravam unânimes era a realidade das sensações que experimentavam. “Eu só digo a verdade”, diz um paciente do Dr. Weir Mitchell, afirmando que “estou mais certo do membro que perdi do que daquele que conservei”. “É preciso que eu aplique o raciocínio – dizia outro –, para que me convença da irrealidade da sensação que experimento”.

A observação publicada, há sete anos, por Marie e Vigouroux, nos descreverá a intensidade de tais sensações, de modo surpreendente. Trata-se de uma enferma da qual foi preciso amputar uma das coxas. Ela se sentia fatigada, contundida, mas não tinha nenhuma consciência da mudança que lhe sobreviera. Foi somente no dia seguinte que, comparecendo à sua mãe, lhe informou esta que, em sua queda, fraturara a perna e precisava ser amputada. Ela se lembra de que o anúncio dessa triste notícia foi para ela mais surpresa do que emoção, porque completa era a ilusão de estar perfeita a sua perna. Quando, alguns dias após, a levantara para conduzi-la a Sainte-Anne, não se recordava da mutilação e rolou por terra, ao querer levantar-se sozinha do seu leito. Depois de dezoito meses ainda lhe ocorriam momentos de distração: caía, querendo andar sem o aparelho.”

Certos doentes podem mover, em imaginação, o seu membro fantasma; outros, ao contrário, não o conseguem... Por vezes a sensação do membro fantasma perdura por longos anos, mas em muitos casos pôde-se verificar o seu desaparecimento. Esse desaparecimento faz-se, em alguns, repentinamente; em outros, ao contrário, produz-se progressivamente: pouco a pouco, o membro ilusório diminui de volume ao mesmo tempo em que se aproxima do coto e, por fim, parece ao paciente que seu membro desapareceu na cicatriz “como uma sombra que entra no corpo”, segundo a expressão de Weir Mitchell. (Dra. Pelletier, em *Bulletin de l'Institut Général Psychologique*, 1905, pág. 280).

O Prof. William James também publicou longa memória sobre a questão (*Proceedings of the American S. P. R.*, 1885-1889, pág. 249), em resultado de um inquérito por ele mesmo feito, mandando circulares a grande número de amputados cujos endereços obteve por intermédio dos vendedores de membros artificiais. Conseguiu, assim, estabelecer relações epistolares, e muitas vezes pessoais, com amputados.

As deduções que tira dos fatos concordam com o que se afirma no artigo da Dra. Pelletier, todavia ele acrescenta que, se as conclusões da análise comparada lhe fornecessem indicações úteis e interessantes para as futuras investigações, nada, ou quase nada, sairia de definitivo, do ponto de vista das causas. Isto dito, continua nestes termos:

“Com relação à freqüência das “sensações de integridade”, observo que, na ocasião do meu inquérito, tais sensações ainda eram experimentadas por quase 3/4 dos pacientes interrogados. Os que as sentiram eram em maior número, mas, na época em que responderam ao meu questionário, haviam deixado de experimentá-las. Em alguns casos, a “sensação de integridade” cessara quase logo; em outros, uma ou duas horas após a amputação; porém, em muitos mutilados havia perdurado semanas, meses ou anos. O caso máximo de duração foi o de certo homem amputado em uma das coxas aos 13 anos e que aos 70 ainda sentia seu pé, e isso tão realmente quanto o outro. As mãos e os pés são os únicos nitidamente sentidos, o que quer dizer que a sensação da parte intermediária do membro parece ter desaparecido. Assim, por exemplo, um homem amputado de um braço me dizia sentir sua própria mão sair diretamente do seu ombro. Essa sensação de encurtamento não é, todavia, geral. Muitos pacientes relatam incidentes que lhes ocorrem por querer andar muito depressa, acreditando ainda possuir as suas pernas, ou por terem saltado de um bonde em conseqüência da mesma ilusão. Outros acrescentam que por vezes, automaticamente, levaram a mão para esfregar o pé faltante, que lhes causava comichão. Um deles me escreveu ter maquinalmente apanhado a tesoura para cortar as unhas do pé ausente, tão viva



era a sensação especial experimentada. Uma houve que me escreveu sentir constantemente a ação do vesicatório que lhe fora aplicado no calcanhar, no momento da intervenção cirúrgica, e outro me informou ressentir ainda o prurido e a inchação das frieiras de que sofria quando lhe foi amputado o braço.

Também são freqüentemente ressentidas nos membros ausentes as mudanças aparentes de temperatura. Assim, por exemplo, se o coto se esfria ou se esquenta, numerosos mutilados experimentam a sensação de frio ou de calor no pé inexistente. Passando uma corrente de ar frio sobre o coto, provoca-se a mesma sensação fria no pé cortado. E por vezes o pé que falta combina com o pé restante no sentido de também sofrer o primeiro quando o segundo vem a sentir frio. Um amputado me escreve que, se lhe acontece atravessar uma poça d'água e molhar o pé restante, com o pé que falta igualmente sente o contato da água.”

O Prof. William James cita em seguida um extrato de um livro do fisiologista alemão Valentin, segundo o qual se pode admitir que as “sensações de integridade” também existem nos casos de deformação congênita de membros, como por exemplo:

“Certa mocinha de 15 anos e um homem de 40, os quais só tinham uma mão normal, sendo que a outra apresentava, em lugar de dedos, ligeiras proeminências carnudas, sem ossos, nem músculos, tinham a sensação precisa de dobrar os dedos inexistentes todas as vezes que dobravam o coto informe. Paralelamente, pessoas nascidas com um braço mais curto do que o outro asseguravam que, a julgar pelas sensações experimentadas, o comprimento do membro atrofiado não lhe parecia mais curto do que o outro. Um aleijado, ao qual faltava quase todo o antebraço, de sorte que a mão atrofiada parecia ligar-se diretamente ao cotovelo, tinha a sensação de possuir um braço normal, cujo comprimento em nada era inferior ao outro braço.”

No que se refere às interpretações teóricas dos fatos, William James nada mais faz que desenvolver, com maior amplitude

analítica, as teses de seus predecessores: Bernstein, Pitres e Weir Mitchell. De resto, nada mais se poderia dizer sobre o assunto, visto que somente examinando o tema à luz reveladora das pesquisas psíquicas é que se pode entrever novas interpretações.

Assim sendo e em homenagem ao desejo de ser breve e de não repetir as longas argumentações analíticas do Prof. James, limitar-me-ei a citar um trecho muito claro de Bernstein, no qual está proposta a mesma hipótese psicofisiológica formulada pelo primeiro. Escreve ele:

“No coto do membro amputado, encontram-se troncos nervosos, cortados, que fornecem filetes sensíveis a todo o membro. Ora, na cicatriz curada, existem, freqüentemente, causas de irritação para os troncos nervosos e, como essa excitação nervosa é projetada ao cérebro, ela produz certa sensação e, ao mesmo tempo, desperta, pelo hábito, por assim dizer, a imagem da parte do corpo onde se terminavam naturalmente. Então, o cérebro leva, pelo hábito adquirido, essa sensação ao membro do corpo onde partem os nervos excitados, mesmo quando já não existe o membro.”

Repito que esta explicação parece satisfatória e legítima, todavia se considerarmos os casos em questão, do ponto de vista das novas investigações sobre os fenômenos de “exteriorização da sensibilidade”, não podemos deixar de sentir-nos perplexos, verificando, de uma parte, tal particularidade inconciliável com a hipótese periférica e, de outra parte, os fatos tendentes a provar a existência real do membro fantasma nos amputados.

Assim, a respeito da hipótese periférica, não podemos deixar de refletir que, se na cicatriz curada existem, de ordinário, causas de irritação para os troncos nervosos, não ficou dito que essas causas existem “em permanência”.

Vimos, além disso, que bem freqüentemente o mutilado experimenta sensações dificilmente redutíveis à hipótese mencionada, mas, ao contrário, explicável com a da existência real do membro fantasma. Tal seria, por exemplo, a “sensação da integridade” de um amputado que, ao atravessar uma poça d’água e molhar o pé que lhe resta, sente também o contato da água com o

pé faltante, caso em todos os pontos análogo ao que cita o Dr. Pitres, de um amputado que ressentia impressão de frio no membro fantasma sempre que a extremidade de sua perna de pau mergulhava n'água (Dr. Pelletier, ob. cit., pág. 284). Torna-se claro que não se poderia invocar as irritações periféricas, visto que os cotos de ambos os mutilados não entravam em contato com a água, mas só a perna de pau.

Sobre o assunto, mais sugestivos ainda são os casos precedentemente citados e estudados pelo Prof. Valentin, nos quais pessoas nascidas com mutilações congênitas dos membros, igualmente experimentam “sensações de integridade” nos dedos inexistentes de uma mão ou no braço anormalmente curto, o qual, de acordo com as impressões recebidas, parece ser tão comprido quanto o outro. Parece, agora, evidente que, em tais circunstâncias, não se pode suspeitar que:

“O cérebro transporta então, pelo hábito adquirido, essa sensação ao membro do corpo de onde partem os nervos sensíveis, mesmo quando tal membro não mais existe.”

E mesmo ainda poderia afirmar-se o fato de que, nos casos em questão, os centros cerebrais de inervação possam ter *adquirido o hábito* de transmitir sensações de integridade a membros que jamais existiram *integralmente*.

**Caso 1** – A hipótese periférica parece ainda menos sustentável em face do caso que se segue, no qual um amputado percebe sensações de dor em membro inexistente.

O Comandante Darget, cujas experiências sobre a fotografia do pensamento são conhecidas de todos, comunicou à *La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* (1913, pág. 304) o seguinte episódio por ele mesmo verificado, durante o verão de 1913. Escreveu ele:

“Estando de visita a Vézetz (*Indreet-Loire*), vi um moço maneta (braço direito), chamado Sicos, passar diante de casa. Alguns dias depois encontrei-me com a sua mãe, que me relatou o acidente de seu filho, cujo braço fora esmagado por uma engrenagem.

“O que de mais estranho há – disse-me ela – é que meu filho sente a presença de seu braço que falta, cujos dedos, a-firma, pode mover à vontade.”

Eu lhe disse então: “Diga a seu filho que ele estenda seu braço faltante sobre a chama de uma vela, de modo que a chama o percorra desde o ombro até a ponta dos dedos e talvez ele venha a sentir a queimadura.”

Dois dias depois ouvi o moço chamar-me na rua para me dizer o seguinte: “Ah!, o senhor me pregou uma boa peça e me fez queimar os dedos.”

Então me explicou que estendera seu braço ausente sobre a chama da vela, fazendo com que ela o percorresse até a ponta dos dedos, e que somente neles havia sentido a queimadura, ao passo que no braço nada experimentara.

Ainda me disse que podia torcer o braço ausente à vontade, mas não completamente e só em ângulo reto, cuja figura me fez com o braço existente.

Fui então à sua casa, vendi-lhe os olhos e, agindo sobre o seu braço, ora percorrendo-o com a chama de uma vela, ora passando sobre ele a minha mão, convenci-me de que me havia dito a verdade.

Bem sei que a medicina já observou casos semelhantes, mas os atribuiu a uma causa diversa da presença do perispírito, no qual ela não acredita...”

A narração foi subscrita pelo próprio mutilado, Fernando Sicos, com a assinatura reconhecida pelo secretário da Prefeitura, Sr. Gaucher, que lhe apôs o selo da repartição.

Noto que, no caso exposto, há uma circunstância que exclui toda possibilidade de auto-sugestão nas sensações experimentadas pelo amputado: é a em que Sicos afirma não ter experimentado sensação alguma no braço fluídico inteiro exposto à chama, mas ter ressentido de repente a dor que produz uma queimadura, quando a chama chegava onde deveriam achar-se os dedos da mão ausente. Certo de impressão dolorosa consecutiva de um fenômeno de auto-sugestão, ele deveria experimentar a queima-

dura em qualquer lugar do braço submetido à chama e não exclusivamente nos dedos.

Eliminada a hipótese da auto-sugestão, cai igualmente a hipótese periférica, formulada pelos fisiólogos para explicar, de qualquer maneira, o estranho fenômeno. E a hipótese da persistência temporária de um braço fluídico em tais circunstâncias parece a mais legítima para explicar os fatos chamados “sensações de integridade nos amputados”.

**Caso 2** – Resta-me, enfim, mostrar que se chegou a obter também a fotografia do braço fluídico de um amputado e isso graças ao magnetizador Alphonse Bouvier, célebre pelas numerosas curas magnéticas que realizou e algumas das quais são dignas de ser levadas em boa consideração.

No *Journal du Magnetisme* (julho de 1917), publicou ele longa relação sobre o modo pelo qual chegou a fotografar um membro amputado, relação essa ilustrada com um bom clichê, onde aparece a sombra fluídica de um braço ausente.

Tomo à revista *Psychica* (1931, pág. 129) os documentos que reproduzo aqui, especialmente uma carta pessoal que Bouvier escreveu à diretoria daquela revista, Sra. Borderieux, na qual diz ele:

“Partindo da hipótese de que, dando a análise espectral vestígios dos gases os menos densos e, nestes, os mais rarefeitos, no espectro, por traços obscuros correspondentes: traço de absorção, ou por traços brilhantes, se os gases são levados à alta temperatura em determinadas condições de emissão, daí induzimos que o duplo magnético deveria ele próprio marcar a sua presença. O fato vem confirmar a hipótese, mas, em lugar de marcar exatamente os traços e determinar-lhes o comprimento das ondas, fomos surpreendidos por formas, ora formas de eflúvios desprendendo-se das mãos, ora de membros amputados, tal como a mão fantasma de que lhe falei.

A fotografia que lhe remeto mostra o mutilado cujo braço, amputado a 13 cm do ombro, está estendido, fazendo uma diagonal de cerca de 33 graus, o antebraço e a mão se ele-

vando a 23 e 25 graus sobre o plano horizontal, tomada ao nível do ombro. O comprimento do braço é mais ou menos de 63 cm; de resto, é este o comprimento do braço esquerdo.

Quando foram batidas as fotografias, nada de particular vimos sobre o écran, como quando obtemos simples radiações magnéticas ou outras; é na revelação das chapas que aparecem os objetos.

Quando colocamos o membro amputado de um mutilado no espectro, experimenta ele certa sensação que se modifica segundo os raios que o atravessam; cada dor do espectro dá uma sensação distinta, mas sempre análoga para todos os que o fazem, o que implica a ação, sobre os membros fluídicos, de uma diferença no comprimento das ondas, coisa que os nossos físicos podem verificar se se derem ao trabalho de estudar esses fenômenos.”

Alphonse Bouvier reforça a validade de suas experiências pessoais com uma descrição minuciosa dos métodos empregados, precauções tomadas, modalidades segundo as quais se desenvolveram as mesmas; enfim, deu todas as indicações tecnicamente necessárias e importantes, que me abstenho de relatar para ser breve.

Como se vê, com estas últimas experiências, achamo-nos em presença de concludentes provas de fato quanto à demonstração da existência real, sob forma fluídica, do membro amputado, o que equivale, de maneira não menos concludente, a demonstrar a existência imanente de um “corpo etéreo” no “corpo somático”. Daí a importância teórica que assumem os fenômenos de “sensações de integridade nos amputados” para solução do grande problema aqui considerado, o qual reveste importância fundamental para a demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. É neste ponto evidente que certos homens de ciência, sistematicamente contrários à sobrevivência humana, após terem convenientemente estudado os fenômenos psíquicos, reconheceram publicamente a realidade de quase toda a fenomenologia metapsíquica, mas... se recusam ainda a admitir a existência de um “corpo etéreo” imanente no “corpo somático” e

isso, evidentemente, porque tal aceitação forçá-los-ia a renunciar a convicções filosóficas pessoais e sinceras. O último dentre eles, o Prof. Barnard, recentemente publicou um grosso volume intitulado *Le supranormal*, no qual reconhece a realidade de quase toda a fenomenologia metapsíquica, salvo o espantoso fenômeno de “bilocação”, fenômeno que implica a existência de um “corpo etéreo” capaz de se separar temporariamente do “corpo somático”, com as conseqüências que daí decorrem. Assim estando as coisas, desejável é que outros experimentadores não tardem a retomar as importantes experiências de Alphonse Bouvier, de modo a conferir-lhes o valor de fatos devidamente conquistados para a ciência.

E aqui, a título de observações complementares, convergindo para conclusões idênticas, cito ainda exemplos de sensitivos que, encontrando-se com pessoas amputadas de um membro, espontaneamente declaram perceber o membro faltante sob a forma fluídica. O Dr. Kerner conta a respeito da célebre vidente de Prevorst o seguinte:

“Quando ela encontrava uma pessoa que perdera um membro qualquer, continuava a vê-lo ainda ligado ao corpo. Quer dizer então que via a forma do membro produzida pela projeção do fluido nervoso, do mesmo modo pelo qual via as formas fluídicas de pessoas mortas. Talvez nos permita esse interessante fenômeno explicar as sensações experimentadas pelas pessoas que ainda sentem o membro amputado. A invisível forma fluídica do membro ainda está em relação de continuidade com o corpo visível e isso nos prova, suficientemente, que, após a destruição do invólucro visível, a forma é conservada pelo fluido nervoso.” (Dr. Kerner, *A Vidente de Prevorst*, pág. 47).

Passando à rápida exposição de impressões análogas de pessoas atacadas de hemiplegia, observo, a propósito, quanto a hipótese periférica se torna sempre mais problemática e insustentável, considerando que tais enfermos asseguram sentir e ver bem perto de si, e precisamente do lado paralisado, uma outra pessoa que vêem como reprodução exata delas mesmas, e têm a

impressão de que goza ela da inteira sensibilidade que lhe foi tirada.

O Dr. Sollier expõe tais fatos no *Bulletin de l'Institut Général Psychologique* (1902, pág. 45, e 1904, pág. 539) e os explica recorrendo a uma variante da hipótese periférica, a saber: como “projeções alucinatórias de origem sinestésica”. Devemos, contudo, observar que, se para os amputados, as duas hipóteses são legítimas por se conservarem inteiros, nos amputados, os centros de inervação periférica e o sentido sinestésico, não se poderia afirmar a mesma coisa para os hemiplégicos, cujos centros de inervação, correspondentes ao lado paralisado, estão destruídos e cujo sentido sinestésico está mais ou menos *enfraquecido*. Não seria lícito falar, aqui, de sensações de “desdobramento” consecutivo a excitações periféricas, transmitidas a centros inexistentes, como também haveria contradição em falar de *uma hipertrofia* do sentido sinestésico indo até provocar uma objetivação alucinatória, ao mesmo tempo em que o sentido em questão se acha *enfraquecido* e *diminuído*, em consequência de lesões traumáticas centrais, e não de desordens funcionais, o que seria outra coisa.

*Et per converso* não existiria contradição, e os fatos se conciliariam com a teoria quando, nas pesquisas psíquicas de hoje sobre os fenômenos de “exteriorização da sensibilidade”, se sustentaria a tese do desdobramento nos casos de hemiplegia, fazendo notar como, por efeito da paralisia sobrevinda, os liames que uniam o “duplo fluídico” a uma metade do organismo provavelmente desapareceram e assim determinaram uma separação parcial de um do outro.

Concluo e resumo: o fenômeno das “sensações de integridade” nos amputados e o outro, conexo, das “impressões de desdobramento” nos hemiplégicos, bastam por si sós para provar, de um ponto de vista inesperado, a existência de um “corpo etéreo” imanente no “corpo somático”. E é esta a prova fundamental indispensável à demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano. Além disso, como os fenômenos em questão representam o grau inicial dos fenômenos de “bilocação”, concorrem eles, admiravelmente, para completar as



provas experimentais necessárias à demonstração científica destes últimos, os quais, em seu pleno desenvolvimento (quando então são transferidas ao fantasma desdobrado a consciência, a inteligência, a memória integral e as faculdades sensoriais supra-normais) fazem emergir uma circunstância muito importante, a saber, que a sobrevivência do espírito humano à morte do corpo evidencia um fato experimentalmente demonstrável, *mesmo que alguém queira limitar-se aos fenômenos de bilocação.*

## Segunda categoria

### Casos em que o *sujet* percebe seu próprio duplo, conservando plena consciência (autoscopia)

Boa parte dos fatos que se enquadram na presente categoria são, indubitavelmente, de origem psicopática, circunstância que não implica devam ser considerados como tais todos os fenômenos em estudo, assim como a existência de visões alucinatórias não exclui a existência de numerosas alucinações verídicas. Estas conclusões parecem mais do que legítimas quando se considera que a realidade da existência dos fenômenos de “bilocação” subentende e torna teoricamente verossímeis as manifestações iniciais dessa natureza.

É fato que existe grande número de visões autoscópicas nas quais tudo concorre para demonstrar a existência de algo de objetivo, projetado no espaço. De qualquer forma, reconheço que todos os fatos, ou quase todos, pertencentes a esta categoria não apresentarão, por si sós, apreciável valor metapsíquico, mas existem outros episódios análogos, de caráter positivamente objetivo, que será impossível separar, em virtude de terem eles sua parte de valor teórico.

Isto dito, limitar-me-ei a uma breve enumeração de fatos desse gênero.

**Caso 3** – E, para começar, eis um exemplo de visão de “duplo”, provavelmente de origem psicopática:

“Em junho de 1889, entre 8 e 9 horas da noite, estação e hora em que ainda é claro na Escócia, vi chegar a mim uma pessoa que reconheci ser o meu próprio “duplo” quando ela se aproximou, com a diferença de que o rosto dessa forma sorria, ao contrário do meu. Assim como eu, vestia roupa branca, mas suas mãos pareciam cobertas de alguma coisa escura, como se estivessem calçadas de luvas, o que eu não trazia. Então caminhei pelas ruas do jardim e estendi a mão para a forma, a qual desapareceu instantaneamente. Eu contava 24 anos, gozava de perfeita saúde e não era presa de

tristezas nem de preocupações sobre o futuro.” (Ass. Srta. A. B. O., *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 75).

Ainda que pareça temerário estabelecer, em um ramo de investigações iniciadas há pouco, um *critério de prova* para separar os fenômenos presumidos verídicos dos fenômenos alucinatórios, não é possível fazê-lo, apesar de tudo, todas as vezes que se queira empreender um trabalho de desembaraço de materiais brutos e assim marcar o primeiro passo para uma classificação orgânica dos fatos, o que equivale a dizer, para uma compreensão progressiva dos fatos em si. Isto dito, observo que um *primeiro critério* a empregar, com este fim, poderá ser estabelecido sobre uma base comum aos casos mais notáveis de “desdobramento em estado de vigília”. Consistiria em que o *sujet* tenha ao mesmo tempo consciência de estar submetido a uma diminuição de suas forças vitais, quer sob a forma de uma súbita sensação de torpor e de frio, quer pela invasão de uma sonolência irresistível, quer ainda pela sensação de uma espécie de vácuo interior, quase sempre localizado no cérebro, e assim por diante, sensações todas que confirmariam, em certo sentido, a existência de algo vital que efetivamente saiu do organismo.

Aplicando, pois, esse *critério* ao exemplo citado, em que a percipiente vislumbra o seu próprio “duplo”, ainda que se ache em condições fisiológicas normais, concluir-se-ia que se trata, em tais circunstâncias, de pura alucinação psicopática.

Ao contrário, no caso que se segue, encontram-se as sensações subjetivas que vimos de falar. Está resumido, nestes termos, na *Crítica das alucinações*, publicada pela *Society for Psychological Research*.

**Caso 4** – Eis o caso a que me referi acima:

“Em outra circunstância, a percipiente Srta. I. B., então criança, viu aparecer seu próprio “duplo”, sentado ao seu lado. O fenômeno se repetiu diversas vezes e em cada uma a forma aparecia sentada perto dela, reproduzindo, ao mesmo tempo, os movimentos que fazia. Essa visão era sempre precedida de uma sensação de extremo torpor. O caso se reno-

vava durante os períodos em que estava seriamente indisposta.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 199).

Aqui estão reunidas as sensações de frio e o estado de lassidão profunda, consecutivas a toda visão de “duplo”, o que justificaria a conclusão de exteriorização provável de algo de vital fora dos limites do corpo.

Apresso-me, todavia, a observar a este propósito que salientar, como faço, a importância teórica de tais sensações subjetivas em relação aos presumidos fenômenos de desdobramento não significa que eu os considere como um *critério suficiente* para estabelecer a existência do fenômeno, mas apenas como uma *condição necessária* para estabelecer esta conclusão cada vez que se verifica, ao mesmo tempo, outras circunstâncias de fato, tendentes a tornar provável o “desdobramento”.

A título de *segundo critério de prova*, assinalarei esta outra circunstância de fato que, quando muito, no momento em que o percipiente vê seu próprio “duplo”, ele se acha sob condições de anestesia e analgesia parciais ou totais, circunstância que, neste caso, implicaria a existência provável do fenômeno correspondente de “exteriorização da sensibilidade” e, portanto, a possibilidade da formação real de um “fantasma óptico” no qual se teria concentrado a sensibilidade, possibilidade que já não se pode esquecer depois das famosas experiências do Coronel de Rochas, do Dr. Luys, do Dr. Joire e do Dr. Durville.

O Dr. Sollier costumava encontrar, de modo preciso, a existência da anestesia nos processos do fenômeno de “autoscopia”.

### **Caso 5** – Eis os fatos por ele narrados:

“Trata-se de uma mulher de 28 anos, morfinômana de altas doses. No momento da privação da droga, apresentou ela, como acontece freqüentemente, fenômenos histeriformes que nunca teve antes. No dia seguinte, à noite, parecia adormecer, mas na realidade se achava em estado ligeiramente cataléptico, como se pôde verificar quando era modificada a posição dos membros. Repentinamente lamenta-se ela e faz o gesto de repelir alguém. E então conta que tem a seu

lado uma pessoa que é absolutamente igual a ela, que está deitada a seu lado, sendo ela obrigada a afastar-se para lhe dar lugar.

“É aborrecido – diz ela – ter essa forma ao lado...”

Ao fim de alguns minutos desta cena, tendo abertos os olhos e parecendo desperta, tive a idéia, verificando que continuava insensível, de lhe soprar nos olhos, ordenando-lhe energicamente, que despertasse. Ela se sobressalta, olha-me e apenas parece ver-me: “Olá! Bom dia, estava aí?”, disse-me ela. E muito menos sente o seu duplo, a seu lado. Então insisto, fecho-lhe os olhos e de novo sopro neles, ordenando-lhe que acorde. Ela estira os membros e o corpo, boceja e tem o olhar bem mais claro. Ainda vê o seu duplo, mas não vê os seus braços e nem os seus pés. Ora, verifico que ela começa a recuperar a sensibilidade dos braços e das pernas e que agora sente quando a belisco, mas o tronco e a cabeça ainda estão anestesiados... Na manhã seguinte, em seguida a uma crise de contrações, faço-a despertar, isto é, recuperar mais a sua sensibilidade. Esta reaparece nos membros e na maior parte do tronco, só permanecendo insensíveis a parte superior do peito e a cabeça. Assim, ela quase não vê seu duplo, que se acha em estado vaporoso e plana acima dela... Dois dias depois, voltou completamente a sensibilidade, mesmo na cabeça, depois do que jamais se reproduziu a alucinação.” (Dr. Sollier, *Bulletin de l’Institut Général Psychologique*, 1902, pág. 48).

Segundo o Dr. Sollier, as circunstâncias indicadas demonstrariam, à saciedade, que os fenômenos de “autoscopia” não são mais que “concretizações” alucinatórias causadas por perturbações de ordem sinestésica (quer dizer, desse conjunto de sensações vagas que levam à noção da existência pessoal).

A meu ver, pelo contrário, as circunstâncias acima descritas só provam, à saciedade, uma coisa: a correspondência perfeita, matemática, existente entre os fenômenos de “autoscopia” e as perturbações da sinestesia. De modo algum daí resulta que os primeiros não sejam senão “concretizações” alucinatórias, de-

terminadas pelo segundo. Para resolver o caso, preciso seria que o dito doutor tratasse de se certificar se acaso a anestesia da paciente não correspondia ao fenômeno de exteriorização da sensibilidade localizada no ponto em que ela via seu próprio “duplo”. Nesse caso a hipótese por ele proposta se teria revelado insuficiente para explicar a razão dos fatos, visto que as desordens sinestésicas, em vez de serem a *causa efetiva* do fenômeno de “alucinação autoscópica”, se teriam reduzido a *sintomas* atestando a existência de algo de *objetivo* nos fenômenos de “autoscopia”.

**Caso 6** – Neste novo caso é, ao contrário, o *próprio sujet* que, percebendo o seu “duplo” a distância, verifica que a sensibilidade periférica se transferiu para o “duplo”. O caso foi narrado pelo Dr. Lemaitre e o extraio do citado volume de Delanne, pág. 388:

“Certo colegial, que chamaremos Boru, inteligente, livre de qualquer nevrose, bem como a respectiva família, aconteceu ter, aos dezoito anos e quando se preparava para o exame de literatura francesa, um caso de autoscopia de admirável nitidez. Ocorreu ele na tarde de 22 de janeiro de 1901, no momento em que o jovem fazia o paralelo entre os caracteres de duas peças cornelianas: “Polyeucta” e o “Cid”. E eis como relatou o caso:

“Eu estava bastante atarefado, em traje caseiro, quando, em meio da análise de uma cena do “Cid”, tive necessidade de uma informação. Levantei-me e fui ao aposento próximo buscar o volume de que necessitava. Como se deu o fato? Sempre preocupado com esse mínimo detalhe, achei-me no umbral da porta do meu quarto e ao lado da cabeceira do meu leito, com um livro na mão e a outra segurando a maçaneta da porta. Estava nessa posição, quando de repente me vi em traje caseiro a escrever, na minha mesa, a frase em que pensava e criava mentalmente. Não sei quanto tempo isso durou, mas nenhum detalhe faltava nessa visão, nem o lampião com a sua faixa verde, nem a pequena biblioteca acima da minha cabeça, nem os cadernos, nem o tinteiro, etc. Coisa

curiosa: tinha consciência perfeita de estar em pé diante da porta e sentia o frio metálico da maçaneta que eu segurava, mas, ao mesmo tempo, experimentava a sensação de estar sentado na cadeira e de exercer, com os meus dedos, a pressão necessária para escrever. Eu via um Boru sentado, melhor ainda, eu via e lia a frase que ele escrevia e contudo ele estava distante dois a três metros da porta. Depois fui à mesa e nada mais subsistiu dessa duplicata. Boru 1 e 2 talvez se fundiram em um só.”

Os casos de “dupla consciência”, análogos a este, são teoricamente importantes, porque servem para provar, baseado em fatos, que os fenômenos de “autoscopia” representam efetivamente uma fase inicial dos fenômenos de “bilocação”, nos quais a consciência já não é bipartida, mas integralmente transferida, com a inteligência e as faculdades sensoriais supranormais, para o “corpo etéreo” exteriorizado, enquanto que o “corpo somático” está estendido em condições de sono sonambúlico profundo ou em catalepsia.

No caso citado, a consciência do *sujet* permanece e reside no organismo corporal, enquanto que a sensibilidade parece ter emigrado para o fantasma; no caso que se segue, o fenômeno de “dupla consciência” se repete com maior precisão e se evidencia um dos mais probantes do nosso ponto de vista. Com efeito, neste caso a pessoa tem plena consciência de se achar sentado em seu próprio lugar, ao mesmo tempo em que, simultaneamente, sente-se existir também no fantasma exteriorizado, donde vê seu próprio corpo estendido e inerte sobre o divã, do que resulta poder ser considerado este último episódio como um exemplo de transição, graças ao qual se assiste a um dos fenômenos de “autoscopia”, os quais se infiltram e se confundem com os de “bilocação”, nos quais a consciência da pessoa está integralmente transferida para o fantasma, casos que serão examinados na categoria seguinte.

Observo, finalmente, que o fato que passo a relatar é análogo ao precedente por uma curiosa coincidência: trata-se de outro estudante que, preparando-se para os seus exames, passa, por sua

vez, pelo fenômeno de “autoscopia”. Dir-se-ia que o esforço intelectual favorece o desdobramento fluídico.

**Caso 7** – Tiro-o do *Journal of the S. P. R.* (1894, pág. 287).

O Dr. C. E. Simons conta que, em janeiro de 1890, aos 25 anos de idade e quando estudava medicina, aconteceu-lhe certo dia passar por um fenômeno estranho, e isso quando, com outros colegas, se preparava para os exames na Faculdade. Escreve ele:

“... Achava-me na situação de alguém presa de um pesadelo. Sentia-me incapaz de mover-me em uma ou outra direção e experimentava a sensação de estar ligado de pés e mãos. Somente podia mover os olhos para todos os lados, mas não conseguia abrir ou fechar as pálpebras. Tinha plena consciência do que ocorria em meu derredor. Via as horas – 3:49 da tarde; olhava o caderno em que escrevia o meu amigo H., observando que tomava notas do tratado de “Matemática Médica”. Permaneci assim por três minutos, contados no relógio à minha frente. Durante esse tempo, tive a sensação de uma “força” desconhecida que paralisava os meus movimentos, e essa força parecia concentrar-se atrás de mim, à distância de um metro pouco mais ou menos, ao nível dos meus ombros.

Quando me perguntava se estaria acordado ou não, de repente tive a consciência de me dividir em dois seres distintos, e foi a “força” em apreço que produziu o fenômeno. Um dos dois seres jazia inerte sobre o divã; o outro estava livre e se deslocava num círculo restrito, donde podia, à vontade, contemplar o segundo. Entre ambos existia uma “força elástica” que impedia o rompimento do laço que os unia. À vontade podia eu obter que o ser, diante de mim, se estendesse no chão ou circulasse no quarto, a pouca distância do outro. Quando a distância entre ambos atingia certo limite, a “força elástica” que os unia se estirava. Além desse limite (que agia entre os dois seres) nenhum esforço de vontade de minha pessoa conseguia distanciar mais o ser fluídico e, atingido o limite, eu experimentava forte sensação de resistência nos dois corpos.



Esse fenômeno de “desdobramento” durou mais de cinco minutos. Em seguida pareceu começar a fusão dos dois seres, à qual eu resistia, percebendo poder impedi-lo à vontade. Finalmente, por curiosidade, para saber o que poderia acontecer, deixei efetuar-se a união, que foi rápida, sem incidentes. De novo tentei então provocar a separação, mas a mesma “força” que, a princípio, havia paralisado os meus movimentos, agora me impedia de repetir o desdobramento.

Nenhuma sensação tive ao despertar. As condições em que me achava dissiparam-se simplesmente, pouco a pouco. Convém notar que, no período de desdobramento, jamais cessei de me interrogar sobre o que me estava acontecendo, cuidando em observar o que se passava em volta de mim, com o propósito de verificar, em tempo útil, se as observações feitas correspondiam à verdade, e tudo se confirmou minuciosamente exato.

Exerço a profissão de médico há muitos anos e, por toda parte, sempre investiguei para descobrir se outros haviam passado por fenômenos análogos ao meu, mas não obtive resultado algum. É por isto que me decidi comunicar este caso à *Society for Psychical Research.*” (Ass. Dr. C. E. Simons).

Tendo comentado o caso precedente para realçar-lhe a importância teórica, bem pouca coisa me resta a assinalar, exceto a circunstância interessante da pessoa que teve a sensação, bem rara nos casos de “bilocação”, da existência de uma “forma elástica” que ligava o corpo etéreo ao corpo carnal. Em termos metapsíquicos, dever-se-ia dizer que se tratava do “cordão fluídico”, que indissoluvelmente une o fantasma exteriorizado ao corpo somático, visto que a ruptura desse cordão de circulação vital entre o fantasma ódico e o corpo inanimado determinaria a morte fulminante da pessoa desdobrada.

\* \* \*

Termino como principiei. Não há dúvida alguma de que, no grupo de fenômenos de autoscopia, freqüentemente se enxertem casos de visões, aparentemente análogos, de origem psicopática, o que, todavia, não autoriza a classificar toda a fenomenologia

do gênero no grupo das alucinações propriamente ditas. As hipóteses formuladas, neste sentido, pelo Dr. Sollier, podem ser consideradas satisfatórias, julgadas cientificamente legítimas ao tempo em que não existiam as investigações científicas. Hoje, não. As magníficas experiências de “exteriorização da sensibilidade” com a formação imediata de um “fantasma óptico” perceptível pelas pessoas imersas em sono sonambúlico e verificáveis por meio de provas engenhosas, notadamente a que consiste na introdução de reativos químicos em solução, no lugar em que a pessoa percebe o seu próprio corpo exteriorizado, demonstram a existência de algo de objetivo em tal ponto. E se assim é para as provas de autoscopia experimental, nada se opõe a que o mesmo aconteça nos casos de autoscopia espontânea. Sem contar que a existência dos fenômenos de “bilocação” com fantasma exteriorizado consciente, inteligente, dotado de faculdades sensoriais supranormais, concorre para reforçar a tese sustentada, visto que tais fenômenos nos forçam a inferir que os casos de autoscopia representam a fase inicial dos casos de bilocação. Isto dito, em homenagem à pesquisa da verdade pela verdade, e nada mais, porquanto os fenômenos de “bilocação” não precisam, para serem confirmados, dos de “autoscopia”. Contrariamente, foram as investigações sobre os casos de bilocação que obrigaram a mudar de opinião sobre a verdadeira natureza de uma parte dos fenômenos de autoscopia.

## Terceira categoria

### Casos em que a consciência pessoal se acha transferida para o fantasma

Os casos da presente categoria acontecem durante o sono fisiológico ou provocados por anestésicos, bem como nos estados sonambúlico-hipnóticos, no delírio, no coma, nas crises de convalescença, no esgotamento nervoso e assim por diante. Raramente se verificam em condições fisiológicas e psicológicas normais.

Nesses casos, eles sobrevêm no decurso de um repouso absoluto do corpo ou se segue ao sono. Nesta última circunstância, o sentido do desdobramento é, antes, vago, indeciso, fugaz.

Uma das características mais importantes dessa espécie de casos parece consistir no fato de que, durante a evolução a distância do “fantasma desdobrado”, se produzem quase sempre episódios variados de percepções verídicas de coisas ou de situações longínquas (lucidez, telestesia), o que se verifica também algumas vezes nos casos em que o fantasma desdobrado não se afasta do corpo.

Notarei, a este propósito, que a manifestação das faculdades de clarividência nos fenômenos de desdobramento apresenta à reflexão a conseqüência bem natural, dado o seu caráter, desses mesmos fenômenos, e mais particularmente do fato, bastante freqüente, da evolução a distância do fantasma que ela concebe *a priori*. Tudo como *a priori* se pode estabelecer que, ao se admitir a existência dos fenômenos de “desdobramento”, pode-se exigir esta condição *sine qua non* que, conjuntamente com eles, se realizem fenômenos de *visão dos lugares correspondentes à exteriorização sobrevinda*, o que esta leva a repetir que se devesse ter por verossímil a hipótese da existência, no homem, de um “fantasma fluídico” sensível e consciente, capaz de abandonar, por certo tempo, o organismo corporal para se afastar no espaço, neste caso seria preciso que, conjuntamente com a lembrança da “bilocação efetuada”, emirjam da consciência do *sujet* reminiscências verídicas das sensações experimentadas durante a exteri-

orização, sem o que a interpretação *objetiva* de tais acontecimentos seria cientificamente pouco digna de ser tomada em consideração e os próprios acontecimentos, segundo os casos, facilmente reduzidos a romances oníricos ou alucinatórios, ou, por outra, a fenômenos puramente subjetivos.

Assim sendo as coisas, o fato de verificar-se plena concórdia entre as induções *a priori* e as modalidades segundo as quais se produzem as manifestações em questão, assume considerável valor teórico tendente a demonstrar a existência de algo de *objetivo* nos próprios fenômenos.

Isso estabelecido, começo a série de exemplos com três casos, os mais simples do gênero, em que a sensação de “desdobramento” com a visão do corpo inerte sobrevém e se mantém na vizinhança do próprio corpo, o que exclui, naturalmente, salvo circunstâncias excepcionais, a produção de fenômenos simultâneos de lucidez e de telestesia. De todos os modos, eles oferecem matéria para sérias reflexões, como se verá pelos comentários que se seguem à exposição dos fatos.

**Caso 8** – É um exemplo de sensação de “desdobramento” em estado de repouso, em condições aparentemente normais. Tiro-o do *Journal of the American S. P. R.* (1908, pág. 450). A percipiente, Sra. Quentin, é uma mulher distinta, conhecida pessoal do Prof. Hyslop e dotada de formas particulares de sensibilidade supranormal. Escreve ela:

“Quatro ou cinco vezes, estando deitada, experimentei a indescritível sensação de me sentir aparentemente separada de meu corpo. Senti-me então a flutuar no ar, pairando acima de meu corpo, que eu olhava, perfeitamente consciente do que me rodeava. O que experimentei foi um sentimento delicioso de absoluta liberdade, ainda que de minha parte necessário fosse certo esforço para prolongá-lo. Após breves instantes, experimentei uma curiosa sensação, um não-sei-quê de indefinível que me impeliu a reentrar em mim mesma e então me surpreendi ao pensar: “Preciso voltar ao meu corpo”. Tenho a convicção de haver conseguido prolongar esse período de liberdade por um esforço de vontade, mas

por curta duração, pois, como já disse, produziu-se algo em mim que me obrigou a reentrar pouco a pouco no meu corpo.”

**Caso 9** – Tiro-o da *Light* (1903, pág. 34). Refere-se a uma sensação de desdobramento ocorrido em seguida a inalações de clorofórmio. Assim se exprime o Dr. George Wyld:

“Certo dia, em 1874, resolvi aspirar clorofórmio a fim de me livrar de intensos sofrimentos causados pela passagem de um cálculo renal. A dor cessou repentinamente e, de súbito, vi-me transportado, sob “forma anímica”, a 6 ou 7 pés acima da cama em que me achava deitado, inerte, com o meu corpo em posição de observá-la. Esse fenômeno durou apenas alguns segundos, porém foram suficientes para me convencer de haver assistido à separação de minha forma anímica do meu corpo.

Contei o meu caso pessoal a outros médicos que empregam o clorofórmio e eles afirmaram que alguns dos seus clientes lhe haviam contado ter passado por experiência igual. Fui à Assistência Dentária e ali tive outras confirmações do gênero, mas todos consideravam tal coisa como simples ilusão. Não eu, porque sabia, de conhecimento seguro, que se tratava de fatos reais.”

**Caso 10** – O Dr. Franz Hartmann escreve nos seguintes termos a *The Occult Review* (1908, pág. 160):

“Em 1884, ano em que me encontrava em Colombo, na ilha do Ceilão, fui certo dia, em companhia de meu amigo B., ao consultório de um dentista para extrair um dente. Tomei clorofórmio e, logo que experimentei a sua influência, achei-me de pé por detrás da cadeira em que jazia o meu corpo. Via-me e sentia-me precisamente a mesma pessoa como em meu estado normal, distinguia todas as coisas em meu redor e entendia o que falavam; todavia, quando procurei apanhar um dos instrumentos colocados na mesinha perto da cadeira, não o consegui e vi os meus dedos atravessarem o instrumento.

Depois desse acidente, em outra ocasião me aconteceu assistir a uma separação do meu *eu* do “corpo físico”, o que se deu de dois modos diferentes: quando, nas condições em que sobreveio o “desdobramento”, as faculdades conscientes continuavam sediadas no organismo e então eu percebia o meu “corpo astral” ereto diante de mim, ao lado do leito, e quando, ao contrário, as faculdades conscientes se encontravam no “corpo astral”, via o “corpo físico” estendido, inerte, no leito.

Já não me acontece mais fazer excursões “astrais” a distância, ou pelo menos disto não guardo lembrança, todavia os fatos expostos são suficientes para convencer que o homem possui um “corpo astral” capaz de existir independentemente do “corpo físico”. Para quem fala de tais fenômenos por experiência pessoal, as negativas *a priori*, dos que nada de pessoal têm a contar, parecem tão capciosas que não podem ser aceitas em caso algum, assim como não se poderia admitir os argumentos dos que, nunca tendo visto vias férreas, pretendessem negar-lhes a existência.”

Como já fiz notar, os casos iguais a estes, no qual o fantasma desdobrado e consciente não se afasta do lugar em que jaz seu próprio corpo, verificam-se raramente ao mesmo tempo que os fenômenos de lucidez, e isto em consequência de sua própria natureza. Eles não apresentam, pois, grande valor teórico, salvo quando simultaneamente se verificam outros fenômenos de ordem mais complexa e sugestiva; todavia, com relação a estes, convém considerar sempre o fato de *se sentirem existir pessoalmente na plenitude de suas próprias faculdades sensoriais e conscientes fora do corpo e com o aspecto do corpo*.

Fisiologicamente falando, não parece fácil explicar tal sentimento, visto que – repare-se bem nisto! – o fenômeno se diferencia *em tudo* dos que foram considerados na categoria precedente, nos quais o *eu* pessoal e consciente continua a residir no organismo e percebe a distância o seu próprio fantasma, fenômeno análogo a outros descritos nos tratados de patologia mental e quando muito redutível a fato de alucinação pura e simples. Aqui, o contrário, achamo-nos em face de um fenômeno inverso

que não deixa lugar a qualquer hipótese alucinatória, dado que, do ponto de vista psicológico, existe um abismo intransponível entre a sensação de *ver o seu próprio “duplo”* e a de *achar-se consciente fora do corpo, independente do corpo, igual ao corpo*.

E, se é verdade que, combinando a hipótese alucinatória com a da “desagregação psíquica” chega-se a resolver problemas psicológicos assaz complexos como o das “personalidades múltiplas”, isto de modo algum implica que, com esta mesma combinação ou com os postulados da psicologia, se consiga dar razão, mesmo de longe, ao sentimento em questão, o qual – eu o repito – é coisa inteiramente diversa, uma vez que os fenômenos de “personalidades múltiplas”, quer simultâneas, quer sucessivas, se produzem *no corpo* e não *fora do corpo*, diferença que, psicologicamente, assume enorme importância, porque ela denota, como neste último caso, que se acha em jogo o *sentimento de existir*, que é, por assim dizer, um estado de consciência primordial e irreduzível, o fundamento de todos os outros estados de consciência, do qual não é permitido duvidar sem pôr em dúvida a nossa existência e conseqüentemente renunciar a todo conhecimento e ciência, sentimento que se impõe à razão como uma realidade e que psicologicamente assume o valor de um imperativo categórico.

Poderiam, todavia, observar-me que me esqueci da explicação mais simples, que seria a interpretação *onírica* dos fenômenos de que se trata. Concordo que tal tese pode ser sustentada com argumentos psicofisiológicos e comparações sábias extraídas da casuística onírica, porém tudo isto não é possível quando se aprofunda o tema e sobretudo quando se trata de estabelecer as diferenças existentes entre as duas ordens de fenômenos: a de começar pelo fato de que, enquanto de uma parte se observa o encadeamento mais perfeito e mais normal dos acontecimentos, percepções e julgamentos conformes ao que se passa no estado de vigília, de outra parte, pelo contrário, reina soberana a inverossimilhança dos episódios e a incoerência lógica (salvo alguns rápidos relâmpagos de discernimento correto na confusão dos sucessos e dos sentimentos) para terminar nesta outra observa-

ção: para nos pronunciarmos sobre os fenômenos de “desdobramento”, não basta analisá-los em particular, mas é preciso estudá-los cumulativamente, o que leva a examiná-los simultaneamente com uma multidão de exemplos de “percepções verídicas de situações longínquas” que coincidem com as sensações experimentadas de deambulação ao longe até ligá-los a outros fatos de experiências de “exteriorização da sensibilidade” intimamente ligados aos fenômenos em questão e, finalmente, estudá-los em suas relações altamente sugestivas com os fenômenos de “materialização”, fenômenos estes últimos ligados por sua raiz “anímica” aos fatos estudados, manifestações todas que certamente não se podem explicar pela hipótese onírica e que por isto concorrem poderosamente para confirmar o caráter *objetivo* das sensações de “desdobramento” que se realizam nos primeiros e os mais simples fatos de “bilocação”. Resulta daí que a hipótese onírica se demonstra inaplicável aos próprios fatos, donde me parece que a obstinação no querer explicá-los, invocando para tal a pretensa analogia entre as duas ordens de fenômenos manifestamente diferentes, equivale a dar provas de grande incompetência na matéria, e ao mesmo tempo, de uma análise toda superficial.

**Caso 11** – Antes de passar aos casos que contêm episódios de lucidez e de telestesia, convém ainda citar dois casos análogos aos anteriores, porém bem mais sugestivos no sentido da tese aqui sustentada. Tomo o primeiro deles ao *Journal of the S. P. R.* (1929, pág. 12) e é um episódio da Grande Guerra, enviado pelo protagonista a Sir Oliver Lodge, que, por seu turno, o enviou à supracitada publicação. Escreve o autor:

“Deixamos Monchiet depois do meio dia e após horrível marcha numa estrada de lama misturada com neve fundida em que não cessávamos de escorregar, atingimos Beaumetz à noite. Uma parada curtíssima e novamente em marcha para Wailly, na linha do fogo. Lá entrávamos num ramo de trincheira, onde tivemos de patinhar em água lamacenta. Essa trincheira era de uma milha de comprimento e nos parecia interminável. O lodo líquido subia-nos aos joelhos e uma sa-raiva gelada nos açoitava o rosto. Estávamos transidos de frio até a medula dos ossos. Finalmente chegávamos à linha



de fogo, onde deveríamos render um batalhão francês. Achávamo-nos na pior das trincheiras, que, durante meses, não fora reparada, estando em vários lugares esboroadas e não mais protegia as nossas cabeças do fogo inimigo. Era, em todas as partes, um buraco de espuma. H. e eu fomos logo destacados para montar guarda. Encontrávamo-nos de tal forma exaustos que nem mesmo nos restava força para mal-dizer a nossa sorte. Nosso corpo estava prostrado, ensopado, gelado até os ossos pela saraiva implacável que nos fustigava e mortos de fome por nada mais ter o que comer. Era impossível acender um fogo e nem uma chaleira tínhamos para esquentar um pouco de água. E nem mesmo uma polegada de terreno seco para sentarmos ou um abrigo para enganar a fome fumando o cachimbo. H. e eu estávamos de acordo em reconhecer que nunca acreditaríamos possível que tantos sofrimentos pudessem juntar-se assim para martirizar seres vivos e, contudo, já havíamos conhecido muitas noites desse suplício inaudito.

Muitas horas passamos nessa horrível situação, quando, para mim, tudo mudou de modo imprevisto. Tive consciência absoluta de me achar fora de meu corpo. Compreendi que o meu *eu* consciente, o espírito – não importa o nome – literalmente se libertara do organismo corporal e de fora eu contemplava esse miserável corpo vestido de cinza-verde, que era o meu, mas para o qual eu olhava com perfeita indiferença, porque, se eu estava consciente de que ali se achava o meu corpo, nada mais havia que me prendesse ao seu martírio e eu o encarnava como se tivesse pertencido a outrem. Sabia que o meu corpo devia sofrer de maneira atroz, mas o meu *eu*, isto é, o espírito, nada ressentia.

Durante todo o tempo em que me achei nessas condições de existência, parecia-me que o acontecimento era natural. Foi somente depois de ter reentrado em meu corpo que me convenci de ter vivido a mais estranha experiência de minha vida... Nada jamais poderá abalar minha convicção íntima, absoluta, isto é, a certeza de que, nessa noite infernal, o meu espírito separou-se temporariamente de meu corpo físico...”

**Caso 12** – Também este é um episódio da Grande Guerra. Tiro-o da *Light* (1919, pág. 46). O Capitão Gilbert Nobbs publicou as suas memórias de guerra sob o título de *Englishman; Kamrad!*

Durante a batalha do Somme, foi o autor do livro ferido por uma bala na fronte esquerda e caiu de costas em um buraco de obus. A bala saíra pelo olho direito e ele ficara logo cego e assim permaneceu. Recolhido por uma patrulha alemã, fizeram-no prisioneiro e trataram-no com humanidade. Esteve inconsciente durante dois dias, foi medicado e voltou a si.

O incidente que se segue ocorreu no campo de batalha quando caiu de costas, gravemente ferido. Escreve ele:

“Hesito em narrar o que me aconteceu, mas, uma vez que me esforço por fixar no papel as sensações experimentadas no momento em que fui ferido na cabeça, eu o farei em termos simples, deixando ao leitor o cuidado de formar uma opinião sobre o assunto.

Fiquei logo cego e assim permaneci, porém as trevas eternas que me envolviam naquele momento sofreram uma trégua súbita quando uma voz murmurou em mim: “A morte se aproxima. Queres vir conosco?” O véu das trevas parecia descer lentamente e então tive a sensação do espaço. Além havia trevas espessas. Invadiu-me inefável sentimento de beatitude, de paz. Nada era comparável àquela indescritível felicidade! Em certo momento, olhando no vácuo, vi o meu próprio corpo deitado em um buraco de obus, com o sangue a correr como de uma fonte. Estava, pois, morto e aquele era o meu cadáver, mas como me sentia feliz!

Tive, todavia, a impressão de que a voz que eu ouvira esperava por uma resposta e, empregando um supremo esforço, exclamei não sei como: “O meu tempo ainda não está cumprido. Não quero morrer.” De novo subiu e me envolveu o véu de trevas. Meu corpo fez um movimento. Fui eu quem o provocou. Eu voltava à vida.

Descrevo escrupulosamente as minhas sensações de então. Acrescento que eu não estava inconsciente quando me acon-

teceu o que descrevo, nem mesmo perdi a consciência por alguns minutos e, quando se produziu a coisa, compreendi quão diferente é a verdadeira inconsciência do estado em que me encontrava na ocasião.

Quanto ao acontecimento descrito, que o chame alucinação quem quiser ou bem uma ilusão do cérebro. Pouco me importa e eu não pretendo influenciar o leitor a respeito, limitando-me a colocar no papel as minhas impressões daquele momento solene. Quanto às minhas convicções pessoais, eu as conservo para mim, todavia, ei-las aqui: “De qualquer maneira que se interprete o meu caso, para mim não existe mais o mistério da morte, portanto não a temo mais.”

Como se vê, todos os que passaram pela solene experiência de que tratei relataram a inabalável convicção de haverem assistido à separação de espírito e corpo e, em consequência, adquiriram esta outra certeza inabalável de que o espírito sobrevive à morte do corpo. Do exposto, vê-se que é racional se mostrem eles intransigentes ante as afirmações negativas dos representantes da ciência oficial que, nunca tendo realizado a grande aventura de se encontrarem vivos fora do corpo, com a sua própria personalidade consciente, perceptiva, separada do corpo e perto dele, não se acham em condições de formar uma concepção clara sobre o valor prático e positivo de uma convicção fundada nessa experiência.

**Caso 13** – Os três casos que se seguem foram publicados na *Revue Metapsychique* (1930, págs. 191/193) e todos eles são teoricamente interessantes. Nos comentários que farei após o terceiro caso, reservo-me o direito de discutir as conclusões a que chega o médico em sua interpretação dos fatos.

O primeiro exemplo foi remetido pelo Sr. L. Hymans, em junho de 1928, ao Prof. Richet. Ei-lo:

“Creio ser útil narrar-vos um fenômeno que me aconteceu por duas vezes, o que parece provar que a consciência pode funcionar independentemente do cérebro.

Por duas vezes, em completo estado de consciência, vi meu corpo inanimado, com a sensação de ser ele um objeto exterior a mim. Não procuro explicar como *vi* sem olhos; apenas atesto a ocorrência.

A primeira vez foi na cadeira de um dentista. Quando era anestesiado, tive a sensação de acordar e de me sentir a flutuar no alto do aposento, de onde eu olhava, com o maior espanto, o dentista que me fazia o tratamento e, ao seu lado, o assistente encarregado da anestesia. Via meu corpo inerte e tão distintamente como todos os objetos que lá se achavam, formando tudo como que um quadro vivo. Tal coisa só durou alguns segundos. Novamente perdia a consciência e despertei na cadeira com a impressão bem clara do que havia visto.

A segunda vez estava em Londres, hospedado em um hotel. Acordei sofrendo algo (tenho o coração um pouco fraco) e, algum tempo após o meu despertar, tive um desfalecimento.

Grande foi a minha surpresa ao encontrar-me imediatamente no alto do quarto, de onde eu via, assustado, meu corpo inerte na cama, de olhos cerrados. Tentei em vão reentrar em meu corpo e concluí que estava morto. Pus-me a pensar no que diriam os hóspedes do hotel, meus parentes e meus amigos. Perguntava-me se haveria inquérito judicial, em que iriam dar os meus negócios. Certamente, eu não havia perdido a memória, nem a consciência de mim mesmo. Via meu corpo inerte e pude observar o meu rosto, contudo não pude abandonar o quarto, sentindo-me, por assim dizer, acorrentado, imobilizado no canto em que me achava.

Após uma ou duas horas, ouvi bater à porta (fechada à chave) vezes seguidas, sem poder dar sinal de vida. Pouco depois o porteiro do hotel apareceu na sacada (munido de uma escada de salvamento). Vi-o entrar no quarto e olhar ansiosamente o meu rosto e em seguida abrir a porta. Pouco depois entraram o gerente do hotel e outras pessoas. Veio um médico, vi-o sacudir a cabeça, ao auscultar-me o coração, e depois introduzir uma colher entre os meus lábios.

Senti uma perturbação e acordei na cama. Tudo isso durou pelo menos duas horas...”

A revelação acima é teoricamente de grande interesse, sobretudo o segundo episódio, no que há o fato inabitual de a personalidade desdobrada permanecer em tal estado, plenamente consciente de si, observando o que se passava em volta de seu corpo, *durante duas horas seguidas*, o que teoricamente é importantíssimo, porque está eliminada toda possibilidade de sofismar sobre a fugacidade das impressões desse gênero.

Note-se também a observação do paciente, relativa à sua impossibilidade de poder sair do quarto, como se acorrentado ao lugar, prova evidente de que se ele não percebeu a existência do cordão fluídico que o ligava ao corpo, todavia não lhe escaparam as conseqüências materiais dessa ligação.

Observo, finalmente, que ele, como também outros, tirou de sua própria experiência a dedução lógica de poder a consciência funcionar independentemente do corpo físico.

**Caso 14** – O Sr. Charles Quartier, redator da *Revue Métapsychique*, relata o seguinte caso acontecido com ele mesmo:

“Em setembro de 1918, estando enfraquecido pela chamada gripe espanhola e o organismo completamente debilitado pela longa alimentação insuficiente consecutiva à guerra, acontecia-me freqüentemente desmaiar durante a minha convalescença e isto de modo inesperado. Ora, certa tarde, repousava eu deitado em um canapé colocado em um canto de meu quarto. Durante esse tempo, minha mãe conversava, no vestíbulo, com algumas visitas que acabavam de chegar, quando, de súbito, vi-me a mim mesmo como se houvesse caído do canapé, com a cabeça e o peito no chão mas as pernas ainda sobre o móvel.

Experimentei então três espécies de sentimentos, sem poder precisar se isso foi simultânea ou sucessivamente.

Um sentimento agradabilíssimo e quase impossível de descrever, de expansão, de plenitude, de universalidade, de extrema facilidade, em outras palavras, de uma inverossímil

euforia, tal como nunca, depois, experimentei no mesmo grau.

Em seguida invadiu-me um sentimento quase de pânico, que nascia do insólito espetáculo e da consciência de me achar diante de um fato normalmente impossível: *ver-me a mim mesmo fora do intérprete de um espelho. Ora, nesse aposento não havia espelho algum.*

Enfim, a idéia ou sentimento de que se eu permanecesse de cabeça no soalho poderia ser perigoso e era preciso, a todo preço, levantar-me, o que procurei fazer – pelo menos essa foi a minha impressão – sempre do exterior por assim dizer, como se tratasse de erguer o corpo de um estranho para recolocá-lo em seu lugar, naturalmente sem resultado algum.

Depois pareceu-me estar no vestíbulo, ansioso por atrair a atenção de minha mãe que conversava com as suas visitas e que de repente exclamou: “Esperai-me um instante. Preciso ver o que acontece com o meu filho. Parece que ele me chamou”. Depois minha memória nada mais conservou até o momento em que despertei normalmente no canapé, com minha mãe a meu lado a me prodigalizar cuidados apresentados, os habituais em caso de síncope.

Eis o breve relato de meu aparente desdobramento, tal qual dele me recordo na época atual. Infelizmente os fatos não foram registrados por escrito no justo momento de seu acontecimento, o que sempre se deveria fazer, mas nisso não se pensa... Uma coisa é certa: vi-me a mim mesmo, numa posição certamente perigosa, ou pelo menos tal era a minha ilusão absoluta... E o que me choca também é esse sentimento de euforia absoluta e inefável que caracteriza tal estado e o fato de que, quando me pareceu achar-me no vestíbulo para chamar a atenção de minha mãe, esta experimentou um sentimento de inquietação (acreditando mesmo que eu a chamava), o que a impeliu a vir para junto de mim, ainda convicta de que eu estivesse repousando tranqüilamente no canapé.”

Instada a dizer algo a respeito do caso, a progenitora do Sr. Charles Quartier respondeu o seguinte:

“... se me recordo do caso? Sim, segundo a expressão familiar, como se fosse de ontem. Foi muito impressionante!

Meu filho padecera horrível gripe que quase o vitimou. Achava-se em convalescença e ousava apenas levantar-se por breves instantes, para recuperar as forças.

Certa tarde, e quando descansava no canapé, depois de alguns passos pelo quarto, saí para receber visitas: uma senhora e dois filhos. Havíamos trocado algumas palavras quando exclamei: “Desculpe-me, creio que meu filho me chama”.

“Mas nada ouvimos”, disseram as visitas.

“Sim, estou certa disto”, respondi eu.

Voltei ao quarto e encontrei desmaiado meu filho convalescente, caído do canapé, onde permaneceram somente os pés.

Logo depois de ter recobrado a consciência, o que levou muito tempo, ele me fez o relato de seu “desdobramento”, relato que me impressionou o mais possível, como bem se pode imaginar, e, depois disso, muitas vezes conversávamos a respeito desse singular acontecimento.

Meu filho era muito pesado e as minhas visitas foram ajudar-me a levantá-lo e repô-lo no canapé. É uma coisa que não se pode esquecer.” (Ass. E. Quartier-Tissot, 12 de maio de 1930).

Da exposição deste fato, pode-se concluir que ele se desenvolveu em um tempo bem longo.

Por outro lado, observo que o caso em questão contém o episódio do protagonista, que teve a impressão de ter-se dirigido para o vestíbulo com o propósito de advertir a sua progenitora para que ela o fosse socorrer, ao mesmo tempo em que ela experimentava uma impressão de tê-lo ouvido chamá-la, incidente supranormal, verídico, que teve por efeito arrancar o enfermo, a tempo, de sua posição perigosa.

Importante e sugestiva essa sensação de euforia, de expansão do ser, de plenitude de vida, de universalidade de consciência combinada com a consciência individual, tal como foi experimentada pelo enfermo e tal qual a ressentem em grande número as pessoas nos casos de desdobramento, da mesma maneira que os místicos em êxtase ou também as pessoas normais em momentos excepcionais de existência. E a todos se aplica a descrição desse sentimento extraordinário, assim como se revelou à consciência elevada do grande poeta inglês Alfred Tennyson, que escreveu:

“Nunca tive experiência de revelação pelo efeito de anestésicos, mas freqüentemente experimentei uma espécie de “transe” (eu não poderia achar termo melhor) desde a minha infância e nos momentos em que me achava só. A experiência se realizava com facilidade quando eu mentalmente repetia o meu nome com monótona insistência. Nesse caso acontecia-me como se a intensa consciência de minha individualidade provocasse o seguinte fenômeno: entrar em um estado ou individualidade que parecia dissolver-se e transformar-se em uma condição supranormal, condição que não era de modo algum confusa, porém clara entre as mais claras, certa entre as mais certas, ainda que literalmente inexplicável por palavras e na qual a morte se tornava uma impossibilidade ridícula. A perda da personalidade (se o pudermos dizer), longe de significar extinção, revelava-se a mim como a única e verdadeira vida. Aflige-me a insuficiência de minhas expressões, mas já não havia eu dito que tal estado era inexplicável na linguagem humana?”

**Caso 15** – A Sra. Natalie Annenkof escreve nestes termos ao Dr. Osty:

“Vós me pedistes para descrever os dois casos de “saída de meu corpo”, casos que já vos contei. Vou tentar fazê-lo o mais exatamente possível.

Há quatro anos que aconteceu o primeiro caso. Então eu ignorava que tal fosse possível, pois nenhuma idéia tinha dessas coisas.



Na primavera de 1926, durante um dia belo e quente, estava eu no cemitério, sentada à beira da sepultura de minha filha, que eu perdera recentemente. Achava-me deprimida e triste, mas gozava de boa saúde. Recordo-me bem de que, enquanto observava as abelhas que faziam a sua provisão de mel nas flores que eu havia plantado, senti que me tornava leve; cada vez mais leve física e moralmente. Minha primeira impressão foi a de que as minhas pernas e os braços já não pesavam, depois o ventre e em seguida o peito. E de repente achei-me acima e ao lado de meu corpo, que eu via sentado na borda do túmulo. Contemplei o meu rosto fatigado e notei mesmo que o meu mantô estava manchado de terra. Tinha a sensação de pairar sobre o meu corpo, em completa beatitude, e experimentava a sensação de um grande e luminoso prazer de viver, como se eu vivesse mil vidas ao mesmo tempo, e de completa quietude.

Não podia mover-me e disso não sentia necessidade, mas podia ver, compreender e ter o sentimento de uma vida interior e ditosa. Meu corpo parecia um farrapo, alguma coisa abandonada, e eu pensava: “Isto é a morte!” e, contudo, sentia o prazer de viver.

Vi o guarda do cemitério aproximar-se de meu corpo, tocá-lo, apalpá-lo, chamar-me e partir correndo. Mais tarde me disse que fora chamar a ambulância, pois as minhas mãos e os pés começavam a esfriar.

Quando o via a correr, compreendi que ele me julgava morta e repentinamente fiquei aterrorizada. “Isto é a morte! – pensei eu. – Como irá meu marido viver sem mim?”, mas eu me sentia tão cheia de vida que me disse a mim mesma: “É preciso que eu volte a entrar no meu corpo”. Tentei reentrar nele, temia não poder consegui-lo.

Comecei por sentir o peso, em seguida as dores, as pequenas indisposições às quais estamos de tal modo habituados que quase nos passam despercebidas. Logo depois veio a tristeza e uma vontade de chorar. Pouco a pouco fui recuperando meu corpo.

Há duas semanas reproduziu-se o mesmo fenômeno.

Certa tarde eu lia um livro jocoso e as farsas estúpidas faziam-me rir sozinha. De repente tive a impressão de abandonar meu corpo e o percebi deitado com o livro nas mãos, ao mesmo tempo em que me senti no ar, bem ditosa, com um sentimento de vida interior. Olhava meu corpo, achava-o bem disposto e disse para mim mesma: “É pena morrer assim tão jovem!”. Aproximei-me de meu corpo estendido e procurei reentrar nele. Logo senti que ele me absorvia como uma folha de papel absorve ou como uma esponja absorvendo a água. Aí meu marido tocou a campainha e eu me levantei para lhe abrir a porta.”

Assim termina a narrativa da Sra. Annenkof, narrativa em que se notam as mesmas particularidades que tornam interessantes os dois casos relatados pelo Dr. Osty, ou sejam, a longa duração do fenômeno de bilocação e um sentimento complexo e inefável de suprema beatitude vivida pelas pessoas desdobradas.

Isto dito, passo a expor e a comentar as conclusões a que chega o Dr. Osty a propósito dos três casos em questão, conclusões que, naturalmente, dão lugar a uma interpretação alucinatória dos fenômenos, combinada com qualquer clarão fugaz de lucidez telepática. Acentua ele:

“Pode-se supor, *se se estiver resolvido a não transpor os limites da Psicologia clássica*, que os nossos três visionários, durante a sua “alucinação de si”, tiveram uma percepção normal do que se passava em redor deles, em consequência do que a sua imaginação fez um todo da alucinação e do real, conjunto de que a revocação memorial completou a aparente homogeneidade.

Pode-se também perguntar se em tais casos não houve a entrada em jogo do plano especial do psiquismo que é, algumas vezes, o autor do fenômeno da mesma natureza: *a alucinação telepática de outrem*, o que acrescentaria ao fenômeno da visão de si uma presa fortuita de conhecimento paranormal. O caso Quartier sugere particularmente a possibilidade disso. Muitas outras explicações podem ser conce-

bidas, sugeridas pelo saber e as opiniões particulares, inclusive a explicação tão pronta a sugerir nos espíritos imbuídos das únicas doutrinas da Psicologia clássica: que os fatos da *visão em si*, levados ao grau daqueles que citamos, são provavelmente, ainda que involuntárias, puras criações da imaginação, maravilhosas ilusões.” (ob. cit. págs. 196/197).

Assim se exprime o Dr. Osty, que, como todo o mundo sabe, é um investigador forte e genial em matéria de faculdades supra-normais subconscientes, tendo contribuído, mais do que qualquer outro, para a elucidação do formidável problema da clarividência no passado, no presente e no futuro. Entretanto, nesta ocorrência em que se trata dos fenômenos de “bilocação”, dir-se-ia que ele já não se acha em um ambiente metapsíquico de sua competência. Noto que começa por observar que “se pode supor que, se se estiver resolvido a não transpor os limites da Psicologia clássica”, seríamos levados a raciocinar como ele raciocina e o seu ponto de partida, tanto mais que imprudente e pouco sábio, pode servir-lhe para atenuar o caráter superficial e inabitual dos seus argumentos, todos puramente gratuitos, uma vez que, de uma parte, são destituídos de toda base experimental que pudesse justificá-los, ao passo que, de outra parte, não levam em conta as numerosas circunstâncias que os tornam insustentáveis e absurdos. Tal, por exemplo, a ocorrência dos fantasmas desdobrados no leito de morte, vistos sucessivamente ou simultaneamente por diversas pessoas, assim como a outra circunstância das descrições detalhadas dos “videntes”, relativas ao fenômeno observado, descrições que são sempre as mesmas entre todos os povos civilizados, bárbaros e primitivos.

Isto dito, cumpre reconhecer que, nos limites misoneístas que ele voluntariamente se impõe, não podia fazer outra coisa senão argumentar sem fundamento, tal como fez, o que não impede um crítico de observar que, em face dos fenômenos de “bilocação”, ele raciocina à maneira de um psicólogo que, ignorando tudo em matéria de Metapsíquica, pronunciasse o seu julgamento sobre os fenômenos telepáticos e os classificasse, em conjunto, entre os fenômenos de alucinação; caso que mostraria ao Dr. Osty o seu erro, visto que a Metapsíquica demonstra que, de concerto

com as visões patológicas de fantasmas inexistentes, realizam-se visões verídicas de fantasmas de vivos, que são classificadas como visões patológicas. Ainda mais: quando o Dr. Osty se põe a discutir os fenômenos de “bilocação”, que ele não conhece, comete a imprudência de cair no mesmo erro de esquecer o preceito fundamental de toda a investigação científica, isto é, que não se deve formular um julgamento sobre dada ordem de fenômenos se não se tiver antes realizado um laborioso trabalho de análise comparada, compreendendo toda a gradação fenomenológica de seu desenvolvimento, o que significa, no nosso caso, que ele deveria começar pelos casos de “sensação da integridade nos amputados” para terminar pelas “visões *coletivas* de fantasmas desdobrados nos moribundos”. Se houvesse agido assim, certamente não teria afirmado que os fenômenos em questão eram explicáveis, em massa, pela teoria da alucinação sob as suas múltiplas formas.

Em outras palavras, o Dr. Osty renova o erro em que caiu o ilustre Lavoisier a respeito dos aerólitos quando afirmava: *“Não há pedras no céu, portanto de lá não podem cair pedras.”* E ele repete também o erro em que caiu o grande filósofo Herbert Spencer a propósito da telepatia, quando asseverou: *“Como não podem existir fantasmas de chapéu e bengala, certo é, e fora de dúvida, que os supostos fantasmas telepáticos são, em seu conjunto, alucinações patológicas”*.

E o Dr. Osty, a seu turno, em substância, chega a esta conclusão: *“Como não podem existir fenômenos de “bilocação”, porque isto estaria em desacordo com a Psicologia universitária, é claro, é fora de dúvida, que as pretensas “visões de si mesmo” são, em seu conjunto, alucinações patológicas”*.

Prometo demonstrar, sobre a base dos fatos, com esta obra, que os fenômenos de “bilocação” existem como existem pedras no céu e como há, na Terra, fantasmas telepáticos. Provarei que, sustentando o contrário, ele cometeu uma imprudência solene, tal como o fizeram os seus ilustres antecessores.

**Caso 16** – No caso que se segue, onde ainda se trata de um fantasma desdobrado, que não se afasta do local em que jaz o seu

corpo, encontram-se circunstâncias verídicas de ordem supra-normal, controláveis e controladas.

Meu amigo, o engenheiro Giuseppe Costa, em seu interessante livro *Di là della vita*, pág. 18, relata o seguinte acontecimento ocorrido com ele mesmo:

“Acho útil mencionar as condições particulares em que me achei quando me aconteceu o mais misterioso evento de minha vida, porque elas podem esclarecer singularmente a origem do fenômeno em si. Foi por uma pesada noite de um mês de junho muito quente, durante o qual eu me preparava intensamente para os exames de ciência... Eu havia provavelmente ultrapassado o limite de minha resistência intelectual no esforço terrível de querer triunfar nas provas de três anos inteiros de curso com uma preparação de apenas três meses de estudo e após um período completo de cinco anos de inatividade. Ainda que me sustentasse inquebrantável vontade de resistir à fadiga que me oprimia o espírito, eu devia sucumbir, totalmente extenuado, à imperiosa necessidade de repouso e, mais desfalecido do que adormecido, deixei-me cair na cama sem apagar o lampião de petróleo que continuava a arder em cima da mesinha.

Um movimento involuntário de meu braço derrubou o lampião aceso, entre a mesa e a cama, o qual não se apagou, mas fez uma fumarada espessa durante um tempo assaz longo para encher o quarto com uma nuvem negra de gás, bem acre e pesado. A atmosfera tornava-se cada vez mais irrespirável e, no dia seguinte, provavelmente o meu corpo seria achado inerte se não se produzisse um estranho fenômeno. Tinha a sensação clara e precisa de me encontrar com o meu único *eu* pensante, no meio do quarto, *completamente separado do corpo*, que permanecia estendido na cama. Eu *via* – se permitido é assim designar a sensação que experimentava – as coisas em redor de mim como se uma radiação penetrasse através das moléculas dos objetos sobre os quais incidia a minha atenção, *como se matéria se houvesse dissolvido ao contato do pensamento*.

Meu espírito estava impressionado pelas coisas ao meu redor como uma chapa se impressiona pelos raios Roentgen, mas com superposição de vibrações, evidente também nos objetos inanimados, que tornavam perfeitas a abstração e a imaterialidade da matéria. Via o meu corpo, perfeitamente reconhecível pelas suas particularidades, o seu perfil, o rosto, mas também os feixes de veias e nervos, que vibravam como um formigamento luminoso. Eu não saberia encontrar outras frases para exprimir mais exatamente a visão de algo que não era matéria e que me chocava com uma sensação indefinível, que não pode ser compreendida nem mesmo descrita, porque neste momento me esforço por interpretar com as impressões de cinco sentidos tudo aquilo que então percebi com o sexto sentido. Se permitirem a comparação, direi que, se pudéssemos materializar a impressão que o corpo experimenta de uma descarga elétrica, traduzindo-a em uma forma visível, ter-se-ia materializado a imagem palpitante dos nervos e de meu sangue, como os percebia. O quarto achava-se imerso na mais completa escuridão, porque a chama do lampião derrubado não chegava a difundir a luz fora do vidro muito enegrecido, mas, durante esse meio tempo, em que via os objetos, ou melhor, seus contornos quase fosforescentes, desaparecerem assim como as paredes, minha atenção concentrada me fazia perceber, da mesma maneira, os objetos nos aposentos vizinhos. Meu *eu* pensante não tinha peso ou, para melhor me exprimir, não sentia a impressão da força de gravidade e não tinha noção de volume ou de massa. Eu não era mais um corpo, visto que meu corpo jazia inanimado na cama. Era como a expressão tangível de um pensamento, de uma abstração, capaz de me transportar a qualquer região da terra, do mar, do céu, mais rápido do que o relâmpago, no mesmo instante em que eu formulasse a vontade e mesmo sem a noção do tempo e do espaço.

Se eu dissesse que me sentia livre, ligeiro, etéreo, nem de longe exprimiria a sensação que experimentava naquele momento de libertação infinita, mas não era uma impressão

agradável. Eu me sentia tomado de uma inexprimível angústia, porém tinha a intuição de poder livrar-me dela se tirasse meu corpo de tal situação que me oprimia. Quis, pois, levantar o lampião e abrir a janela, mas, por uma ação imaterial que não consegui efetuar, como não consegui mover os membros, que pensava poder acionar com o sopro de minha vontade espiritual. Então meu pensamento voltou-se para minha mãe, que dormia no quarto ao lado. Eu a via perfeitamente através da parede que separava os nossos quartos, repousando tranqüilamente em seu leito, mas o seu corpo, ao contrário do meu, parecia emitir uma luminosidade ou fosforescência radiosa. Parecia-me que não seria preciso qualquer esforço para obrigá-la a se aproximar de mim. Via-a descer apressadamente da cama, correr à janela, abri-la, como se ela executasse o último pensamento que tive antes de a chamar, depois sair do quarto, passar pelo corredor, transpor a porta e, tateando, com os olhos desmesuradamente abertos, avançar em minha direção. Pareceu-me que o seu contato teve a faculdade de fazer o meu *eu* espiritual reentrar no corpo. Encontrei-me desperto, com a garganta ressequida, as fontes a martelarem, a respiração ofegante e o coração a saltar no peito.

Posso assegurar ao leitor que, até tal momento, nada havia lido e nunca ouvira falar de Espiritismo: ensinos espíritas, fenômenos de bilocação, desdobramento da alma. Eram-me completamente desconhecidas as experiências mediúnicas e as sessões de Espiritismo, portanto, de modo absoluto, posso excluir a hipótese de que se tratava simplesmente de um fenômeno de sugestão, nem tão pouco podia tratar-se de um sonho, devido à enorme diferença das sensações que persistiram, na memória, de imagens provocadas por um sonho, e as muito desiguais em sua recepção sensitiva que, no momento, estavam presentes no meu espírito. Com efeito, nessa recordação, eu não encontrava essa nebulosidade, essa sensação indistinta entre o quimérico e a realidade que revestem as impressões de um sonho, porque, enfim, *também jamais tive a sensação tão viva de existir realmente como no ins-*

*tante em que me senti separado do corpo.* Minha mãe, que interroguei pouco depois do acontecimento, me confirmou ter primeiro aberto a janela de seu quarto, como se ela mesma tivesse sentido a sufocação, antes de acorrer em meu auxílio. Efetivamente, o fato de *ter visto seu gesto através das paredes ao mesmo tempo em que eu jazia inanimado na cama* exclui qualquer hipótese de alucinação e de pesadelo durante um sono sobrevindo em circunstâncias fisiologicamente anormais.

Excluídas, portanto, as hipóteses de sugestão, de sonho, de alucinação e de pesadelo, não resta outra dedução lógica senão a de supor que o meu *eu* pensante agiu fora de meu corpo e, em tais condições, dotado de faculdades transcendentais, ele pôde ver além das paredes e chamar urgentemente minha mãe para junto de meu corpo a fim de que o socorresse. Tive, nesse caso, a prova mais evidente de que a *minha alma se destacara de meu corpo durante a sua existência corporal*. Tenho, em suma, a prova da existência da alma e também a de sua imortalidade, visto que, tendo-se ela libertado, sob a influência de circunstâncias especiais, do invólucro do corpo, agindo e pensando fora dele, com mais forte razão deveria ela reencontrar, após a morte, a plenitude de sua liberdade e a extinção de todo vínculo com a matéria.”

O fato exposto reveste particular interesse, visto ser o protagonista dele um amigo, pessoa de muita cultura e também um verdadeiro homem de ciência, de modo que chegou a descrever, minuciosamente, as suas próprias impressões, com rara penetração analítica, apresentando aos pesquisadores um conjunto completo e plenamente sugestivo das sensações que experimentou durante as condições de desdobramento. A descrição do estado em que se achou reveste um valor metapsíquico a começar pela observação de que a visão espiritual “penetrava através das moléculas dos objetos, como se a matéria se houvesse dissolvido em contato com o pensamento”, tornando para ele evidente o que significam as presentes descobertas científicas sobre a imaterialidade da matéria.



Notável também o fenômeno de “autoscopia interna” graças ao qual ele vê, à distância, o interior de seu próprio corpo com os feixes nervosos a vibrarem como um formigamento luminoso, devendo-se notar que, ao perceber, através da parede, sua própria mãe mergulhada em sono, certificou-se de uma circunstância interessante, isto é, que do corpo dela emanava uma fosforescência radiante, quando o corpo nada deveria irradiar e isso evidentemente porque a vitalidade e o espírito estavam temporariamente projetados fora do corpo. Note-se ainda a eficácia sugestiva da sensação experimentada “de se sentir livre, leve, etéreo”, como a expressão tangível de um pensamento, de uma abstração, capaz de transferir-se a qualquer parte da terra, do mar, do céu, mais veloz que o pensamento, por um simples ato de vontade.

De outro ponto de vista, convém assinalar o fato de haver ele conseguido transmitir o seu próprio pensamento à sua progenitora, de forma a despertá-la e obter que ela fosse socorrê-lo para o salvar de morte certa.

Observo, finalmente, que, neste caso como em outros, o acontecimento sucedido levou o seu protagonista à conclusão inamovível de haver assistido “à separação do corpo de sua própria alma” e, em consequência, à certeza de existência e da sobrevivência do espírito humano. Tal concordância de opiniões é de tal modo racional e legítima que quase inútil se torna assinalá-la, todavia cumpre insistir por causa dos numerosos negadores, de boa fé, da sobrevivência e, sobretudo, para afirmar o valor que adquire a opinião cumulativa dos que pessoalmente assistiram à separação de seus espíritos dos seus próprios corpos, os únicos competentes para julgar a fundo a questão, julgamento este que não compete aos homens de ciência, que, do alto das suas cátedras, decretam, sentenciosamente, que o todo deve ser considerado como “um complexo de objetivação alucinatória, determinada pelas perturbações de sinestesia”.

**Caso 17** – Passando a outros exemplos, apresento um fato, em todos os pontos análogo aos anteriores, mas no qual já se encontram os sinais de lucidez combinada com precognição. Tiro-o do *Journal of the American S. P. R.* (1908, pág. 515). A

percipiente, Sra. J. P., conhecida pessoal do Prof. Hyslop, é professora agregada à Universidade da Califórnia. Escreve ela:

“Quando tinha 24 anos de idade, fui submetida a uma anestesia por ocasião de uma operação cirúrgica. No momento em que ia recuperar os sentidos, pareceu achar-me livre no aposento, sentir-me perfeitamente bem, mas sem o meu corpo. Tinha a impressão de estar transformada em espírito e ter atingido, por meio da dor, a paz almejada. Olhava, em baixo, o meu corpo inanimado no leito. Nesse aposento achavam-se as duas irmãs de minha sogra: uma delas, sentada ao lado, aquecia as minhas mãos e a outra, em pé, do outro lado, observava. Tive, não sei como, a impressão de que eminentes sofrimentos e provas estavam reservadas a ambas, coisa de que, todavia, não guardei lembrança, mas que compreendi fazerem parte da trama do seu destino. Não desejava, absolutamente, volver ao meu corpo, porém, a meu pesar, senti-me forçada a retornar a ele.

O que de mais curioso há em minha experiência é que, logo que acordei, perguntei: “Onde está a Sra. K.?”, ao que a minha sogra respondeu: “Como podes saber que ela veio aqui?” Com efeito, a Sra. K. não se achava presente no instante em que fui adormecida, pois chegou quando já me achava dormindo e com os olhos fechados. Respondi: “Eu a percebi, lá naquele lugar, em pé.” Nada mais quis acrescentar, porque, nada existindo de comum entre nós, eu temia cair no ridículo ao narrar a experiência por que acabara de passar. Até àquele momento nunca pude compreender o que queriam dizer os que afirmavam a existência de uma vida futura.”

Eis uma pessoa cética, ao que parece, quanto a uma vida futura, e que muda de opinião depois da experiência que teve.

**Caso 18** – As relações existentes entre os fenômenos de “desdobramento” e os de “clarividência” não escaparam aos magnetizadores do século passado. Eles notaram que, bem freqüentemente, os seus pacientes, depois de certo período de

lucidez, declaram ter-se afastado do corpo e o terem contemplado, inerte, diante deles.

O Dr. Charpignon, na obra intitulada *Physiologie, médecine et métaphysique du magnetisme* (pág. 101), assim se exprime sobre o estado de êxtase clarividente de uma sonâmbula:

“Esta explicação da extinção da vida corporal e dessa separação aparente da alma, que considera o seu próprio corpo como uma máquina estranha, é de alto valor metafísico. Todos os extáticos, nos quais se verifica esse fenômeno fisiológico, se exprimem da mesma forma. Tratamos de certa enferma que, durante a noite, entrava em êxtase quando era preciso receber algum esclarecimento sobre a marcha de sua doença. Eis como ela relatava o que se passava: entro (diz a paciente) em um estado semelhante ao que me produz o magnetismo, depois, pouco a pouco, o meu corpo se dilata e eu o vejo, bem distintamente, longe de mim, imóvel, pálido e frio como um morto; quanto a mim, pareço-me com um vapor luminoso e sinto-me pensar *separada do meu corpo*. Em tal estado, compreendo e vejo muitas coisas mais do que no sonambulismo, visto que, em estado sonambúlico-magnético, eu penso sem estar separada de meu corpo. Decorridos alguns minutos, um quarto de hora no máximo, esse vapor se aproxima mais e mais de meu corpo, perco o conhecimento e o êxtase desaparece.”

**Caso 19** – Neste outro episódio de sonambulismo magnético, as faculdades de clarividência também se afirmam, flagrantes, no fantasma desdobrado e sem que ele se distancie do local em que jaz o seu próprio corpo.

Tomo o fato à já citada obra de Durville (pág. 105): Sra. Eugênia Garcia, posta em estado sonambúlico, assim descreve as sensações experimentadas durante o primeiro “desdobramento”:

“Vi-me, de súbito, no meio do aposento onde acabavam de me adormecer.

Eis aí! parece-me que estive sentada por um instante; então levantei-me sem dar por isso, vejamos. Dirijo o meu olhar sobre mim: ora essa! estou luminosa, transparente, leve

como uma pluma. Repentinamente eu percebo meu corpo estendido, imóvel em uma poltrona. Rodeavam-me três ou quatro pessoas, observando-me com atenção. O que tinham elas para me olharem assim? Vejamos. Aproximo-me de meu corpo e também o observo, como os presentes. Distingua, claramente, todo o interior de meu corpo, vendo o coração bater, o sangue circular, as redes vasculares, os músculos, em uma palavra, como se fosse de vidro. Aproximei-me de meu magnetizador, descansei a minha mão sobre o seu braço e lhe disse: “Não diriam que estou morta?”, mas grande foi a minha surpresa. Foi a mão de meu corpo material e sua língua que executaram a ação de tocar e de falar, e não o meu *eu* desdobrado.

Ao mesmo tempo, ouvi, ou, antes, pude ler, a resposta em formação no seu cérebro. “Vós pensais que não”, disse-lhe eu com vivacidade, antes que ele houvesse pronunciado a resposta.

“Sim”, respondeu-me ele, sim que eu ouvi do mesmo modo que da primeira vez. E depois, sempre da mesma forma. Em seguida olhei ao redor de mim, mas, em vez de meu olhar encontrar uma superfície opaca e não transparente, como são comumente as casas ou objetos domésticos, vi tudo claro como vidro. Vi também muitas pessoas e os aposentos de meus vizinhos, como se habitássemos uma casa de cristal.”

Deve-se notar, nesta relação, a plena concordância das impressões experimentadas pela sonâmbula Eugênia Garcia com as experimentadas pelo engenheiro Giuseppe Costa (Caso 16). Com efeito, essa sonâmbula também se vê fora de seu corpo, luminosa, transparente, leve como uma pena. Ela percebe perfeitamente o interior de seu próprio corpo físico, vê as pulsações de seu coração, a circulação do sangue, distingue o aparelho circulatório, os músculos e assim por diante. Lê o pensamento no cérebro de seu magnetizador e enxerga através dos corpos, como “se estivesse numa casa de cristal”, concordâncias estas todas de natureza assaz extraordinárias para demonstrar, mais do que

nunca, toda insuficiência das hipóteses dilatórias sobre as quais se apóia a ciência oficial.

**Caso 20** – Eis, enfim, o primeiro exemplo de “desdobramento” com deambulação a distância e visão de acidentes verídicos, relativos a coisas ou fatos ignorados do percipiente. Tiro-o de *The Occult Review* (1908, pág. 159). O caso foi comunicado pelo Dr. Franz Hartmann e diz respeito a um tenente do exército alemão, logo depois que respirou gases deletérios e teve começo de asfixia. A autora do relato é a noiva do próprio tenente e uma conhecida pessoal do Dr. Hartmann. Escreve ela:

“A pessoa de quem sou noiva era oficial e deixou o serviço militar há pouco tempo. Pouco antes de enviar o seu pedido de demissão, aconteceu-lhe, certa noite, ir para a cama e, alguns momentos depois, achar-se de pé no meio do quarto, ocupado a examinar o seu próprio corpo estendido debaixo dos cobertores. Tal situação pareceu bastante fantástica ao tenente, tanto mais que nunca ouvira falar de semelhantes fatos. Com o fim de pôr à prova sua própria mente, pôs-se a andar pelo quarto, observar os móveis e outros objetos, foi à sua secretária e começou a ler um livro que se achava aberto sobre ela, mas, quando quis virar a página, não o conseguiu, apesar de tentá-lo por diversas vezes. Foi, em seguida, à janela, olhou a rua e observou as chamas trêmulas dos bicos de gás. Em suma, pôde-se convencer de que percebia todas as coisas de modo normal.

De repente ocorreu-lhe a idéia de que talvez se achasse nas condições de um “espírito desencarnado”. Quis, pois, verificar se lhe era possível passar através da parede. Tentou, e imediatamente, se achou na sala vizinha, onde viu um companheiro seu, sentado à mesa, ocupado a desenhar. Fez todo o possível para chamar-lhe a atenção: tocou-o, falou-lhe, soprou-lhe no rosto, mas tudo foi inútil, porque ele continuou tranqüilo a desenhar, inconsciente de sua presença. Assaltou-o o desânimo e ele voltou para o seu quarto, onde tornou a ver o seu próprio corpo, estendido, inerte, no leito.

Pensou, pois, sair ao ar livre e, passando através da porta fechada, dirigiu-se para a estação ferroviária, onde observou a multidão de viajantes e o movimento dos trens. Percebendo, ao longe, um túnel, dirigiu-se para o mesmo, lá penetrou e observou diversos operários que ali trabalhavam. Era um túnel em que jamais havia penetrado e cuja existência ignorava.

Voltando ao quarto, viu o criado abrir a porta, entrar, sondar o ar, precipitar-se para o leito, sacudir vivamente o corpo de seu patrão, assistindo ele a tudo, ao seu lado, em espírito. Em seguida, o criado apressou-se a abrir a janela do quarto e uma súbita torrente de ar fresco despertou o tenente, que logo lhe perguntou o que havia ocorrido e pelo mesmo soube que o ar estava saturado de gás carbônico e que por um instante fora considerado morto. Então o tenente lhe perguntou como tivera a idéia de ir naquele momento ao seu quarto e o criado lhe disse que experimentara a necessidade súbita e irresistível de ir imediatamente regular a tiragem da pequena chaminé. O fato é que, se o criado não houvesse ocorrido, o oficial estaria morto e o seu espírito não teria podido reintegrar o seu corpo.

No dia seguinte foi ele ao túnel que visitara como espírito e lá reconheceu todas as coisas que havia visto. Do mesmo modo, interrogou o locatário vizinho e soube que ele estivera ocupado, naquela hora, no mesmo desenho que pôde ver.

Tais são os fatos. Pois bem, apesar da natureza deles meu noivo ainda não acredita na sobrevivência da personalidade consciente depois da morte do corpo.”

Faço notar que a noiva do tenente teve verdadeiramente razão de se espantar com o ceticismo persistente, não obstante a experiência significativa pela qual ele passou, porque o fato é de tal modo excepcional que constitui o único documento do gênero contido nos meus arquivos, em que estão classificados 158 casos de “bilocação”.

Para estabelecer contraste com o caso negativista citado, narrarei um caso diametralmente oposto, a juntar aos outros já relatados e em que o seu protagonista é um doutor em Medicina.

**Caso 21** – Tiro-o da *Light* (1932, pág. 40). O Dr. Overend G. Rose conta ter sido projetado violentamente ao solo por um cavalo desenfreado, ferindo-se gravemente. Ele foi levantado e considerado morto por dois homens, que presenciaram o acidente, decorrendo cinco horas antes que voltasse a si. O médico assim se exprime:

“Durante o meu desmaio, vi o meu próprio corpo estendido por terra e os dois homens que o ergueram. Ouvi-os murmurar que eu estava morto e assisti ao meu transporte para uma casa vizinha. Pouco depois chegaram dois médicos que, por todos os meios, tentaram fazer-me voltar à vida e, durante as longas horas decorridas antes de alcançarem o resultado, estive constantemente a observar a cena. Eu flutuava acima de meu corpo, numa atmosfera tépida e radiosa. Não há palavras com que se possa exprimir o sentimento de paz e bem-estar que me invadiu, mas logo ouvi uma voz, não sei como, a me murmurar que eu devia preparar-me para reintegrar o meu corpo, e foi por isso que, apenas nele reentrei, disse aos médicos que certamente ficaria curado...

As circunstâncias dignas de nota, em minha estranha experiência, são as seguintes: em primeiro lugar eu nunca vi os dois homens que me ergueram e que eram pessoas desconhecidas, de passagem pelo local, contudo lhes descrevi os rostos, as roupas, cavalos e capas que atiraram numa cerca para correrem em meu auxílio; em segundo lugar, mesmo em estado de inconsciência completa, possível me foi descrever minuciosamente aos médicos as peripécias de meu transporte para uma casa estranha, bem como as condições internas de meus ferimentos, e tudo isto porque a minha personalidade consciente se achava exteriorizada, fora do corpo, e assim foi capaz de observar melhor ainda do que se estivesse em meu corpo.

Declaro que este acontecimento extraordinário me levou à certeza experimental de que há uma vida além-túmulo, na qual não há necessidade do corpo carnal para enxergar, ouvir, pensar, vida esta em que conservamos inalterada a nossa personalidade terrestre.”

*Ass. pelo Dr. Overend G. Rose  
8 Royal Terrace, Cheltenham*

Além do interessante fenômeno psicológico de indiscutível convicção espírita dos que experimentaram assim o fenômeno de bilocação, convém acrescentar, no episódio exposto, a importante concordância entre a impressão experimentada pelo Dr. Rose e a do protagonista do caso 12. Em ambos os casos, eles ouviram uma “voz” misteriosa que lhes anunciava, em termos algo diferentes, a mesma coisa, isto é, que deviam preparar-se para retornar para os seus corpos. Fenômenos de alucinação? Intervenções espirituais? À falta de provas adequadas num sentido ou noutro, resta, no momento, tomar boa nota de tais concordâncias altamente sugestivas.

**Caso 22** – Tiro este episódio do *Journal of the American S. P. R.* (1918, pág. 629). Trata-se de um caso de bilocação com deambulação à distância, misturado com impressões místicas. O Prof. Hyslop conhece pessoalmente a relatora dele, mas se limita a publicar as iniciais de seu nome.

A Sra. S. B. L. descreve uma longa enfermidade de que padeceu, durante a qual teve um período de crise que quase a arrastou para o túmulo, numa longa fase de catalepsia e de coma. Ela descreve nestes termos as impressões que experimentou durante o seu estado de inconsciência:

“Minha primeira sensação consciente foi o sentimento de existir, sentimento privado de toda noção de personalidade e de lugar. Senti elevar-me lentamente, como um nevoeiro a subir da terra, e transportar-me ao pé da cama. Em seguida ajuntou-se a consciência de espaço (expressões estas ridículas, mas descrevo o que experimentei) sob a forma de algo de grande como uma cabeça e, enfim, repentinamente, tor-



nei-me eu mesma, flutuando no ar, ao pé da cama, e de lá percebi o meu corpo estendido debaixo do cobertor... Vendo-o tão lívido e inerte, fui assaltada por inexprimível sensação de terror. Via o médico curvado sobre mim, a mão tatear-me o pulso e, intuitivamente, compreendi que, nesse momento, para ele só havia um interesse no mundo: o de perceber a minha pulsação. Por detrás do médico vislumbrei um fantasma maior do que ele, fantasma cuja existência nunca pude explicar, visto que eu percebia as pessoas presentes sob o seu aspecto natural. Voltando-me, vi uma mesa encostada à parede e que tinha a forma de um tampo emborcado. Jamais havia visto coisa semelhante. Achavam-se em volta três enfermeiras que, com rapidez febril, executavam as ordens do médico...

Posteriormente, dirigi-me para a porta, sem mover os pés, deslizando suspensa no ar. Passei por ela, transpus o salão, descí a grande escadaria e achei-me na rua, que me pareceu profusamente iluminada, mas sem nenhum transeunte. Foi nesse momento que me senti invadida por um sentimento de beatitude inefável: a de uma criatura humana possuidora de saúde, beleza, riqueza, reputação e honras, todo o amor e todas as alegrias da vida, sem jamais ter conhecido um aborrecimento, uma dor, um sofrimento, quer físico quer moral, e que, apesar de tudo, não tinha a menor idéia do prazer e da felicidade que experimentava pela primeira vez. Era a perfeita beatitude celeste que eu experimentava nesse mundo em que tudo era perfeito. Só possuo uma filha, única. Pois bem; nesse instante, se assim tivesse permanecido em estado de espírito, não seria isso uma desgraça que a atingisse e que também não me poderia afligir, porque eu sabia que nada poderia acontecer que não fosse para o seu maior bem. Eu compreendia que o universo inteiro era sustentado e guiado por um espírito infinito, por um amor ilimitado, por uma sabedoria infinita. Eu sentia que o mal não existia e que as tribulações por que passa toda criatura eram para ela o caminho que leva à perfeição. Se alguém me houvesse pergun-

tado qual a origem de meu conhecimento da perfeição, que em tal momento me fazia feliz, não o saberia responder.

Foi isso, tudo. Perdi conhecimento no ambiente espiritual e despertei no mundo dos terrenos. Nada mais sei e não consigo explicar o que se passou...

Três anos mais tarde, encontrei-me com uma das enfermeiras que me assistiram no hospital e lhe descrevi a mesa, a tampa curiosa que eu vira no estado de inconsciência e perguntei-lhe se, no hospital, havia algo que se lhe assemelhasse. Ela me fixou, atônita, e respondeu: “Sim, temos aqui dessa espécie de mesas que se deslocam sobre rodas. São assim construídas para impedir a queda, ao chão, de objetos de forma mais ou menos redonda. E sempre as temos perfeitamente equipadas para casos de extrema urgência.” A recordação do que me sucedeu é para mim um inexprimível conforto espiritual...”

Do ponto de vista dos fenômenos de bilocação, nada de particular se observa no caso exposto, que se desenrolou normalmente, salvo as habituais variantes de ordem secundária, e isso confirma, provavelmente, as idiosincrasias especiais a cada ser humano ou confirma ainda a natureza da moléstia ou dos acontecimentos que determinam o desdobramento.

Quanto às impressões místicas pelas quais foi revelada à paciente a solução radiosa dos mais formidáveis e mais perturbadores mistérios do ser humano, direi que, nada podendo ser provado a respeito, só nos resta confrontá-las com as revelações análogas relatadas por pessoas em êxtase, sonâmbulos em hipnose profunda, grandes médiuns de revelações transcendentais. Recordo, finalmente, que, no caso 17, outra narradora conta ter experimentado impressões idênticas, reveladoras dos mistérios do ser humano.

**Caso 23** – Poder-se-ia afirmar que o episódio seguinte, ocorrido durante o sono normal, seria considerado como um sonho puro e simples, mas seria também preciso levar em consideração a circunstância de o percipiente despertar em estado de vida e de sensibilidade diminuídas, circunstância que atesta abertamente

que se havia produzido um acontecimento bem diferente de um simples sono.

Extraio o caso de *The British Journal of Psychological Research* (1928), pág. 26). O Prof. F. E. Leanning publicou uma obra intitulada *Extra-corporal consciousness*, em que cita, entre outras coisas, a relação de um fato ocorrido com um amigo, que conta o seguinte:

“Eu tomava pensão numa hospedaria chamada “Sheridan Inn” e durante o dia inteiro permaneci em meu quarto à espera de que o meu amigo Edwin me viesse procurar para a assinatura de um ato legal. Depois de ter comido, deitei-me na cama e comecei a ler, quando então fui tomado por uma sonolência a que não pude resistir, coisa que muito me contrariou, porque eu estava lendo o *Jornal de Amiel*, que muito me agradava e eu preferia continuar a leitura, mas tudo foi inútil e adormeci bruscamente. Logo depois tive a impressão de haver abandonado o corpo. Voltei-me e, percebendo-o encurvado, numa posição incômoda, surpreendi-me ao verificar que se pudesse adormecer em semelhante posição.

Tive a idéia de sair e dirigi-me para o corredor, passando pela porta, mas isso, evidentemente, pela força do hábito, visto que igualmente poderia atravessar a parede. Eu não movia os pés, porque, para ir a qualquer lugar, bastar-me-ia desejá-lo, o que não impedia de ver-me dono de pernas, braços e o resto do corpo e de me sentir melhor do que de ordinário. No corredor não havia pessoa alguma, a não ser um negro que encerava o assoalho. Fiquei defronte dele, mas pareceu não dar por mim. Compreendi então que me tornara invisível, o que tanto mais aumentava a minha curiosidade. Divertia-me, pois, em passar defronte e por detrás dele, em tocá-lo, mas nunca ele lançou um olhar para mim. A coisa me divertia, porém veio-me então o pensamento de que, se alguém me fosse procurar e despertasse meu corpo de seu sono, enquanto eu me achasse fora dele, disso poderia resultar complicações, talvez pouco agradáveis. Imediatamente retornei através da madeira da porta e, quando cheguei ao pé de minha cama, meu corpo me “sugou” imperiosamente,

“absorvendo-me” pelos pés! Foi bom que tal idéia me acudisse ao espírito, porque logo a Sra. Canfield, dona da hospedaria, bateu à porta e me pediu licença para tirar o seu roupão. Estando a hospedaria cheia, havia ela me cedido o seu próprio quarto. Quando ela foi-se embora, percebi um fenômeno inquietante: eu não conseguia ver normalmente! Procurei reencontrar a leitura do *Jornal de Amiel*, porém não distinguia mais as letras. Via bem as sombras dos móveis e dos tapetes, mas não percebia mais meu rosto no espelho! Esse fenômeno perturbador durou o dia inteiro e, quando me sentei à mesa, não consegui ler o cardápio! Finalmente, quando acabei de comer, minha vida tornou-se normal.”

O Prof. Leanning observa:

“A última parte desta relação sugere irresistivelmente a idéia de que a fusão da “segunda personalidade” com o corpo físico tenha ficado imperfeita e essa eventualidade está de acordo com outros relatos publicados em *The Occult Review*.”

Por mim, repito o que disse no começo, isto é, que o fato das condições anormais, nas quais se encontrava o protagonista após o seu despertar, demonstra evidentemente que o episódio narrado não foi um sonho, mas que se trata de um caso autêntico de bilocação.

**Caso 24** – O Sr. Sylvan J. Muldoon, autor da interessantíssima obra *The Projection of the Astral Body*, dirigiu a *The Occult Review* (julho de 1932) uma série de vários episódios recolhidos por ele mesmo.

No caso seguinte, a protagonista desdobrada tem a visão de sua própria avó falecida. Seu nome não foi mencionado, porém o Sr. Muldoon o comunicou, assim como seu endereço, ao diretor da revista.

A Sra. V. D. S., de New Jersey, Estados Unidos da América, escreve:

“Quando eu estava enferma no grande hospital de Pittsburgh, fui submetida a grave operação. Pela primeira vez em

minha vida, foi-me administrado um anestésico. Apenas comecei a respirá-lo, experimentei uma sensação maravilhosa de bem-estar e de beatitude, mas com grande surpresa minha, vi-me em companhia do médico e da enfermeira e, diante de mim, estendida na mesa de operações, o meu corpo inerte e sem vida. Notei os frascos e os instrumentos cirúrgicos depositados numa mesa ao lado e observei, mesmo, que uma das enfermeiras tinha o toucado de través, o que me pareceu cômico.

Fui levada a olhar para o ar e vi chegar a mim, através do teto, minha querida avó, falecida há 10 anos passados. Ela se aproximou de mim e me tomou pela mão, dizendo que era preciso andar depressa, porque o tempo disponível era curto. Passamos, em seguida, através do teto, tão facilmente como teríamos passado através de uma cortina de fumaça. Acharmo-nos fora, numa atmosfera luminosa em que minha avó chamou a minha atenção para uma paisagem que me era familiar, mostrando-me a casa em que eu residia, cercada de árvores magníficas. Quando eu me extasiava com tal perspectiva, minha avó exclamou: “Não temos mais tempo. É preciso que volte para o seu corpo!” E, antes mesmo que pudesse responder, acordei em meu leito e percebi uma enfermeira curvada ansiosamente sobre mim...

Eis o que me é dado relatar sobre a minha experiência de desdobramento, que foi para mim poderosa revelação: se o que me aconteceu deve-se repetir no momento da morte, então é inútil temer a morte.”

Não é preciso se insistir sobre a aparição de uma pessoa morta no caso exposto, visto que não são circunstâncias de fatos que demonstram a existência objetiva dela. Entretanto, mesmo *a priori*, poder-se-ia racionalmente admitir que, durante o estado de bilocação de vivos, casos se produzem em que o vivo desdobrado, isto é, achando-se nas condições temporárias do espírito desencarnado, tenha a visão de espíritos definitivamente mortos. Assim sendo, o caso exposto, como o caso 22, em que se verificou uma outra visão de fantasma, como ainda nos casos 12 e 21, em que as pessoas ouviram uma voz misteriosa lhes informar

que a hora suprema para eles não era chegada, são episódios que não deixam de ter certo valor teórico, porquanto demonstram que as induções *a priori*, longe de serem contraditas *a posteriori* pelos fatos, são, antes, confirmadas por eles. Citarei mais adiante casos de bilocações no leito de mortos, com aparições de defuntos nitidamente caracterizados.

**Caso 25** – Extraio este outro exemplo do livro do Dr. Paul Gibier intitulado *Analyse des Choses (Análise das Coisas)*, pág. 142. Trata-se de um episódio que lhe aconteceu no exercício dos seus próprios deveres profissionais. Escreve ele:

“O Sr. H. é um grande moço louro, de uns trinta anos de idade, cujo pai era escocês e a mãe russa. É um artista gravador de talento. Seu pai era dotado de faculdades mediúnicas muito poderosas e a mãe dele era igualmente médium. Ainda que nascido em meio espírita, não se ocupava de Espiritismo e nada de anormal experimentou até o momento em que ocorreu o incidente em razão do qual veio procurar-me, no início do ano de 1887.

“Há poucos dias – contou-me ele –, entrava eu em minha casa, pelas 10 horas da noite, quando fui tomado por um sentimento de lassidão estranha que eu não explico. Resolvido, entretanto, não me recolher à cama imediatamente, acendi o meu lampião e o coloquei na mesinha de cabeceira, perto dela. Apanhei um cigarro, acendi-o na chama e tirei umas baforadas, depois do que me estendi num sofá.

No instante em que ia deitar-me indolentemente de costas para apoiar a minha cabeça na almofada do sofá, senti que os objetos circunvizinhos giravam e experimentei como que um atordoamento, um vácuo, depois, bruscamente, achei-me transportado para o meio do meu quarto. Surpreendido com tal deslocamento de minha pessoa, do qual não tivera consciência, olhei em torno de mim e o meu espanto aumentou ao máximo.

A princípio, *vi-me estendido no sofá*, molemente, sem rigidez, apenas com a mão esquerda elevada acima de mim e o cotovelo apoiado, com o cigarro aceso, cuja chama via na

penumbra produzida pelo quebra-luz de meu lampião. A primeira idéia que me veio foi a de que, sem dúvida, estava adormecido e o que experimentava era o resultado de um sonho. Entretanto, confesso que jamais me aconteceu coisa semelhante e que me parecia tão intensamente a realidade. Direi mais: tinha a impressão de que nunca estive tanto na realidade. Também, considerando que não podia tratar-se de um sonho, o segundo pensamento que me ocorreu subitamente foi o de que estava morto e, ao mesmo tempo, me recordava que ouvira dizer que há espíritos e pensava que eu mesmo me tornara um espírito. Tudo o que pude apreender sobre o assunto se desenvolveu longamente, porém em menos tempo do que o necessário para pensar nisto, diante de minha percepção interior. Recordo-me muito bem de ter sido então tomado por uma espécie de angústia e o lamento de coisas inacabadas, parecendo a minha vida como uma fórmula...

Aproximei-me de mim, ou, antes, de meu corpo, ou do que eu já acreditava ser meu cadáver. Um espetáculo, que eu não compreendi imediatamente, chamou a minha atenção: eu me vi respirando, porém, mais do que isso, vi o interior de meu peito e o meu coração aí batia lentamente, com batidas leves, porém com regularidade. Via o meu sangue vermelho como fogo, correr por grossos vasos. Nesse instante, compreendi que devia ter tido uma síncope de um gênero particular, a menos que as pessoas que têm uma síncope, menos no meu caso, não se lembrem mais do que lhes aconteceu durante o seu desmaio, e então eu temi não me recordar de mais nada quando volvesse a mim...

Sentindo-me um pouco tranqüilo, lancei os olhos ao meu redor, perguntando-me quanto tempo isso ia durar, depois já não me ocupei mais de meu corpo, do *outro eu* que repousava no móvel. Olhei o lampião que continuava a arder silenciosamente e me lembrei de que ele estava bem perto de minha cama e poderia comunicar o fogo às cortinas. Peguei no botão, na chave da torcida, para apagá-lo, porém, mais uma vez, tive nova surpresa: segurava perfeitamente o botão com

a roseta, percebia, por assim dizer, cada uma de suas moléculas, porém, embora desse as voltas com os meus dedos, estes executavam sozinhos o movimento e em vão eu procurava mover o botão.

Examinei-me então a mim mesmo e vi que, embora a minha mão pudesse passar através de mim, eu o sentia perfeitamente e ele me pareceu vestido de branco, se neste ponto não me falha a memória. Depois coloquei-me diante do espelho, em frente da chaminé. Em vez de ver a minha imagem no espelho, reparei que a vista parecia estender-se sem obstáculo e aparecerem-me primeiro a parede, depois a parte posterior dos quadros e dos móveis que havia na casa do vizinho e finalmente o interior de seu quarto. Notei a falta de luz nesses aposentos que a vista devassava e vislumbrei claramente um raio da claridade que, partindo de meu epigástrio, iluminava os objetos.

Acudiu-me a idéia de penetrar na casa de meu vizinho, que, aliás, eu não conhecia e que se achava ausente de Paris na ocasião. Apenas tive o desejo de visitar o primeiro aposento, achei-me para lá transportado. Como? Não o sei dizer, mas me parece que devo ter atravessado o muro tão facilmente quanto a minha vista o penetrava. Breve encontrei-me na casa de meu vizinho pela primeira vez na vida. Inspecionei os quartos, gravei o aspecto deles na memória e dirigi-me em seguida para a biblioteca, onde notei particularmente vários títulos de obras arrumadas numa prateleira à altura de meus olhos.

Para mudar de lugar, bastava o querer e, sem esforço, eu me achava onde queria ir.

A partir desse momento já as minhas recordações são mais confusas. Sei que ia longe, muito longe, à Itália, creio eu, mas não saberia dizer como empreguei o meu tempo... O que posso acrescentar, ao terminar, é que acordei às cinco horas da manhã, rígido, frio, no sofá e segurando ainda o cigarro inacabado entre os dedos. Meu lampião estava apagado, com o vidro todo enfumaçado. Deitei-me na cama, sem



poder dormir, sacudido por um calafrio. Enfim, veio o sono e, quando despertei, era dia claro.

Por meio de um inocente estratagema, no mesmo dia, levei o porteiro a ir ver a residência de meu vizinho para verificar se havia alguma coisa fora de ordem e, seguindo com ele, achei os móveis e os quadros vistos por mim na noite anterior, bem como os livros cujos títulos eu tinha atentamente notado.

Não falei nada disso com ninguém, com o receio de passar por louco ou alucinado...”

Depois de fazer a sua narrativa, o Sr. H. me perguntou: “O que o Sr. pensa disso, doutor?” Ele estava sério e parecia muito preocupado com o que lhe acontecera. Expliquei-lhe então que, segundo toda verossimilhança, era dotado de faculdades realmente extraordinárias e que devia desenvolvê-las. Prescrevi-lhe, para tal fim, um regime adequado, que prometeu seguir rigorosamente, e marcamos, para a quinzena seguinte, um encontro. Ele compareceu mas, ai de mim, veio comunicar-me que estava prestes a casar-se e que não podia dedicar-se a outra experiência que a da vida conjugal, o que, como se sabe, é desfavorável à obtenção das faculdades de *desdobramento*.”

Este último caso pode servir de exemplo típico para a primeira categoria: as características que lhe fixam a fenomenologia aí se acham reunidas a começar pela consciência pessoal que está transferida integralmente ao duplo exteriorizado (e isto a ponto de fazer o sensitivo experimentar o sentimento que jamais existiu tão plenamente e também tão realmente) para passar a outras experiências: encontrar-se existindo na forma humana, tentar inutilmente manipular objetos familiares com dedos etéreos, perceber o interior de seu próprio corpo físico, enxergar através dos corpos opacos, atravessar facilmente as paredes com o seu próprio corpo fluídico, vagar à distância com percepções exatas de lugar e de situações ignorados, transportar-se instantaneamente para qualquer lugar por um simples ato de vontade, características todas substanciais, em suma, que particularizam o desen-

volvimento das manifestações aqui estudadas, características cuja plena concordância é indispensável para conceder aos fenômenos de “bilocação” o valor dos fatos de ordem objetiva.

**Caso 26** – Antes de passar à quarta categoria, desejo citar ainda um exemplo pertencente, pelo seu conteúdo, à terceira, se bem que as modalidades do desenvolvimento dele se distanciem a ponto de dever ser examinado à parte, e isto pelo fato de ter-se produzido o fenômeno de “desdobramento”, nesta circunstância, em virtude da intervenção de um espírito, ao mesmo tempo em que se realizavam outros fatos supranormais de ordem excepcional, circunstâncias todas que, do ponto de vista rigorosamente científico, tenderiam a anular o valor do fenômeno de “desdobramento” em si, visto que possível seria aventar a hipótese de auto-sugestão alucinatória atribuída à totalidade dos acontecimentos ocorridos. Daí a necessidade de o classificar à parte, sem prejuízo da fenomenologia aqui estudada, deixando aos leitores o julgamento da natureza, mais ou menos verídica, dos incidentes produzidos. Em todo caso, merece ser citado em razão da personalidade eminente e honesta que o relata.

William Stainton Moses narra como, em certo momento, sentiu-se irresistivelmente impelido a escrever automaticamente, coisa que não acontecia já havia vários meses. Sentou-se à mesa e perguntou:

“Sou impelido a escrever. Qual é, pois, um dos amigos que está aqui presente? Que deseja ele?”

E lhe foi ditado:

“Salve amigo! Que a bênção de Deus esteja sobre ti. Desejamos tratar de uma questão de grande importância e, para fazermos em condições de transmissão segura, abriremos ainda esta vez os teus sentidos interiores e fecharemos os teus sentidos corporais a toda influência, a fim de que permaneças separado do mundo. Em tais condições, ser-nos-á fácil utilizar o teu corpo para transmitir os nossos pensamentos e tu, ao mesmo tempo, poderás conversar conosco face a face. Conserva-te passivo e não perguntes nada.”

Imediatamente ele recebeu a comunicação anunciada e que pouco importa transcrever aqui. Eis em que condições a obteve. Escreve Moses:

“Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, à distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou.

Eram duas horas e trinta minutos da tarde e eu me achava sozinho em meu quarto. Repentinamente senti vontade de escrever mediunicamente, coisa que já não me sucedia há dois meses. Sentei-me à mesa e a primeira parte da mensagem foi escrita rapidamente, depois do que passei provavelmente ao estado de “transe”. Minha primeira recordação foi a de ter-me visto “em espírito”, junto de meu corpo, que vi sentado à mesa, tendo a pena entre os dedos e a mão no papel. Observando tudo com imensa estupefação, notei que o corpo físico estava unido ao corpo espiritual por um cordão fino e luminoso e que os objetos materiais pareciam ser sombras, ao passo que os espíritos presentes pareciam sólidos e reais.

Por detrás de meu corpo material achava-se “Rector” (espírito) com uma das mãos em minha cabeça e a outra superpondo a mão direita empunhando a pena. A pouca distância encontrava-se “Imperator”, com alguns espíritos que há muito se comunicavam comigo e depois ainda outros espíritos que eu conheci, dispostos em círculos e observando atentamente a experiência. Do teto, ou, antes, através do teto, espalhava-se uma luminosidade infinitamente doce e, por intervalos, raios azuis dardejavam o meu corpo. Cada vez que tal se produzia, eu via o meu corpo fremir e sobressaltar; era um meio de saturação e revigoramento dele. Observei, além disso, que a luz do dia era diluída, que a janela parecia escurecida e que a luminosidade que permitia enxergar era de origem espiritual...

“Imperator” explicou que eu estava assistindo a uma cena real, que me era oferecida para me instruir sobre o modo de operar dos espíritos. Vi “Rector” ocupado em escrever, mas a ação não se produzia como eu imaginava, isto é, guiando-me a mão e impressionando-me o espírito, mas sim projetando um raio de luz azul sobre a pena, força que assim projetada provocava o seu movimento, que obedecia a vontade do espírito dirigente. Com o intuito de me provar que a mão não passava de um simples instrumento, não essencial à ação, foi-me a pena arrebatada da mão e permaneceu na mesma posição por efeito de um raio luminoso projetado sobre ela que, para maior surpresa, continuou a se mover, escrevendo sozinha, maravilha que me arrancou uma espécie de grito, sendo logo advertido de que deveria permanecer tranqüilo e não perturbar a gênese dos fenômenos. Resultou daí que grande parte da mensagem obtida foi efetivamente escrita sem o auxílio de mãos humanas e sem nenhuma intervenção de meu pensamento e de meu espírito, mas me foi explicado que não era fácil escrever assim, sem o auxílio do organismo humano, e que a ortografia das palavras escritas em tais condições seria incorreta. De fato, tive ocasião de verificar que tal acontecera com a parte da mensagem assim conseguida... Passado certo tempo, ordenaram-me que eu reentrasse em meu corpo e imediatamente tomasse nota de quanto havia visto. Já não me recordo do instante em que tal aconteceu, presumindo que o meu espírito tornou a passar pelo estado de “transe”.

No momento em que redijo estas notas, só sinto leve dor de cabeça. Estou absolutamente certo do que aconteceu e o transcrevo lentamente, exatamente, sem o menor exagero. Posso ter omitido certos fatos, mas nada alterei, nada acrescentei.”

Depois de ter escrito isto, dirigiu o Rev. Moses a seguinte pergunta ao seu espírito-guia:

“Desejo saber se tudo o que eu vi foi real ou fui eu vítima da uma ilusão”

E lhe foi ditado:

“O que acabas de escrever é verdade: tudo se passou tal qual escreveste. Quisemos ensinar-lhe que a matéria não é nada e que o espírito é tudo. Esforça-te por aproveitar a lição. Nada podemos acrescentar no momento. Aguarde!” (*Obras Póstumas: Spirit Teachings em Light*, 1889, pág. 559).

Tal é o relato de Moses, de onde emergem, entre outros, o fenômeno do “desdobramento com visão de seu próprio corpo”, o da transferência do “corpo etéreo” ao plano da existência espiritual com a visão de outros espíritos e finalmente o fenômeno da escrita direta produzido diante de Moses no estado de vigília normal (consciente). Não obstante a sucessão de fenômenos tão extraordinários, ainda não é chegado o momento de formular induções científicas a respeito. O melhor que se tem a fazer é registrá-los para preparar materiais brutos para os futuros pesquisadores. No momento, como já expliquei, os investigadores de temperamento rigorosamente científico serão tentados a considerar o todo como um exemplo de auto-sugestão alucinatória e nada mais. Outros, mais versados nos fenômenos de exteriorização da sensibilidade, considerarão tudo isso como uma mistura de auto-sugestão e de verdade.

Nada, penso eu, porá em dúvida a boa fé de cada narrador. Por mim, limitar-me-ei a assinalar as concordâncias existentes entre as particularidades do “desdobramento” referido por Moses e as que foram precedentemente expostas. Há a notar o detalhe do cordão luminoso que ligava o “corpo etéreo” ao organismo corporal, detalhe já encontrado em relação anterior e que será repetido em alguns casos a seguir.

## Quarta categoria

### Casos em que o fantasma desdobrado só é percebido por terceiros

Nesta categoria acham-se incluídos exemplos de diversas naturezas de valores teóricos bem diferentes. Tudo isto porque não é ainda possível excluir dela alguns episódios variados, suscetíveis de serem elucidados quer pela hipótese do “desdobramento”, quer pela hipótese da “telepatia”. Não é possível evitar esse inconveniente até o dia em que o progresso das disciplinas metapsíquicas permita demarcar claramente as fronteiras a serem traçadas para cada hipótese, fronteiras que são, no momento, bem incertas e bastante discutíveis, de modo que é lícito a qualquer um estender, à sua vontade, o círculo de suas investigações. Creio, entretanto, ser oportuno acrescentar a respeito que publiquei recentemente, vezes seguidas e em diversas revistas, uma proposição para a solução desta questão perturbadora, proposição fundada na análise comparada e graças à qual os limites do campo, onde se pode exercer a telepatia, estão nitidamente fixados. Minha proposição permitia às pesquisas psíquicas fazer sério progresso para a solução definitiva do vasto problema da gênese dos fenômenos em questão (ver principalmente o meu longo estudo em *La Revue Spirite* de março-abril de 1934).

Tenho a esperança de que minha proposição, para a solução do formidável problema, dará os seus frutos em um futuro que não se acha longe, todavia abstenho-me, no momento, de tomá-la em consideração.

Resulta daí que a incerteza teórica, a que estamos encurralados pela existência de uma hipótese telepática que ainda não está circunscrita pelos limites que lhe competem, faz que, se um grupo especial de casos pertençam manifestamente à presente categoria, eles não revestem, por ora, um grande valor teórico. Felizmente, porém, existe um grupo de fenômenos de “desdobramento” no leito de morte, os quais, percebidos, coletiva e sucessivamente por diversas testemunhas, excluem a hipótese telepática sob todas as formas, ao mesmo tempo em que outros

excluem a hipótese alucinatória, de sorte que constituem boas provas que concorrem, com eficácia, para demonstrar, com as outras citadas anteriormente, a existência objetiva dos casos de “bilocação”.

Começo por narrar exemplos que representam as características menos variadas da fenomenologia em questão, para chegar, em seguida, a outras que melhor correspondem à tese em apreço.

**Caso 27** – Neste primeiro exemplo, as duas hipóteses supracitadas defrontam-se face a face com pretensões que sensivelmente se fazem valer. É, aliás, um exemplo representando um tipo de fatos que freqüentemente ocorrem nos anais da telepatia.

Tiro-o do vol. IX (pág 445) dos *Proceedings of the S. P. R.* Foi estudado e narrado pelo Dr. Hodgson. A percipiente, Sra. Shagren, conta o seguinte:

“Certa manhã, pelas 10 horas e antes de ter feito os meus deveres domésticos, estava eu a pentear-me quando vi aparecer no espelho a figura do Sr. Hendrickson, que parecia caminhar na ponta dos pés e com as mãos estendidas para a frente, de modo que pensei que ele queria pousá-las sobre os meus ombros. Ouí os seus passos bem como o ranger dos sapatos. Surpresa, voltei-me para ir ao seu encontro, de sorte que o vi no espelho e depois no quarto. Voltando-me, exclamei: “Mas sois vós realmente?” isto dizendo, vi-o desaparecer. Sua aparência era perfeitamente natural e estava vestido como sempre o via.

No dia seguinte aconteceu-me procurar uma amiga, que também era amiga da família Hendrickson. Apresentando-me ocasião propícia para informar-me sobre o local da residência dessa família, detalhe que ignorava pelo fato de ter eu, durante quatro anos, residido no sul e a família Hendrickson ter deixado a região antes de meu regresso, perguntei-lhe se o Sr. Hendrickson ainda estava vivo, pois havia sido informado de que ele ficara tísico. A minha amiga me respondeu que, segundo notícias recentes, devia ainda estar vivo. Contei-lhe, pois, que o “havia visto na véspera, pela manhã”. A amiga não se mostrou surpresa e considerou a

aparição como uma predição de morte iminente do enfermo, acrescentando em seguida: “A notícia de sua morte não me surpreenderia, porque, em sua última carta, ele me contara que havia tido uma hemoptise. De qualquer modo, escreverei à família dele, sem demora, para saber se está vivo ou morto...” Passados alguns dias, veio a resposta na qual a Sra. Hendrickson informava que ele ainda vivia, mas que não alimentava esperança alguma de curá-lo, após o que acrescentou ter-lhe dito seu marido que me vira em sonho na mesma manhã em que eu o vira. Anotou também que o enfermo descrevera meu quarto, ainda que nunca o houvesse visto, e fizera a seguinte declaração quanto à minha pessoa: “Ela me pareceu bem maior e mais forte que antes”, o que corresponde à verdade, porque eu cresci e fiquei mais gorda, principalmente durante os quatro anos decorridos desde a última vez que o vi.”

A viúva do Sr. Hendrickson escreveu ao Dr. Hodgson para confirmar o relato da Sra. Shagren e também o da Srta. Dora Edenoff, a amiga de que fala a autora do testemunho.

Como já o disse, os casos análogos ao precedente podem ser explicados, mais ou menos, pela hipótese da “telepatia recíproca”, o que leva a estabelecer, segundo esta hipótese, que, tendo o Sr. Hendrickson, em sonho, dirigido os seus pensamentos para a Sra. Shagren, teria, desse modo, provocado nesta última uma alucinação verídica e, a seu turno, a Sra. Shagren, superexcitada pela visão produzida, teria determinado o fenômeno análogo no Sr. Hendrickson.

Sob outro aspecto, o fato de o Sr. Hendrickson ter descrito o lugar em que se achava a Sra. Shagren, bem como a mudança que lhe sobreveio no físico, seria favorável à objetividade da aparição. Esta circunstância coincide, de uma parte, com tudo o que vimos desenrolar nos casos melhor estabelecidos de “desdobramento com deambulação à distância” e, de outra parte, seria dificilmente explicável só pela hipótese telepática.

**Caso 28** – Extraio este caso da *Revue des Etudes Psychiques* (1902, pág. 151). O Sr. G. P. H., membro da *Society for Psychi-*



*cal Research*, pessoalmente conhecido do diretor da revista, Sr. Césare de Vesme, remetera a narração de um importante caso psíquico ao jornal *The Spectator*. Essa narração provocou a remessa de uma carta confirmativa por parte da pessoa interessada no mesmo caso. Eis aqui a carta:

“Sr. Diretor de *The Spectator*,

A carta que vos foi remetida pelo Sr. G. P. H. e que publicastes em vossa edição de 1º de junho sob o título *A Casa do Sonho*, evidentemente se refere a um sonho tido por minha esposa, já falecida. A narrativa é exata em suas linhas gerais, ainda que eu não consiga reconhecer a identidade de vosso correspondente. Mas a mesma história foi narrada menos exatamente nos *Diários* de Sir Mounstuart Grant Duff, citado em vosso artigo de 25 de maio. Não será, pois, inútil faça eu uma curta exposição desse acontecimento.

Poucos anos passados, minha esposa sonhou por diversas vezes com uma casa cujos arranjos interiores descreveu com todos os detalhes, não obstante não ter tido idéia alguma da localidade em que se achava ela situada.

Mais tarde, em 1883, aluguei de Lady B., durante o outono, uma casa nas montanhas da Escócia, cercada de terrenos para caça e de tanques para pesca. Meu filho, que então se encontrava na Escócia, tratou do negócio, sem que minha esposa e eu a conhecêssemos.

Quando, enfim, para lá fui sozinho, a fim de assinar o contrato de locação e tomar posse da propriedade, Lady B. ainda a habitava. Ela me disse que, esperando que não me aborrecesse, se sentia no dever de prevenir a respeito do dormitório que ela habitualmente ocupava, o qual, de certo tempo para cá, era assombrado por uma “pequena dama” que aí fazia contínuas aparições.

Como eu era por demais céptico sobre tais coisas, respondi que grande seria a minha satisfação de travar conhecimento com sua visitante fantasma. Deitei-me, pois, em tal quarto, porém não tive a visita de fantasma algum.

Mais tarde, quando a minha esposa chegou, ficou muito surpresa reconhecendo na casa a de seu sonho. Ela a percorreu inteiramente e verificou que todos os detalhes correspondiam ao que tantas vezes vira em sonho, mas, quando desceu ao salão, disse: “Não pode ser esta a casa com que sonhei, visto que tinha ela, ainda deste lado, uma série de quartos que faltam aqui.” Responderam-lhe logo que os referidos aposentos existiam realmente, mas que neles se penetrava pelo salão, e, quando lhe foram mostrados, reconheceu perfeitamente todos os aposentos. Ela disse parecer-lhe que um dos aposentos do edifício não era quarto de dormir quando o visitou em sonho. Efetivamente, verificou-se que o aposento em questão fora ultimamente transformado em dormitório.

Dois ou três dias depois, minha esposa e eu visitamos Lady B. Como não se conhecessem ainda, apresentei uma a outra e Lady B. exclamou logo: “Cá está. Sois a dama que aparecia em meu quarto de dormir!”

Não tenho explicações a dar desse acontecimento. Minha esposa não teve, durante o resto de sua vida, nenhum sonho dessa espécie, que alguns hão de classificar de coincidência notável e que os escoceses chamarão de “dupla vista”. Minha querida esposa seria certamente a última pessoa no mundo que deixaria a imaginação seguir o seu curso. Posso, pois, garantir, como o podem fazer outros membros da família, que ela pôde dar uma descrição exata e detalhada de uma casa arranjada de um modo todo especial e isto bem antes que ela e os outros membros da família soubessem que existia a referida propriedade.

Podeis livremente dar meu nome às pessoas que se interessam seriamente pelas pesquisas psíquicas e que poderiam desejar outras informações a respeito. Para esse fim, junto o meu cartão de visita.”

(O Sr. G. P. H. forneceu ao diretor da revista o prenome e o sobrenome de Lady B., que pertence à mais alta aristocracia da Escócia).

No caso exposto, a hipótese telepática é pouco verossímil pela falta de relação afetiva ou de simples conhecimento entre o agente e o percipiente.

A esse respeito, convém rever, resumidamente, as conclusões a que cheguei em minha precedente demonstração referente aos limites entre os quais se exerce a telepatia, demonstração que se atém precisamente à circunstância das mais importantes, isto é, que o *processus* da análise comparada, aplicado ao material imenso dos fatos acumulados em 80 anos de investigações, faz emergir uma lei psíquica literalmente fundamental à qual estão submetidas todas as manifestações supranormais de ordem intelectual: a lei da “relação psíquica”, em virtude da qual as comunicações telepáticas, seja qual for a forma entre um sensitivo ou um médium de uma parte e um indivíduo distante de outra parte, só podem produzir-se quando uma das três condições seguintes se verifica: quando existem relações de conhecimento pessoal entre o sensitivo ou médium e o indivíduo afastado; na falta do que deve existir entre os experimentadores alguém que conheça pessoalmente o indivíduo distante e, ainda na falta deste, um objeto longamente usado pelo indivíduo em questão (psicometria) e enviado ao sensitivo ou médium.

Fica, pois, entendido que, se não for preenchida nenhuma destas condições, a “relação psíquica” à distância não pode se estabelecer entre pessoas vivas nem sob a forma “telemnésica” (leitura à distância na subconsciência de outrem), o que, do ponto de vista das comunicações com os espíritos, equivale a dizer – não nos esqueçamos disto – que os casos de identificação pessoal dos defuntos, que viveram obscuramente e desconhecidos do médium, não seriam explicáveis com as faculdades supranormais subconscientes e, conseqüentemente, obrigam logicamente, inelutavelmente, inexoravelmente, a dar lugar – quer se queira ou não – à interpretação espírita dos fatos.

A esse respeito não é inútil recordar que os casos de identificação pessoal dos defuntos desconhecidos do médium e das pessoas presentes sempre se produzem em grande número, nas experiências mediúnicas.

Isto posto, não há pessoa que não veja que enorme importância teórica tem o fato que circunscreve, de forma bem definida, o domínio legítimo no qual conseguem exercer-se as faculdades telepáticas. Com efeito, *isto equivale a reconhecer que a prova experimental da sobrevivência do espírito humano está desde já cientificamente estabelecida.*

Referindo-me ao caso em apreço, observo ainda que, fora das considerações expostas, encontram-se incidentes precisos de reconhecimento de lugar e de móveis em sonho e isto combinado com a identificação da pessoa cujo “duplo” apareceu nesses mesmos lugares, incidentes todos de que se podem extrair presunções favoráveis à hipótese de “desdobramento com deambulação a distância”, de sorte que esta hipótese não poderia certamente ser banida do número das probabilidades, e menos ainda quando se considera o episódio em suas relações com outros fatos análogos, porém muito mais sugestivos, narrados antes.

Acrescentamos que o episódio narrado apresentado pode ser também encarado como exemplo de “precognição”, considerando que a casa visitada, em sonho, pela esposa do narrador era a mesma em que deveria residir muitos anos depois, circunstância que, se não acrescenta nada em favor da hipótese de “desdobramento”, não precisa menos os limites da hipótese telepática.

\* \* \*

Nos quatro seguintes casos, há também o elemento de precognição que aí se acha sob a forma de precognição de morte para os indivíduos que se desdobram. Em tais circunstâncias, se se levam em conta as modalidades segundo as quais se desenvolvem os mesmos casos, o elemento premonitório apresenta algum valor indutivo a favor da hipótese de “desdobramento”; e mais ainda se se considera que os casos verdadeiramente típicos desta natureza se produzem em condições análogas de extremo relaxamento vital do *sujet* e, com mais frequência, nas moléstias graves (pouco importa sejam elas declaradas ou ignoradas) que ameaçam a existência.

Em presença deste, bem como de outros indícios sugestivos fornecidos pelos fenômenos em questão (indícios muito sutis e

bastante intuitivos para poderem ser concretizados em fórmulas verbais) repito que a sua interpretação, no sentido aqui indicado, é legítima, todavia com a condição de não as isolar, mas de as considerar como uma massa homogênea de outros fenômenos análogos, porque eles não têm uma significação precisa e evidente senão quando se empreende analisá-los e interpretá-los de modo cumulativo, o que negligenciam sistematicamente fazer os críticos de tendências diversas.

**Caso 29** – Trata-se de um caso assaz notório, visto ter acontecido com um eminente sábio inglês, o naturalista Dr. G. J. Romanes. E é por isto que me apraz reproduzi-lo, apesar de ser bastante conhecido.

Tomo-o ao volume XI, pág. 440, dos *Proceedings of the S. P. R.* e o Dr. Romanes narra assim o acontecimento:

“Para o fim de março de 1878, pela meia noite e num momento em que estava acordado, pareceu-me ver abrir-se a porta situada defronte da cabeceira da cama e entrar uma forma branca que, passando bem perto de mim e se firmando nos pés, estacou à minha frente, de modo ter visto que ela trazia a cabeça e o corpo envolvidos em véus brancos. Erguendo subitamente as mãos, essa forma levantou os véus que lhe ocultavam o rosto e então, como que enquadrada por suas mãos, apareceu-me o rosto de minha irmã, que se achava de cama, doente, desde algum tempo, na mesma casa. Chamei-a, gritei-lhe o nome com força e assim a vi instantaneamente desaparecer.

No dia seguinte (e certamente devido à impressão que sobre mim produziu o acontecimento), chamei o Dr. W. Jenner, que diagnosticou só restarem alguns dias de vida à minha irmã. Com efeito, ela durou apenas uns dias.

Eu gozava de excelente saúde e não sentia ansiedade alguma. Minha irmã era assistida pelo médico habitual da família e esta não suspeitava da gravidade de sua moléstia, de modo que eu não me preocupava mais com a enfermidade de minha irmã do que ela própria. Nunca tive, nem antes nem depois, uma experiência dessa natureza.”

Também desse acontecimento – se se quiser considerá-lo individualmente – a interpretação telepática pode bastar para lhe dar razão. Neste caso, necessário seria supor que o *eu* consciente da enferma tivesse percebido a iminência de sua morte (contrariamente à personalidade consciente que não suspeitava nada disso), percepção que teria despertado nela o sentimento de ternura pelo seu irmão do qual ia se separar e determinado, por aí, no espírito deste, o desenvolvimento da alucinação telepática. Essa alucinação teria assumido formas mais ou menos dramáticas ou simbólicas por efeito do determinismo associativo no percipiente (*sujet*).

Tal é a interpretação telepática do caso. Quanto a outra interpretação de que talvez se tratasse de um fenômeno espontâneo de “desdobramento” relacionado com a moléstia que ameaçava a vida da paciente, ela se apresenta tão clara e tão evidente (porque conforme ao que se passa em outros fenômenos de “desdobramento”) que dispensa outros esclarecimentos ou comentários.

**Caso 30** – Tiro-o, como o anterior, de um estudo de Myers publicado nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. XI, pág. 448). Foi recolhido e estudado por Gurney. A percipiente, Sra. Sophie Chapronière, assim se expressa:

“Achava-me no meu quarto de dormir e me despia com o auxílio de minha camareira, Sra. Gregory, que estava a meu serviço há uns 41 anos.

Quando ela me tirava o bracelete, vi aparecer, de repente, por detrás dela, uma forma que se lhe assemelhava. A Sra. Gregory gozava então de perfeita saúde e eu exclamei: “Mas como, Sra. Gregory, vejo o seu “duplo” neste momento?”, ao que ela respondeu, sorrindo: “Verdade, senhora?”, e não deu absolutamente demonstração de estar impressionada. No domingo seguinte, declarou não se sentir bem. Chamei um médico, que diagnosticou ligeira indisposição. A despeito desse diagnóstico benigno, na quarta-feira à noite morreu repentinamente, pouco mais ou menos à mesma hora em que, uma semana antes, o seu “duplo” me havia aparecido. O fato passou-se há quinze anos.” *Ass.*: Sophie Chapronière.

Gurney acrescenta as seguintes particularidades:

“Fui à casa da Sra. Chapronière para interrogá-la sobre o caso em questão. Ela me declarou que nunca teve outras visões ou alucinações. O “duplo” que vira possuía toda a aparência de uma pessoa real e reproduzia perfeitamente o aspecto da Sra. Gregory, cuja morte foi súbita. Ela estava ligeiramente indisposta havia dois dias, mas a indisposição não causava preocupação porque ela continuava a comer com apetite.

A filha da Sra. Chapronière confirmou lembrar-se exatamente do modo pelo qual sua mãe falava da aparição no instante em que ela ocorrera, isto é, uma semana antes da morte da Sra. Gregory.” *Ass.*: E. Gurney.

Em substância, este caso não se diferencia do precedente e comporta os mesmos esclarecimentos, tanto do ponto de vista “telepático” como do ponto de vista do “desdobramento”.

**Caso 31** – Faz parte de um interessante estudo sobre as “premonições” e foi publicado pela Sra. Sidgwick nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. V, pág. 295). O relator, Sr. W. T. Catleugh, residente em Chelsea, escreveu nestes termos, em data de 19 de dezembro de 1883:

“Senhor, o vosso artigo em *The Standard* faz surgir em mim a lembrança de um acontecimento ocorrido há cinco anos e precisamente cinco semanas antes da morte de minha primogênita. A pobrezinha nunca foi robusta e, para melhor protegê-la, coloquei a sua caminha encostada ao meu leito. Minha esposa estava então enferma, razão por que sempre conservávamos uma lâmpada acesa no quarto. Na noite em questão, eu dormia com as costas voltadas para a minha filha, quando fui acordado por um súbito toque no ombro. Voltei-me repentinamente, pensando que a pequena me chamara, e nitidamente percebi o seu duplo espiritual que se elevava lentamente da cama, ajoelhada e de mãos postas, como se estivesse a orar. Atravessou-me o espírito o pensamento de estar morta e então pousei a mão sobre a sua testa,

que achei quente, e verifiquei que respirava regularmente. Observei ainda que os seus braços não haviam saído de baixo do cobertor e que o seu corpinho estava inteiramente coberto.

No dia seguinte, tomei nota do acontecido no meu diário, convicto de que se tratava de um anúncio de morte da menina. Aparentemente ela gozava de boa saúde e, ainda durante cinco semanas, tudo corria bem, mas, na sexta-feira, o anjinho sucumbiu a um ataque de meningite tuberculosa.” Ass.: W. T. Catleugh.

Em uma segunda carta sua, o Sr. Catleugh acrescenta os seguintes detalhes:

“Não fui mais testemunha de nenhuma aparição do gênero, como não mais experimentei sensações alucinatórias de contato. Devo fazer uma ligeira correção na relação enviada: consultando o meu diário correspondente ao ano de 1879, verifiquei que a inexplicável sensação de toque no ombro, com a visão que se lhe seguiu, aconteceu no dia 1º de fevereiro, à 1:30 da madrugada, do que resulta que a minha filha adoeceu seis semanas depois do acontecido e não cinco.

Se se tratasse de um sonho, eu não me teria dado o trabalho de escrever nele. Afirmando absolutamente que eu fui acordado por um misterioso toque no ombro, como afirmo que o quarto estava iluminado e que, quando me volvei, vi a forma espiritual da criança erguer-se lentamente de sua caminha, tão natural que me parecia viva e que, finalmente, a vi desaparecer repentinamente... Eu não estava preocupado com a sua saúde. Ainda que nervosa e delicada, nunca teve indisposições sérias, nem mesmo as habituais doenças da infância, e então gozava de melhor saúde do que nunca.”

(A Sra. Catleugh, a mãe, confirmou todos os pontos da narrativa de seu marido).

O caso exposto, ainda que não diferindo dos dois outros citados, não parece menos dificilmente explicável pela hipótese telepática, tendo-se em conta que a protagonista era uma criança



e, em conseqüência, seria logicamente inverossímil supor que seu *eu* subconsciente, tendo tido, quando dormia, conhecimento de sua morte próxima, pudesse fazer surgir, em seu pequeno cérebro, reflexões adequadas e, em seguida, causar sentimentos de ternura filial para com os seus desditosos progenitores de modo a provocar uma alucinação tátil e outra visual em seu pai, o que, ademais, se mesmo admitida fosse, ainda não explicaria o fato, evidentemente intencional, neste episódio, de tocar o ombro do percipiente, que acordou e olhou para o lado em que se deu a aparição, nem tampouco explicaria a pose adotada pela mesma aparição, que, como bem observou a Sra. Sidgwick, “demonstrou não ser simples visão pelo fato de se ter mostrado em atitude de oração e subindo ao céu, atitude que, habitualmente, simboliza a partida da alma e pela qual ela queria evidentemente transmitir a idéia de morte”.

Estabelecido, pois, que o *processus* do fenômeno ultrapassa os limites da hipótese telepática, forçoso é convir que o fantasma aparecido tinha outra origem, de modo que a outra hipótese contrária, isto é, a da possibilidade de “desdobramento”, se apresenta como a mais aceitável.

O fato, porém, é que, mesmo com esta hipótese, não se consegue resolver o mistério da intenção, circunstância que, aliás, não a invalida, mas somente prova a necessidade de a completar supondo a intervenção de uma vontade extrínseca, ou mais precisamente, de uma entidade espiritual, que teria provocado e condicionado o fenômeno com o propósito de dispor a alma dos pais para o episódio irreparável que iria acontecer.

Esta suposição pode parecer arrojada a qualquer pessoa que não tenha feito pesquisas especiais sobre os fenômenos de “premonição”, mas que, por vezes, se impõe com a evidência irresistível dos fatos aos que são versados nesses estudos.

**Caso 32** – Neste caso, de natureza premonitória, o fantasma ou “duplo” aparece sob a forma de uma decadência física e psíquica que se realizaria, mais tarde, na pessoa desdobrada.

Reproduzo-o do vol. XI, pág. 446, dos *Proceedings of the S. P. R.* Foi colhida por Myers, que conheceu pessoalmente a

narradora. No momento em que aquele escrevia, o protagonista do fato se achava vivo, circunstância que obrigou Myers a ocultar os nomes dos interessados.

A narradora percipiente escreve:

“No decorrer do ano de 1892, achava-me em Paris, na casa de um parente próximo que eu muito estimava. Ele era advogado e se tornara um dos mais hábeis e eminentes do foro. Havia já algum tempo que não se sentia bem e me escreveu, quando eu residia na Inglaterra; relatou que padecia de abalos nervosos e tinha dificuldade para trabalhar. O conteúdo de sua carta inquietou-me, razão pela qual lhe prometi ir à sua casa, alegando que a mudança de clima me seria proveitosa. Segui para Paris e fui hospedada em seu magnífico apartamento do bulevar Haussmann.

Ele é solteirão e só tem a seu serviço um criado, que, segundo o costume parisiense, não dorme no mesmo apartamento, mas em um quarto especial no quinto andar. Assim, eu ficava só durante a noite e os nossos respectivos quartos estavam situados nos dois extremos do corredor, de modo que uma série de outros aposentos estavam interpostos entre os nossos.

Pouco tempo depois da minha chegada, recebi um pacote de cartas importantes a consultar e também um pedido para traduzir um artigo médico em francês. Não tendo podido traduzi-lo durante o dia, resolvi fazê-lo logo que o meu parente estivesse deitado, porque habitualmente se deitava cedo. A noite estava fria, motivo pelo qual resolvi fazer a tradução na cama. Em primeiro lugar, li algumas cartas e em seguida tratei da tradução com o auxílio de um dicionário, porque alguns termos técnicos franceses me eram desconhecidos.

Exponho todos esses detalhes com o único fim de mostrar o quanto estava meu espírito absorvido pela tarefa empreendida e que eu estava não só acordada, mas tinha a mente livre de qualquer preocupação pela saúde de meu parente, no qual eu não pensava. No momento em que eu traduzia rapi-

damente, vi, de lado, como ordinariamente se enxerga sem levantar os olhos, abrir-se lentamente a porta do quarto e, como só poderia tratar-se de meu parente, pensei que ele se sentia nervoso e precisava de minha companhia, de modo que, sem mesmo levantar os olhos de meu trabalho, lhe disse: “Mas, aproxima-te. Estou deitada.” Não obtendo resposta, virei-me para o lado e achei-me diante de uma visão espantosa.

Observo aqui que meu parente era um bonito homem sob todos os pontos de vista: alto, bem proporcionado, robusto, de traços regulares, rosto simpático e muito inteligente. Vi entrar cambaleando no quarto, alguém que se lhe assemelhava completamente, mas que parecia reduzido ao último extremo da decadência física e da imbecilidade. Esse corpo prostrado e apagado só media a metade de sua estatura real e as pernas, paralisadas e arrastantes, pareciam incapazes de sustentar essa forma cambaleante e emaciada. Ele tinha o rosto contraído, pendente o maxilar inferior, os olhos encovados, com uma pupila sem expressão, que olhava, no vácuo, de maneira terrificante. Esse resto de homem – não encontro outra expressão que o qualifique – arrastava-se, trôpego, pelo aposento, volvendo, de tempos em tempos, um olhar estúpido para mim.

Em seguida, dirigiu-se para a outra porta, procurou longamente a maçaneta que finalmente achou, girou-a, conseguindo assim abrir a porta, para, a seguir, sempre cambaleando, entrar em outro quarto, onde desapareceu subitamente. Eu estava sentada em minha cama, gelada de horror, fixando essa forma espectral até que sumiu. Então saltei do leito e, atravessando apressadamente o corredor, penetrei no quarto de meu parente, que encontrei profundamente adormecido. Nada em seu rosto podia, mesmo de longe, comparar-se a esse sócia horrível que eu havia visto. Nessa noite não pude mais conciliar o sono e, durante semanas, fui como que obediada pela lembrança do espectro que vira.

Abstive-me, naturalmente, de fazer a menor alusão a esse acontecimento, diante de meus amigos e conhecidos de Pa-

ris, mas, em carta contei tudo à minha mãe, nos mesmos termos que aqui emprego. Algumas semanas depois, não tendo o meu parente experimentado melhoras, foi consultar um eminente especialista de moléstias nervosas que o tranqüilizou, mas secretamente a mim confiou temer se declarasse uma paralisia geral com degenerescência cerebral. E o diagnóstico realizou-se integralmente.

No instante em que escrevo (outono de 1895), meu infeliz parente foi hospitalizado em uma casa de saúde. Ele vai de mal a pior e os terríveis sintomas da moléstia se declararam com toda a virulência. E no presente momento – que se note bem – chegou a tal estado de desmoronamento físico e moral que, de modo horroroso, se assemelha à forma espectral que me apareceu em 1892, manifestação que foi, provavelmente, providencial e que teve por fim preparar as nossas almas para a desgraça que nos acabrunhou.

No momento da aparição, meu parente contava 43 anos e era fisicamente tão bonito, tinha um rosto tão inteligente, maneiras tão cativantes que impossível seria imaginar pessoa mais bem dotada pela natureza. Era, em suma, a última criatura por quem se pudesse temer um fim tão miserável.”

(Desnecessário é acrescentar que se trata do próprio irmão da narradora).

E, também neste caso, a hipótese telepática encontra difícil aplicação, a menos que se queira chegar a admitir que o *eu* subconsciente da pessoa interessada, tendo tido, em sono, a percepção da moléstia que a ameaçava, com a visão terrificante do estado de decadência física e moral em que deveria encontrar-se alguns anos depois, tenha transmitido essa visão alucinatória à percipiente, em cujo cérebro ela seria objetivada e dramatizada por efeito do determinismo “associativo”.

Tais são as induções necessárias para interpretar, telepaticamente, o caso acima, induções que me limito a expor sem comentários.

Por sua vez, a interpretação do fenômeno pelo “desdobramento” apresenta dificuldades que não são fáceis de vencer, embora

ela pareça mais aceitável do que a hipótese telepática. Para torná-la inatacável, bastaria que a narradora acrescentasse um comentário ao episódio exposto, coisa que deixou de fazer: quero falar aqui da circunstância de ter o fantasma aberto duas vezes a porta do quarto, uma para entrar e outra para sair dele. É claro que se, de acordo com a narrativa, a percipiente tivesse verificado que as portas haviam sido realmente abertas, a objetividade do duplo não mais precisaria de ser demonstrada. Não o tendo feito a narradora e não tendo Myers pedido esclarecimentos sobre esse detalhe muito importante, daí resulta, cientificamente falando, que não é lícito ter em conta o que a respeito afirma a autora, visto que, em numerosos casos de telepatia, revela-se esse fato que os percipientes vêem fantasmas abrirem portas que a seguir se encontram fechadas. Ou, em outros termos, certas particularidades complementares, de uma alucinação telepática, são freqüentemente de natureza puramente subjetiva e provocadas no percipiente por via sugestiva (“associativa”).

Inversamente, justo é reconhecer que, querendo analisar a fundo o caso narrado, fácil será achar incidentes e estabelecer argumentos a favor de uma ação real exercida pelo fantasma sobre as portas.

Em primeiro lugar, porque a percipiente, a propósito do segundo episódio assim se exprime: “em seguida, dirigiu-se para a outra porta, procurou longamente a maçaneta que finalmente achou, girou-a, conseguindo assim abrir a porta para, a seguir, sempre cambaleando, *entrar no outro quarto*, onde desapareceu subitamente”, frase esta que descreve uma ação real e complexa, inclusive o fato de ver o fantasma cambalear *no outro quarto*, o que a percipiente não poderia ter observado se a porta permanecesse fechada.

Encontramo-nos, pois, diante de um fato que difere *totalmente* das simples modalidades segundo as quais se produzem as habituais visões subjetivas de portas abertas pelos fantasmas. Em segundo lugar, porque o fato de achar fechada uma porta quando se está bem certo de que foi aberta, tem por efeito levar o espanto à percipiente de modo a ficar o acontecimento gravado em sua memória e que não deixa de lembrar complacentemente toda

vez que dele fale ou que a seu respeito escreva, como se verifica precisamente nos fatos análogos recolhidos. Daí a presunção de que, se a narradora do caso em questão tivesse descoberto que aporta aberta pelo “duplo” tivesse permanecido fechada, ela não deixaria de mencioná-lo, tanto mais que, correndo logo para o leito de seu parente, como fez, ela deveria aperceber-se imediatamente da ocorrência. O fato, pois, de não o ter mencionado, assume, em tais circunstâncias, certo valor probante no sentido de que a percipiente efetivamente encontrou abertas as portas. Compreende-se, neste caso, que esta circunstância tão evidente não despertou a atenção da narradora e, conseqüentemente, esta não cuidou de notar uma coisa que lhe era destituída de interesse.

Tais as induções especiais que este caso sugere, induções que me parecem suficientemente racionais e legítimas para terminar aqui.

Ainda algumas palavras a respeito da dificuldade de interpretar o caso presente, do ponto de vista objetivo. Uma das dificuldades reside no fato de que, no episódio observado, não se trata apenas de “desdobramento”, mas, simultaneamente, de uma espécie de premonição dramática à qual se teria submetido o “corpo fluídico” da pessoa interessada. Essa dificuldade faz surgir outra: sujeição voluntária ou determinada inconscientemente pela influência de uma entidade espiritual, como supõe a narradora? Que sabemos nós disso, realmente? O tempo ainda não está maduro para resolver certos enigmas metapsíquicos. É preferível deixá-los sem solução do que aventurar-nos em um labirinto de induções prematuras.

**Caso 33** – Esta circunstância que, nos comentários do acontecimento acima, faz admitir a possibilidade da existência dos fenômenos de “bilocação” com um “duplo” bastante substancial para agir sobre a matéria, suposição que poderia parecer audaciosa e gratuita a alguns dos leitores, me leva a relatar dois casos análogos de “bilocação a distância” nos quais se realça a mesma circunstância. Observo que os casos desta natureza são extremamente raros, tão raros que, nas minhas fichas acumuladas de 43 anos para cá, sobre todos os fatos psíquicos, só se encontram nove casos deste gênero.

Eis o primeiro dos dois fatos que me proponho relatar. Tomo-o do livro de Camille Flammarion, intitulado *Em torno da morte* (pág. 142). O autor escreve:

“Minha excelente amiga Sra. Victor Dobelmann, de Strasburgo, que é membro da Sociedade Astronômica de França, comunicou-me o seguinte fato:

“Minha amiga, Sra. Turban, velava uma irmãzinha enferma. A casa paterna do Sr. Heitz, impressor, estava situada no ângulo da praça Temple-Neuf. Sua irmã mencionava todas as pessoas conhecidas que vinham pela rua situada no ângulo oposto, ainda que ela não as pudesse ver de seu leito. Em breve perdeu-se a esperança de salvá-la.

Certa tarde de um domingo, ela manifestou à sua irmã seu grande pesar por nunca ter ouvido uma pregação de seu noivo, pastor de uma localidade longe de lá. Caiu em catalepsia e, durante duas horas, permaneceu como morta. Quando acordou, contou ter visto o noivo pregar sobre determinado tema e, no dia seguinte, faleceu. Após o sepultamento, a Sra. Turban perguntou ao noivo de sua irmã se no domingo à tarde havia pregado sobre tal assunto. Muito surpreso, quase chocado, ele perguntou:

– Como o puderam saber?

– Foi a sua noiva que me contou.

– É bem estranho – disse ele –, porque no meio de meu sermão acreditei ver entrar no templo uma forma branca que se parecia com a minha noiva. Sentou-se numa cadeira desocupada, no meio da assistência, e desapareceu ao terminar o serviço.”

Neste caso, a possibilidade de consistência substancial do fantasma aparecido é presumível, sobretudo pela circunstância de ter-se o “duplo” dirigido para a única cadeira desocupada no meio da assembléia de fiéis reunidos em volta do púlpito, onde se sentou e aí permaneceu durante uma hora sem se mover. Mas evidente é que, para eliminar toda dúvida sobre a consistência material do fantasma, o ministro clarividente interrogasse os fiéis

presentes a fim de se assegurar se também outros haviam visto o mesmo fantasma e ao mesmo tempo.

No seguinte caso, desapareceu qualquer dúvida sobre a natureza substancial do fantasma diante de certos atos concretos produzidos pelo próprio “duplo”.

**Caso 34** – Trata-se de um fenômeno de data relativamente recente e cientificamente importante por ter sido informado por uma documentação que nada deixa a desejar. O seu relator é William Stead, escritor eminente, jornalista e espírita inglês bem conhecido, e o caso aconteceu com ele mesmo numa igreja, onde percebeu o “duplo materializado” de uma amiga sua, então enferma.

Ele se cercou do máximo de testemunhas, de modo a tornar o fenômeno cientificamente incontestável. Para o conseguir, colheu atestados subscritos por quatro membros de sua própria família que se achavam na igreja, todos eles conhecendo familiarmente a senhora cujo “duplo” viram. Por outro lado, colheu os testemunhos do pastor anglicano, do diácono, dos membros do coro, todos os quais viram o fantasma e o notaram por seus característicos, sem desconfiarem que só se tratava de um fantasma.

Em seguida, foi colher testemunhos de outro lado, a começar pelo médico assistente que atestou a doença da enferma, depois o da mãe dela, de uma parenta, da governanta e da camareira, as quais atestaram que a doente estava deitada em seu leito quando se deu o seu aparecimento na igreja. E, finalmente, obteve o testemunho da protagonista, que experimentou um impulso por assim irresistível de ir à igreja e narrou as circunstâncias em que se realizou o estranho fenômeno.

O relatório do caso é bem longo, razão pela qual devo limitar-me a resumi-lo.

William Stead afirma que a Sra. A. era cética em matéria religiosa e a aconselhou a seguir os exercícios do culto na igreja que ele freqüentava, assegurando-lhe que não perderia o seu tempo. E lá foi ela pela primeira vez, interessando-se pelo desenvolvimento do rito. Sua entrada na igreja atraiu a atenção do



pastor, do diácono e de todos os membros da congregação, quer porque fosse desconhecida de todos, quer porque envergasse um vestido de cores vivas.

Algum tempo depois, a Sra. A. adoeceu e, conversando com Stead, disse-lhe que se sentira impelida, de maneira quase irresistível, a assistir novamente aos exercícios do culto. Acontece, pois, que, no domingo seguinte, tendo Stead ido à igreja, viu entrar uma senhora vestida de preto e que rapidamente atravessou o templo e foi sentar-se no banco junto ao coro, no qual a sua amiga se sentara na vez anterior.

William Stead assim continua:

“Minha família e eu havíamos tomado lugar na primeira fila. Eu pensei: “É curioso! Dir-se-ia que esta senhora é a minha amiga A., mas, bem entendido, eis uma coisa impossível.” A recém-vinda parecia sofrer muito. O rosto estava muito pálido, lívido, de aparência espectral. Vestida de preto, com grande chapéu preto que eu reconheci, pois a minha amiga sempre o usava em Londres... Comecei a sentir-me inquieto pela senhora que acabava de reconhecer. Ela apresentava um aspecto tão doente, com os olhos tão pisados, que eu receava vê-la cair desmaiada antes do fim da cerimônia. Durante o cântico, ela não se levantou... e o diácono lhe ofereceu um livro de orações que ela segurou mas não abriu. Então uma senhora adida ao serviço religioso, deu-lhe outro livro que ela tomou com ar distraído e depôs sobre o banco. Ela permaneceu sentada até cantarem o último hino, que escutou em pé. Durante o segundo e o terceiro versos, apanhou o livro, mas não me pareceu que cantasse com os presentes. Durante o sermão estava de tal modo imóvel e lívida que acreditei presa de uma das suas crises. Procurei atrair-lhe os olhares, mas inutilmente. No momento da coleta, o coletor também lhe apresentou a bolsa, porém nada deu. Durante o último hino, bruscamente depôs o livro, logo atravessou a nave e desapareceu. Tive tempo de fixá-la bem e de reconhecê-la sem qualquer engano possível; ela, porém, não pareceu ter-me reconhecido.

Corri imediatamente à estação da estrada de ferro, pensando em encontrá-la no trem de partida, porém lá não se achava. Não a encontrei na rua e não a vi na plataforma. Voltei à igreja, supondo encontrá-la na sala de orações, mas lá também ela não estava. De novo corri à estação e nada. Ela fora vista por toda a minha família, exatamente como fora vista por mim, e também foi reconhecida por todos, uns independentemente dos outros...”

Assim se exprime William Stead. Foi só na manhã seguinte que Stead, ao receber uma carta da Sra. A., comunicando-lhe ter passado muito mal no dia anterior, compreendeu subitamente que assistira a um fenômeno de “bilocação”, pensamento que o convenceu imediatamente. Ele observa:

“Eu não podia duvidar um só momento da identidade daquela que eu havia visto. Era ela, bem ela, em seu aspecto, seu corpo, seu modo de andar e na maneira de se vestir simplesmente mas com originalidade. Múltiplas lâmpadas a gás iluminavam o templo e durante uma hora e quinze a Sra. A. permaneceu diante de mim, bem iluminada, na assembléia de uma centena de pessoas. E, mais ainda, ela atravessara a nave antes de terminar o serviço, portanto, passou diante de todos os fiéis, de cabeça levantada, perfeitamente visível.”

Segue-se na relação de Stead a extensa lista de atestados pessoais que ele colheu para validar o fenômeno, atestados que sumariamente resumi no começo. Limitar-me-ei a citar um trecho da declaração do diácono:

“Quando estávamos cantando o primeiro hino, vi entrar uma senhora vestida de preto, que eu não conhecia, e trazia grande chapéu também preto. Ela havia aberto bruscamente a porta e se dirigira rapidamente para um banco perto do coro. Pareceu-me ser uma estranha e eu fiquei espantado com a precipitação com que caminhava... Depois da primeira leitura da Bíblia, durante o cântico, notei que permanecia sentada e aproximei-me para lhe oferecer um livro de orações, que ela aceitou. Minha atenção foi desviada para outras coisas, mas, ao cantarmos o último hino, vi-a descer e se dirigir ra-

pidamente para a saída, onde empurrou a porta sem esperar pelo meu auxílio. Ela se enganou com a folha da porta, depois saiu e desapareceu de minha vista.”

William Stead termina a sua extensa relação com estas observações:

“Eu podia ter colhido muitos outros testemunhos, mas os que me foram fornecidos são mais do que suficientes para provar a autenticidade dos fatos, quer do lado dos percipientes, quer da pessoa protagonista. Nenhuma incerteza houve nos cálculos da hora em que foi vista. Comumente um “duplo” concede apenas o tempo para que o percebam e desaparece instantaneamente, porém desta vez ele foi observado durante uma hora e quinze minutos. Habitualmente só é visto por uma pessoa, mas ainda desta vez foi notado por uma assembléia inteira reunida numa igreja. Ordinariamente se verifica uma “relação psíquica” entre o “duplo” e as pessoas que o percebem, mas, ainda uma vez neste caso, foi igualmente visto por pessoas que conheciam a Sra. A. como por pessoas que não a conheciam. Comumente passam-se diversos dias antes de se recolherem todos os testemunhos, mas neste caso foram recolhidos mesmo antes de se inteirarem, os que os forneceram, de que se tratava, em suma, de um fantasma.

Concluo, daí, que parece provado ter-se manifestado na igreja de Z. e na tarde de domingo, 13 de outubro de 1896, o duplo da Sra. A. e que esse “duplo” estava suficientemente materializado para empurrar a folha da porta de saída, para entrar e sair, para tomar e segurar um livro em suas mãos, se bem que os circunstantes hajam observado que a aparição conservava aberto o livro, como o havia recebido.”

Tal é, resumido, o interessante caso de “bilocação” observado por William Stead, caso cientificamente notável por estar apoiado em uma documentação perfeita.

Ela se presta a considerações teóricas instrutivas que me abstenho de formular, porque me levariam além da tese aqui sustentada. Isto posto, limitar-me-ei a observar que o fato de o fantas-

ma aparecer no traje que a pessoa desdobrada usava habitualmente naquela estação, não deve embarçar o leitor porque assim se passam as coisas nas experiências de “fotografia do pensamento”, no decorrer das quais aparece sobre as chapas fotográficas o objeto em que o experimentador pensa fortemente. E, bem freqüentemente, nem mesmo se pergunta se este último teve a intenção de impressionar a chapa com o seu próprio pensamento, visto tratar-se de alguma coisa familiar na existência cotidiana do “sensitivo” que se coloca diante da máquina, de modo que essa “qualquer coisa” existe por assim dizer no limiar de sua consciência.

Assim, por exemplo, em minha monografia *Pensamento e Vontade*, forças plásticas (exatamente “plasticizante”) e “organizadoras”, eu relato o caso clássico da Srta. Scatcherd, que foi solicitada pelo arcediogo Colley a se deixar fotografar. Ela consentiu de bom grado, mas no momento de posar percebeu que estava em traje caseiro e pensou que seria melhor a sua linda camiseta ornada de rendas. Pois bem: na fotografia a sombra da camiseta desejada aparecia superposta à que vestia realmente. O Rev. Colley publicou essa fotografia na revista *Light* (1913, pág. 350), onde se vê aparecer distintamente o desenho transparente da camiseta inexistente.

Não olvidemos, pois, que o pensamento é força plástica e organizadora, o que explica o fenômeno, aparentemente incompreensível, de fantasmas de vivos e de mortos constantemente aparecerem vestidos de véus brancos em que se envolvem. E isto pelo simples fato de se *imaginarem* vestidos.

\* \* \*

Resta-me ocupar do grupo mais interessante, por seu número de casos de “bilocação”, que compreende os fenômenos de “desdobramento no leito de morte” observado por numerosos “sensitivos”, cujas descrições concordam maravilhosamente entre si, se bem que a vasta maioria deles jamais se houvessem ocupado de pesquisas psíquicas e, conseqüentemente, ignorassem que experiências análogas tivessem ocorrido a outras pessoas. Esta última circunstância constitui já em si excelente presun-

ção a favor da realidade objetiva dos fenômenos observados, visto que certas particularidades, complexas e dificilmente imagináveis, relativas ao desdobramento dos fenômenos em questão, certamente não poderiam ser explicadas pela hipótese das “coincidências fortuitas”, repetidas que são centenas de vezes e de forma sempre idêntica. Além disto, é preciso acrescentar que bom número de casos deste gênero foram observados simultaneamente ou sucessivamente por diversas pessoas, o que concorre eficazmente para demonstrar a sua natureza positivamente objetiva.

Começo por alguns exemplos em que o desdobramento é mais ou menos embrionário ou rudimentar, fazendo observar que entre eles se encontram numerosos que foram observados coletivamente, do que resulta assumirem grande valor probante no sentido da objetividade do fenômeno e tomarem uma significação teórica das mais importantes pelo fato de representarem a fase inicial dos fenômenos de “bilocação no leito de morte”, onde se assiste à saída da substância fluídica, em estado difuso, do “corpo carnal”, substância que, depois de flutuações repetidas e determinadas pela reabsorção parcial por parte do organismo (e isso correspondendo com a vitalidade crescente ou decrescente da moléstia), termina por constituir um “corpo etéreo” quando soa a hora suprema.

Segue-se que os casos que vou expor, nos quais o desdobramento está no começo, não são menos importantes, teoricamente, do que os outros em que o desdobramento é completo, por serem complementares destes últimos e nos instruírem sobre as fases iniciais do fenômeno grandioso que se realiza na hora suprema: a separação do “corpo etéreo” do nosso “corpo carnal”.

**Caso 35** – A Sra. de Morgan, em seu livro *From Matter to Spirit* (pág. 127) conta que uma mulher do povo (J. D.), sem instrução e que certamente nunca ouvira falar das modalidades variadas das visões espirituais que se produzem nos “sensitivos”, tendo assistido aos últimos momentos de uma criança, assim narra as suas impressões:

“Eu velava um menino enfermo, em companhia de sua mãe. Só tinha 2 anos e meio e fora tomado de convulsões que o prendiam ao leito já há três ou quatro dias. A mãe havia posto sua mão debaixo da cabeça da criança e eu lhe prestava auxílio do outro lado da cama. Num pequeno fogão, à minha frente e do lado em que achava a mãe, ardia um fogo vivo. De repente vi a chama obscurecer por causa de não-sei-quê de opaco que veio colocar-se entre mim e o fogão e essa qualquer coisa avançava e recuava continuamente. Fiz a mãe observar o estranho fenômeno, porém ela respondeu que nada via. Enfim, cessaram as convulsões da criança, que estava caída e inanimada em seu pequeno leito e assim permaneceu até às 10 horas, momento em que deixou de viver. Eu me apercebera de que o fogo se extinguia de certo modo uma hora antes do falecimento da criança, e o fenômeno se prolongou até o instante de exalar o último suspiro. Desde esse momento, tornei a ver a chama do fogo clara e brilhante.”

**Caso 36** – A mesma Sra. de Morgan na obra citada (pág. 128) acrescenta este outro fato, porém mais completo que o primeiro, do qual foi em parte testemunha ocular juntamente com uma amiga dotada de maior sensibilidade. Ei-lo:

“Certo dia eu me achava à cabeceira de um moribundo, em companhia de uma amiga que sabia dotada de uma sensibilidade especial para as visões psíquicas. No momento em que a respiração do moribundo se transformou em estertor, vi uma nebulosidade branca sair de seu corpo e deter-se a duas ou três polegadas de distância. Notei que também a minha companheira observava atentamente o fato. Seus olhos, que sempre expediam estranha luz, quando ela percebia coisas invisíveis a outras pessoas, haviam-se desviado em dado momento, da muda contemplação do agonizante, para fixarem mais alto, acima da cabeceira do leito. Em seguida, dirigiram-se para mais baixo e ela pôs-se a olhar no vácuo com extrema atenção, por mais de um minuto. Eu a observava em uma atitude de interrogação; ela, porém, continuava calada.

Algum tempo depois, explicou: “Vi surgir das cobertas uma nebulosidade branca, coisa que já observei em circunstâncias análogas, quando a minha atenção foi atraída para a cabeceira da cama onde se condensava, sob a forma de uma coluna, uma pequena nuvem de três ou quatro pés de altura, da qual emanava uma luminosidade intermediária entre a luz do sol e a da lua. No interior dessa coluna podia se discernir maior luminosidade, que se tornava cada vez mais brilhante no centro, ao mesmo tempo em que, do centro à circunferência, o todo parecia animado de um movimento vertiginoso. Tornei a ver ainda o fenômeno no instante em que o enfermo exalava o último suspiro. Então essa coluna pareceu elevar-se e desaparecer.”

**Caso 37** – No seguinte fato, os percipientes foram em número de dois e, dessa feita, ambos observaram o fenômeno de modo preciso e irrefutável.

Tomo o caso ao *Journal of the S. P. R.* (vol. VI, pág. 68). Não foram citados os nomes dos protagonistas, mas são conhecidos dos dirigentes da Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas.

A Sra. W. conta o seguinte:

“Meu pai faleceu de bronquite no dia 12 de novembro de 1862, pela meia noite e meia, e às 9 horas da mesma noite os médicos o haviam declarado fora de perigo. Foi por isso que a minha mãe, entre as 11 e 12 horas da mesma noite, extenuada por longas vigílias e a instâncias minhas, se retirou para dormir e restaurar as suas forças.

Pouco depois da meia noite, meu pai, depois de breve modorra, despertou agitado e eu lhe ofereci um cordial que ele bebeu com avidez, mas logo em seguida murmurou com uma voz fraca: “Vou morrer”, ao que repliquei: “Oh! não, meu pai. O senhor está muito fraco, e tudo”, porém ele acrescentou: “Chame Kate, chame Kate!” Pedia a uma amiga, que o velava comigo, para chamar a minha mãe, a minha irmã e os meus irmãos, que acorreram precipitadamente. No fogão havia um fogo quase extinto e o quarto só era iluminado por uma única vela. Estes últimos detalhes têm a sua

importância por concorrerem para demonstrar que aquilo que vi, ao mesmo tempo que um dos meus irmãos, não era devido à iluminação do quarto e menos ainda à nossa imaginação.

Em poucos minutos o doente morria e eu depus a sua cabeça delicadamente sobre o travesseiro. Meu irmão mais moço e eu proferimos repentinamente a mesma exclamação: “Olhem! Olhem!” Nós ambos vimos aparecer, acima da cabeça de nosso pobre pai, um vapor luminoso e vibrante em forma de globo. Dir-se-ia que a sua respiração se condensara no ar sob a forma de um vapor luminoso e que algo parara lá, batendo asas como um passarinho em cima de uma gaiola que durante muito tempo o aprisionara, para, em seguida, lançar-se livremente através do espaço infinito.

Duas noites depois, eu estava acordada, com o coração despedaçado e a alma cheia de pesar, quando repentinamente tornei a ver, acima de mim, a mesma luminosidade sob a forma de um globo, em tudo semelhante ao que já descrevi, porém maior e mais brilhante... Sentei-me, olhando ao redor, na obscuridade, ocupada em descobrir alguma causa racional do fenômeno, mas em vão...”

(O irmão e a irmã da Srta. W. confirmaram toda a sua declaração).

Este último fato da reaparição, dois dias após, do mesmo globo luminoso, adquire valor sugestivo do ponto de vista de não ser privativo dos fenômenos de “bilocação”, não obstante serem comuns as visões de globos luminosos no leito de morte ou algum tempo depois, pois bem freqüentemente se encontram narrativas do gênero. E é uma coisa bem conhecida existir uma tradição antiga a respeito e segundo a qual esta seria a forma que assume o “espírito humano” em muitas circunstâncias de sua atividade extracorporal.

Curioso e interessante é verificar que as mesmas manifestações, sob a forma de globo no leito de morte, também se produzem entre os selvagens. Assim, por exemplo, a Sra. Beatrice Grinshaw, célebre exploradora em Nova-Guiné, publicou um



artigo no *Wide World Magazine* intitulado “Feitiçaria e Espiritismo entre os Papuas”. Nesse artigo, relata, entre outras coisas, sua conversa com um feiticeiro papua que lhe afirmou ter assistido, por numerosas vezes, à “desencarnação” do espírito no momento da morte. Em resposta a uma das suas perguntas referente à forma do espírito em tais circunstâncias, o feiticeiro respondeu:

“Sob todos os pontos de vista, ele é semelhante a um balão de esporte, um desses balões com os quais os nossos jovens se divertem. E, em todos os sentidos, também se assemelha a uma lanterna que dá uma luz azul.”

O diretor da *Light*, à qual tomo o episódio, comenta assim:

“Os espíritas estão, por sua vez, familiarizados com este aspecto do fenômeno. É então natural porém mais ainda: inteiramente sugestivo que a observação nos revela como a liberação do “corpo astral” do “corpo somático” apresenta uma aparência idêntica assim quando se produz entre os papuas selvagens como quando se produz no leito de morte de um londrino. São precisamente essas observações convergentes, concordantes, cumulativas, provenientes de todos os cantos do mundo, que concorrem maravilhosamente para validar o fenômeno ao colocá-lo sobre bases cientificamente inexpugnáveis.”

Acrescentarei enfim – como se sabe – que o Dr. Baraduc chegou a fotografar o “corpo fluídico” no leito de um moribundo. Nessa circunstância, a chapa fotográfica revelou uma esfera luminosa com proporções um pouco superiores às de uma cabeça humana.

**Caso 38** – Neste outro fato de ordem rudimentar (começo de fenômeno) e coletivo, os participantes eram em número de três. Tiro-o da *Light* (1921, pág. 551). O relator é o Rev. Charles Tweedale, autor da já célebre obra *Man’s survival after death*. Escreve ele:

“Há 15 anos, no dia 29 de julho de 1921, faleceu a minha sogra, Sra. Mary Burnett, após breve enfermidade. Na noite

de 28 para 29, minha esposa, minha filha e uma amiga, Sra. Proud, velavam a moribunda. Soara a meia noite, o quarto estava iluminado por uma grande lâmpada e a doente já entrara em coma. De repente, minha filha Marjorie viu condensar-se uma espécie de vapor cinzento que flutuava acima do corpo da agonizante, comparável à fumaça de um cigarro que se teria condensado neste ponto. Tinha o diâmetro de 3 ou 4 polegadas e flutuava perto de 4 polegadas das cobertas, no meio do corpo da enferma. Surpresa pelo que via, minha filha chamou a atenção de minha esposa e da Sra. Proud para o fato, as quais, por sua vez, perceberam e observaram, com grande atenção, o estranho fenômeno. Essa nuvem crescia lentamente até atingir as proporções de um grande prato de mesa (é esta a comparação feita). Em seguida, com crescente assombro de todos, a parte superior dessa nuvem se iluminou e tomou uma cor de vermelho vivo, e assim permaneceu no ar, em forma de disco, sempre à mesma distância do corpo da moribunda, após o que, sempre ante o crescente espanto das três espectadoras, começou a se formar, em torno do corpo da Sra. Burnett, magnífica auréola luminosa. A princípio parecia branca, mas se condensou pouco a pouco e a seu turno tomou um matiz vermelho vivo, coloração que contrastava extraordinariamente com a brancura dos travesseiros. Ela sobrevoava a cabeça numa distância de 3 polegadas e tinha uma espessura de 4 polegadas. A cor vermelha parecia viva no exterior, ao passo que na borda interior era mais pálida e mais transparente. Em outros termos, na borda exterior parecia ter o aspecto de dentes de serra, se bem que formada de uma reunião compacta de chamas.

Quando a auréola estava formada definitivamente, começou a se esboçar outra luz vermelha em torno dos olhos da moribunda, que continuava sempre em estado comatoso. Depois desceu e envolveu o nariz e a boca. Ao mesmo tempo, o disco situado sobre o abdômen continuava a flutuar e o todo permaneceu visível por mais de vinte minutos, durante os quais as espectadoras puderam observar o fenômeno com a máxima facilidade. Minha esposa fechou os olhos e verifi-

cou que, cerradas as pálpebras, ela nada via, o que prova ter-se tratado realmente de um fenômeno objetivo, o que, de resto, já estava demonstrado por ter sido observado por três testemunhas.

Minha esposa acreditou, no começo, assistir à emissão da aura da agonizante, mas, à medida que o fenômeno se desenvolvia, ela se convencia de que devia tratar-se do “corpo etéreo”, que parecia condensar-se gradualmente à proporção que os fluidos saíam do “corpo carnal”, visível aos olhos humanos nos centros de condensação.

A Sra. Burnett extinguiu-se 16 horas depois. Durante todo esse tempo ela permaneceu inconsciente. Foi só no momento de morrer que ela pronunciou uma vez o nome de minha esposa.

As três testemunhas do fenômeno assinaram a presente relação. Declararam unanimemente estar bem certas do que viram. Não há dúvida alguma de que o fenômeno apresenta extraordinário interesse e difere dos outros fatos do gênero de que tive conhecimento.” (Ass.: Rev. Charles Tweedale).

O relator se engana quando afirma que o fenômeno exposto difere de todos os do gênero. É apenas verdade que as fases dele são diferentes quando se observa notadamente o fluxo e o refluxo fluídico. Este episódio não ocorre nunca da mesma maneira nos moribundos junto dos quais é observado, considerando-se que, em tal ocorrência, a emissão fluídica depende de uma multidão de causas. As principais são as idiossincrasias físico-psíquicas peculiares a cada indivíduo, combinadas com a natureza da doença e o gênero de morte ao qual sucumbe. Quanto ao fenômeno em si, ele não pode mudar, pois que consiste no fato de que, durante a crise da morte, liberta-se do corpo humano alguma coisa de fluídico, de substancial, de vital, que se concretiza, raras vezes, em um globo luminoso, fora do qual os “sensitivos” não vêem nada (“corpo mental” dos teósofos), ao passo que, na maioria dos casos, os “sensitivos” assistem à reintegração do “corpo etéreo” sob a sua forma humana vivificada e animada.

**Caso 39** – Este caso, a princípio coletivo, pois são oito os sensitivos, passou-se há alguns anos. Transcrevo-o da *Light* (1922, pág. 182).

A Srta. Dorothy Monk enviou ao diretor da *Light*, Sr. David Gow, o seguinte relato do que ocorreu no leito de morte de sua própria progenitora, morte sobrevinda a 2 de janeiro de 1922:

“Em nosso meio familiar fomos testemunhas de um fenômeno extraordinário, sobrevindo no leito de morte de nossa adorada mãe, a 2 de janeiro último. Esse fenômeno impressionou fortemente todo o mundo, razão pela qual ansiosamente aguardo um esclarecimento a respeito, dada a vossa grande experiência no assunto.

Após longa enfermidade, agravada por uma crise gástrica, nossa mãe faleceu por causa da fraqueza de seu coração. Para as 7 horas da noite fatal, a enferma, já no coma, abriu a boca e, desde esse momento, observamos todos uma nuvenzinha espessa e branca que se formava acima de sua cabeça e que se alongava até a cabeceira do leito. Ela saía de sua cabeça, mas se condensava, em grande parte, do lado oposto dele. Ficou suspensa no ar como uma nuvem espessa de fumaça branca, que se mostrava às vezes tão opaca que nos impedia de ver o espaldar do leito. Ela, porém, variava sempre de densidade, se bem que não notássemos nenhum movimento nessa espécie de nuvem. Comigo se encontravam presentes cinco outras irmãs e todos nós vimos distintamente esse fenômeno extraordinário. Meu irmão e meu cunhado entraram e puderam observar o fenômeno tal como nós. Uma luz azul iluminava o aposento e centelhas de luz branca fulguravam a intervalos.

Observamos que o maxilar inferior da moribunda tinha continuado a abrir-se lentamente. Durante algumas horas não houve variações notáveis do fenômeno, com exceção de uma auréola de raios luminosos amarelos em torno da cabeça dela. Contamos sete desses raios, que variavam sem cessar de comprimento, indo de 12 a 20 polegadas. Para a meia noite tudo se dissipou, ainda que a nossa mãe não morresse

senão às 7 horas da manhã. Às 6:15 dessa mesma manhã, uma das minhas irmãs, que repousava em um outro quarto, ouviu uma voz que murmurava: “Ainda uma hora de vida, ainda uma hora!” Ela levantou-se, impressionada, e veio assistir aos últimos momentos de nossa mãe que, efetivamente, exalou o último suspiro uma hora e dez minutos depois que a minha irmã ouviu essa voz premonitória. Rendemos graças a Deus por nos ter permitido assistir à partida de sua alma e tirou assim às nossas lágrimas a amargura de um adeus sem volta.”

Não há quem não veja quão importante é este caso, e sugestivo do ponto de vista espiritualista. E isto tanto mais porque, do lado demonstrativo, é invulnerável por ser de data recente e ter sido confirmado logo pelos percipientes, porque todas as testemunhas, junto ao leito de morte, observaram, de modo idêntico, o *processus* desse fenômeno em todas as fases e porque, desta vez, foram oito a verificar. Resulta daí que a hipótese alucinatória, devendo ser excluída, a existência do fenômeno está cientificamente demonstrada. É preciso acrescentar que o Sr. David Gow, diretor da *Light*, foi à casa da relatora para conversar com as testemunhas dos fatos sobre os diversos episódios do fenômeno e teve a melhor impressão da capacidade de observação de todas elas, que se acham ainda sob a impressão indelével de haver assistido à partida de uma alma para o Além.

Sendo assim as coisas, o fenômeno em questão deveria oferecer um assunto de reflexão profunda não apenas aos entendidos da Metapsíquica, mas também aos psicólogos, aos fisiólogos e aos filósofos. Quem quer que, na verdade, examine este caso e possua uma cultura suficiente e um sentido filosófico bem desenvolvido para ter, por vezes, experimentado a necessidade de parar para meditar sobre o mistério do destino humano, não poderá deixar de refletir sobre o feixe de luz que os fenômenos aqui estudados projetam sobre as trevas que cercam o futuro do ser humano. Quem quer que, em suma, possua inteligência, e não apenas instintos, não deixará e se aperceber que se acha em face de fatos que prometem, em futuro próximo, fornecer a chave para resolver o grande enigma. Dia virá em que todos o compre-

enderão e, a partir desse dia, começará um ciclo novo para a evolução moral, social e espiritual do gênero humano.

Com a nossa época, começou o período laborioso dos “precursores” da “Grande Idéia”. Estando as coisas assim, é inevitável que novas perplexidades surjam sempre perante os raros pesquisadores da nova ciência: a “Ciência da Alma”. Assim, por exemplo, em nosso caso, dever-se-ia concluir que, se a emissão de fluido, no leito de morte, é percebida coletivamente por todos os assistentes, no número de oito, é então porque a materialidade da emissão é suficiente para ser registrada por olhos normais e não apenas por olhos de “sensitivos”. E, se assim é, por que então o fenômeno não se repete em todos os casos de morte? Ou apenas por que, quando se produz, não fica constantemente visível até o momento da morte do moribundo?

Por que se desenrola durante uma vintena de minutos para desaparecer em seguida, instantaneamente, quando o enfermo permanece ainda com vida durante sete horas? São perguntas essas que é preciso deixar sem resposta. Entretanto, é confortador para nós pensar que, quando se analisa, se compara, se classifica todas as modalidades variadas segundo as quais se desenvolvem os fenômenos de “bilocação”, a começar pelo fenômeno sugestivo ao possível das “sensações de integridade nos amputados” para terminar pelo caso dos videntes testemunhas da reintegração e da partida do “corpo etéreo” perfeito, vitalizado e animado, com a assistência de entidades que aparentemente intervêm utilmente no leito dos moribundos, quando, digo eu, se tem o cuidado de julgar cientificamente o conjunto complexo dos fatos, então as perplexidades que se tem a dissipar perdem todo o valor teórico e a incerteza fica neutralizada. Chega-se igualmente a deduzir do conjunto dos fatos que, desde já, se conhece bastante sobre os fenômenos de “bilocação” para concluir, com conhecimento de causa, que eles bastam por si sós para demonstrar, experimentalmente, a existência e a sobrevivência do espírito humano.

**Caso 40** – Com o fato seguinte, assistimos à emissão progressiva, mas bastas vezes intermitente e regressiva, de fluidos do corpo do moribundo até a formação completa de um “corpo

etéreo” perfeito, com a percepção de entidades espirituais vindo acolher o recém-nascido no mundo espiritual.

O relator-percipiente é o célebre médium Rev. William Stainton Moses e o fenômeno aconteceu no leito de morte de seu próprio pai. O Rev. Moses publicou logo a narração dele na revista *Light* (09/07/1887), da qual era diretor. Escreve ele:

“Recentemente e pela primeira vez em minha vida, tive ocasião de estudar o *processus* da desencarnação de um espírito. Tantas coisas aprendi nessa experiência que útil me parece narrar aos outros o que vi... Trata-se de um parente bem próximo, de quase 80 anos, que caminhava para o túmulo sem ser atingido por moléstia alguma... Percebi, por certos sintomas, aparentemente insignificantes, que o seu fim estava próximo e acorri para cumprir o penoso dever que, em tais circunstâncias, nos incumbe...

Com o auxílio dos meus dons espirituais, pude perceber como ao redor e acima do seu corpo se formava a “aura” luminosa com a qual o espírito deveria forjar para si um corpo espiritual. Vi quanto ela aumentava em volume e em densidade, se bem que sujeita a contínuas variações para mais ou para menos, segundo as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Assim, dado me foi verificar como a absorção de um alimento leve ou a influência magnética de pessoas que rodeavam o enfermo tinham o efeito de por vezes avivar momentaneamente seu corpo e obrigar o espírito a reintegrá-lo. Desse modo, a aura se mostrava mais ou menos luminosa, de acordo com o fluxo e o refluxo. Eu assistia ao mesmo *processus* durante 12 dias e 12 noites e posto que, desde o sétimo dia, o corpo mostrasse sinais evidentes de seu próximo fim, essa curiosa flutuação de vitalidade espiritual, em via de exteriorização, se prolongou da mesma maneira. Por intervalos, mudava a cor da aura, que assumia, além disso, formas cada vez mais definidas à medida que se aproximava para o espírito a hora da libertação. Foi somente 24 horas antes da morte, quando o corpo jazia inerte com as mãos cruzadas sobre o peito, que vi aparecerem “anjos da

guarda” que avançaram para o moribundo e, sem esforço algum, fizeram sair o espírito do corpo esgotado.

Simultaneamente, os familiares declararam que o corpo estava morto, e não podia deixar de ser assim. Com efeito, o pulso e o coração não davam sinal algum de vida e o espelho não ficava embaciado com o seu hálito. E, todavia, os “cordões magnéticos” ainda ligavam o espírito ao cadáver e ainda permaneceram por 38 horas. observo que, se nesse período, interviessem condições favoráveis e se uma vontade poderosa tivesse agido sobre o cadáver, possível teria sido chamar o espírito ao corpo. Uma ressurreição de Lázaro não se teria realizado em tais circunstâncias? Quando finalmente se romperam os “cordões fluídicos”, os traços do morto, que exprimiam os sofrimentos suportados, tornaram-se completamente serenos e assumiram inefável expressão de paz e repouso.”

O caso relatado é sobretudo interessante pelo fato de se assistir a todas as fases de desdobramento do “corpo etéreo” e do “corpo carnal” até a inteira formação do primeiro, com a visão que se seguiu, de desencarnados vindos para acolher o espírito recém-nascido.

Bem se compreende que a percepção total do fenômeno, tal como foi descrito, só está reservada aos olhos de “sensitivos” e de “médiuns”, razão pela qual raros são os casos de ordem *coletiva* nesta categoria de manifestações, o que contrasta curiosamente com o outro fato de, nas “aparições de defuntos” no leito de morte, fenômenos complementares dos que aqui estudamos, muito freqüentes serem os casos de percepções coletivas e sucessivas dos mesmos fantasmas de defuntos.

De qualquer maneira, é um fato que, nas minhas classificações, só se encontram quatro casos de visão *coletiva* do “corpo etéreo”, perfeitamente separado no leito de morte, com esta particularidade que prefiro não utilizar, quer por causa da forma anedótica dos relatos, quer por causa da insuficiência dos detalhes.



Vou, pois, relatar outros dois casos do gênero, de ordem coletiva, mas que se desenrolaram algum tempo antes da morte dos pacientes. Resulta daí que se tratará, ainda bem nessas contingências, de um fenômeno de “desdobramento” espontâneo e passageiro de pessoas vivas, e não de emanções vitalizantes do organismo humano que concorrem para a elaboração definitiva do “corpo etéreo”, isto é, do invólucro do espírito. Existe uma diferença entre as duas ordens de fenômenos, porém, no fundo, ela é mais teórica do que prática.

**Caso 41** – Tomo-o de empréstimo aos *Annales des Sciences Psychiques* (1891, págs. 193/203). É um fato que nada deixa a desejar do ponto de vista da documentação. Três foram os percipientes que forneceram, separadamente, os seus informes. Limito-me a reproduzir os do percipiente principal, o Dr. Isnard, amigo pessoal do Dr. Dariex, diretor da citada revista. Escreve ele:

“Em 1878 eu morava, com minha mãe e minhas três irmãs, na Rua Jacob, 28.

Minha mãe, gravemente enferma, estava acamada havia quatro meses. Nesse dia, 9 de janeiro, quinta-feira, sentindo-se um pouco melhor, manifestou o desejo de assistir, de seu leito, à nossa refeição da noite. Chegou um amigo nosso, o Sr. Menon, que aceitou o convite para passar o verão conosco.

Era perto de 9 horas de uma noite calma, com um tempo brumoso e sombrio.

Estávamos à mesa falando de assuntos diversos, com o espírito despreocupado e direi que quase tranqüilo, em vista da melhora que apresentara o estado de saúde de minha mãe.

O ruído de nossa conversa pareceu, por fim, fatigar a doente, que, desejando repousar um pouco, pediu que fechássemos a sua porta. Fechamos então as duas tampas da porta e a conversa prosseguiu.

De repente abriu-se inteiramente a porta do corredor, as tampas da porta do quarto dela se chocaram com estrondo e se abriram ao mesmo tempo e a voz plangente do vento au-

mentou. Um golpe de vento, com todas as janelas fechadas, pareceu-me estranho! Olhei. Entre os portais que enquadravam a entrada do quarto, estava uma sombra, a de uma mulher, pequena, curvada, a cabeça inclinada e os braços cruzados sobre o peito. Parecia cobri-la um véu cinzento e empoeirado e dir-se-ia que era uma religiosa. Ela andou suavemente pela sala de jantar, deslizando pelo assoalho, sempre com a mesma atitude. Não se lhe via o rosto. Passou junto de mim, contornou a porta e entrou no corredor, na sombra do qual esvaneceu. Sobreveio um segundo golpe de vento que fechou as portas. Isso havia durado de sete a oito segundos.

O que experimentei de modo algum foi medo. Um como sentimento de mortificação se estabeleceu entre nós. Havíamos visto todos os três a mesma coisa e não ousávamos confessá-lo. Minha irmã parecia particularmente transtornada.

– Não é nada. – disse o Sr. Menon – É apenas um jogo de sombras, não se espantem.

– Conheci – replicou minha irmã – uma família russa na qual isto passou ao estado de crença: “Quando uma sombra sai do quarto de um enfermo, ele morrerá no mesmo dia ou certamente em breve tempo”.

Minha irmã levantou-se e entrou no quarto de nossa mãe; meu amigo e eu permanecemos silenciosos. Minha irmã mais moça, ocupada algures, aproximou-se então de nós e lhe contei o que se passara. O caso surpreendeu-a sobremaneira.

Levantei-me, meu amigo despediu-se e saímos juntos. quando regressei, encontrei minhas duas irmãs ao lado de nossa mãe. Disseram-me que ela sofria muito e, de fato, achei-a muito abatida, bem fraca e apenas respondeu às minhas perguntas.

O que ainda hoje me surpreende é que evitávamos falar dessa aparição; todavia cada um de nós pensava nela. Os dias que se sucederam foram dos mais tristes, pois o estado da enferma se agravava visivelmente.

Na semana seguinte, eu estava só com a nossa mãe, ela estava na sala de jantar, sentada, já alguns instantes, em sua poltrona, e nossas irmãs haviam saído. Eram 5 horas da tarde, a hora habitual da visita do Dr. D.; ela levantou-se e, nesse momento, senti-me chocado pela sua atitude. Era a da sombra que havíamos visto: pequena, curvada, caminhando lentamente para a porta. Um chale lhe cobria os ombros e a cabeça, mas não se lhe via o rosto, estando os braços cruzados no peito.

No dia 24 de janeiro, pelas nove horas e meia, nossa mãe falecia, deixando-nos mergulhados na mais profunda tristeza.

Estes fatos, que não procuro explicar, eu vos transmito, tais como se passaram.” (Ass.: Dr. M. Isnard, Boulevard Arago 15).

Seguem, no texto, as duas outras relações, igualmente bem interessantes, mas por demais longas para serem aqui reproduzidas. Limitar-me-ei a citar-lhes as passagens referentes à aparição do fantasma desdobrado da enferma.

A irmã mais velha assim escreve:

“De repente, vindo do fundo do corredor, o vento pareceu aumentar, acompanhado desse som mugente e lastimoso que lhe é peculiar. A porta do corredor, fechada à chave, abriu-se com violência: as duas tampas envidraçadas da porta entrecrocaram-se com estrondo. Espantada com um pé de vento em um dia calmo, olhei então e uma coisa estranha e inexplicável se passou: uma sombra, parecida com uma sombra de mulher, estava lá, na entrada do quarto de nossa mãe; ela se afastava do portal e deslizava na direção do corredor. Via-a, de forma vaga, no começo, depois mais nítida quando se projetou na parede. Chegada ao ângulo que formava nesse lugar, ela desviou-se, avançou para a sala e dirigiu-se novamente para o corredor. Nesse instante, ela se projetou nitidamente sobre o fundo branco da porta aberta, onde se mostrou distinta, precisa. Era bem uma sombra de mulher, antes

compacta que transparente, e portanto... Tinha, se posso exprimir-me assim, a diafaneidade de certas nuvens.

Era pequena, ligeiramente curvada, e estava com a cabeça baixa e os braços cruzados sobre o peito. Havia um ar de recolhimento e de resignação em sua atitude. A cabeça e os ombros estavam cobertos por uma espécie de véu cinzento, que lhe ocultava o rosto. Dir-se-ia uma irmã religiosa.

Ela entrou no corredor, caminhou nele e desapareceu na escuridão. Um pé de vento, menos forte do que o primeiro, empurrou a porta atrás dela e o quarto de nossa mãe fechou-se sem ruído...”

O Sr. Menon-Cornuet escreve:

“Vimos perfeitamente uma sombra deslizar ao longo da porta do quarto da doente e da porta conducente às outras duas peças, ou, em outras palavras, seguindo completamente o ângulo. Essa sombra, da estatura de uma pessoa acima da média, tinha o aspecto de uma mulher velada, à maneira das religiosas de diversas ordens, e conservava a cabeça baixa... Ela me pareceu cada vez menos nítida e, chegada ao vão da porta que dá para a sala, desapareceu. Dir-se-ia que ela desapareceu no soalho. Nesse momento, as duas tampas da porta, que se tinham brusca e simultaneamente aberto e fechado antes da passagem da sombra, retomaram, rápida e simultaneamente, após sua passagem, a posição primitiva, chocando-se, num golpe bastante seco, contra suas ombreiras...”

Em seus comentários, o Dr. Dariex procede à análise penetrante das três relações fornecidas pelos percipientes, após o que, conclui nestes termos:

“Assim sendo, insistimos neste ponto: A maneira diferente, pela qual a sombra foi vista pelas testemunhas, parece devida à posição delas em relação ao trajeto da mesma sombra e esta maneira diferente parece pleitear em favor de uma certa objetividade.

Não ousaríamos, entretanto, concluir que a aparição era verdadeiramente objetiva e que as três percipientes viram realmente o duplo fluídico da enferma ou o seu fantasma, mas cremos dever submeter à meditação de cada um as cinco seguintes observações:

- 1ª) um fenômeno estranho e inesperado foi espontâneo e simultaneamente visto da mesma maneira pelas pessoas presentes, cuja atenção foi despertada por um pé de vento;
- 2ª) logo depois, a Srta. Isnard foi ver sua mãe e a encontrou adormecida;
- 3ª) logo a doente se sentiu mais mal, seu estado piorou progressivamente e ela morreu alguns dias depois;
- 4ª) é impossível a uma sombra projetada poder, em algum caso, simular o trajeto percorrido pela sombra observada;
- 5ª) o golpe de vento, que despertou a atenção das três testemunhas, acompanhado da abertura das portas antes da passagem da aparição, produziu-se em tempo muito calmo e quando todas as janelas se achavam fechadas. De outra parte, as testemunhas não observaram que o ar do aposento estivesse agitado quando ouviram o mugir do vento e viram as portas se abrirem.

Assim fala o Dr. Dariex. Parece-me, depois desta argumentação racional e medida de metapsiquista prudente como ele era, que se deve admitir, como demonstrado, que se tratava efetivamente do desdobramento da enferma em condições de materialização parcial. A esse propósito é preciso considerar a circunstância, inteiramente sugestiva, das duas portas que espontaneamente se abriram antes da passagem do fantasma, para se fecharem sozinhas logo que o fenômeno terminou, o que se produziu, por assim dizer, a fim de permitir a passagem a um fantasma muito materializado para poder passar através da madeira da porta, como tal acontece, ordinariamente, nos casos de aparições fluídicas.

Observo, além disso, que o fato de as portas se abrirem sozinhas subentende uma intenção de dirigir o desenvolvimento da

manifestação, ao passo que a forma aparecida e a forma adotada por essa, uma e outra reproduzindo, com exatidão, a forma e a atitude com as quais a mãe se apresentaria, alguns dias depois, ao filho, conferem à manifestação o valor de uma premonição de morte para a enferma. O fato de ter o fantasma se apresentado velado toma aqui uma grande significação: é como se ele quisesse evitar impressionar muito penosamente os filhos a respeito da morte que pairava sobre a família, limitando-se unicamente a prepará-los, ao suscitar neles um temor benfazejo próprio para atenuar as conseqüências dolorosas dela, o que, como se sabe, é característica de uma grande parte das premonições de morte.

A esse respeito surge, porém, esta formidável questão: se é verdade – como indiscutivelmente o é – que todas as particularidades, segundo as quais se desenrolou o caso em questão, concorreram para fazer sobressair uma intenção de dirigir a manifestação produzida, a que atribuir-lhe a origem? à intervenção dos espíritos? Quem o sabe?

Enfim, a propósito deste fato de aparecerem os fantasmas desdobrados constantemente vestidos, recordo os comentários já feitos a respeito do caso 34, com o fim de demonstrar que esta circunstância, na aparência absurda e inverossímil, e conseqüentemente perturbadora em teoria, é, ao contrário, explicável graças às experiências hoje feitas sobre a “fotografia do pensamento” e que provam que o pensamento é uma “força plástica e organizadora”.

**Caso 42** – Neste outro fato de ordem católica, há percepções sensoriais diversas, isto é, um percipiente vê o fantasma desdobrado da enferma enquanto um outro percipiente sente tocar em seu ombro quando o fantasma lhe passa perto. O caso foi solidamente atestado pelas duas testemunhas.

Eu o extraio do *Journal of the American S. P. R.* (1915, pág. 329). A narradora, Sra. Margaret Sargent, é uma enfermeira diplomada. Escreve ela:

“Há alguns anos, em Augusta (Georgia), eu cuidava de certa jovem atacada de uma febre obstinada, que tinha extenuado também a sua afetuosa mãe pelas longas vigílias pas-

sadas na cabeceira da cama da filha, de modo que o médico recomendara, com insistência, à mãe, que repousasse para recuperar as suas forças com o sono...

Achava-me com o médico junto da moça doente. Para as 11 horas da noite, notamos na enferma sinais inquietantes; todavia não quisemos assustar a mãe porque o médico tinha receio de que ela ficasse também enferma, se não fizesse o repouso necessário. Sabíamos que a doente desejava ardentemente a presença da mãe, mas, como tivesse caído em um estado de inconsciência, não achamos necessário satisfazer-lhe o desejo. Os sintomas da crise pré-agônica não tardaram a manifestar-se e nesta situação acreditamos mesmo que a doente acabava de morrer.

O médico e eu, familiarizados há muito com as cenas da morte, sentimo-nos desta vez como que invadidos por uma sensação de solenidade misteriosa que nos prendeu, por certo tempo, em nosso lugar. Eu estava sentada ao pé da cama, velando silenciosamente a pobrezinha cuja respiração cessara de se manifestar pelos movimentos do peito. De repente, vi avançar, da cabeceira do leito, uma forma branca, vestida, da qual eu não podia ver o rosto porque virara a cabeça para o outro lado. Ela permaneceu um momento ao lado do corpo inerte da moça, depois passou rapidamente pelo doutor e deslizou-se perto de mim, virando sempre o rosto em outra direção, e entrou no quarto em que dormia a mãe da enferma. Senti-me tomada de espanto, ao mesmo tempo que invadida por uma impressão misteriosa que me impedia de mover-me e de falar. Eu não a poderia tomar por uma pessoa viva, mas não conseguia compreender como tinha saído de um lugar em que não havia porta alguma.

No instante em que ela passou junto do médico, este estremeceu e exclamou: “Quem me tocou no ombro?” Eu respondi: “Foi provavelmente esta senhora que passou ao seu lado” e ele, muito intrigado, replicou: “Que senhora? Não vejo ninguém e, no entanto, fui tocado no ombro. Que significa isto?”

Olhamos um para o outro, no cúmulo da estupefação, mas fomos chamados à realidade pela voz fraca da doente que, com o maior espanto nosso, vivia ainda e recuperara os sentidos. Ela viveu ainda 24 horas para se extinguir em seguida, em plena consciência, com a mãe lhe segurando afetuosamente a cabeça e buscando recolher, no último adeus, algumas palavras que exprimissem alegria e felicidade espirituais.

É nossa convicção inabalável que, nesta hora suprema em que a morte se anunciou iminente, o espírito da jovem, que idolatrava a mãe, abandonou por um instante seu próprio corpo para lhe dar o seu último adeus e retornou em seguida ao corpo. É preciso admitir que, nessa noite, manifestou-se a nós dois um “espírito” que se apresentou visível a nossos olhos e que assinalou a sua presença ao médico, tocando-lhe no ombro. Acrescento que ele é um dos membros do corpo médico de Augusta, dos mais experimentados e mais estimados. Interrogado por mim, declarou-se pronto a testemunhar sua parte na experiência, com a escrupulosa exatidão que reproduzo aqui.”

O médico em questão escreveu:

“Sou o médico de que trata a relação acima e atesto, sem hesitação, que achei absolutamente exata a narração do acontecimento ao qual assistimos ambos.” (Ass.: Dr. Goodrich).

E também neste outro fato, observa-se a circunstância de evitar o fantasma desdobrado, fazer-se reconhecer, virando a cabeça para o lado oposto ao em que se achava a percipiente quando ele lhe passou perto. No caso precedente, ao contrário, o fantasma obtivera o mesmo resultado ao aparecer com a cabeça envolvida em um véu espesso.

Não creio que se possa por em dúvida o fato de que se tratava efetivamente do fantasma desdobrado da doente e não da aparição de um “espírito”, tanto mais que essa circunstância do desejo ansioso da moça de rever ainda uma vez a mãe coincidia com



essa outra circunstância de ter o fantasma entrado no quarto em que repousava sua progenitora.

Observo que esta particularidade, de não ter o fantasma sido visto pelo médico, demonstra que não podia tratar-se, desta vez, de um fantasma algo substancial, mas de uma forma puramente fluídica, não menos subjetiva, considerando que, ao passar junto do médico, provocou nele uma sensação de toque no ombro.

Os casos em que a presença de um fantasma é assinalado sob a forma de percepções diversas pelos assistentes são bastante raros e dependentes das idiossincrasias sensoriais peculiares a cada um deles, pelo que torno a dizer que eles podem ser “sensitivos” para as sensações táteis supranormais, ou olfativas, ou motoras, e não o serem para as percepções visuais. Na coleção de *Phantasms of the Livings* é citado um caso no qual as três pessoas presentes perceberam, de modos diferentes, a manifestação de uma amiga falecida pouco antes; uma percebe-lhe a forma, a outra ouve-lhe claramente a voz, a terceira sente forte cheiro de violetas de Parma e isto porque o corpo da defunta, no leito de morte, estava literalmente coberto de violetas de Parma. Essas espécies de manifestações complexas e interessantes sugerem a presença, no mesmo local, de uma entidade espiritual capaz de discernir as idiossincrasias sensoriais das pessoas que lá estão para provocar nelas, em seguida, uma impressão supra-normal intensa de modo a revelar a cada um sua presença no local.

\* \* \*

Com os cinco casos de ordem coletiva que acabam de ser expostos, parece-me estar demonstrado, de modo irrefutável, que, em regra geral, a explicação dos fenômenos de bilocação pela alucinação deve ser afastada. Digo “em regra geral”, porque ninguém contesta que se possam produzir pretensos casos do gênero que seriam, ao contrário, simples alucinações nascidas em indivíduos predispostos. Esses casos são de ordem individual e não de ordem coletiva. Os professores Charles Richet e Enrico Morselli, ambos fisiólogos e psiquiatras de reputação mundial, declararam, explicitamente, em suas obras, que eles nunca

conheceram exemplos de alucinações coletivas derivadas de um fenômeno de *transmissão telepática do pensamento*, embora algumas vezes elas se produzam por *sugestão verbal* (o que é uma coisa inteiramente diversa), como acontece nas multidões fanatizadas por contágio místico. Mas paremos por aqui.

Tendo, pois, demonstrado a minha tese, quer por exemplos de ordem coletiva, quer por provas cumulativas que emergem do complexo das concordâncias existentes entre as modalidades variadas segundo as quais se desenvolvem os fenômenos em questão, acrescentarei agora alguns exemplos que, pela sua natureza, não lhes acrescenta grande coisa, pois que se trata de manifestações, no leito de morte, observadas e descritas por um só vidente. Como já o fiz notar, os casos de visões do “corpo etéreo”, liberto do “corpo carnal” e prestes a ascender às esferas espirituais, equivalem a visões de “espíritos desencarnados” propriamente ditos e são, em consequência, exclusivamente reservados aos olhos de “sensitivos” ou médiuns”. Daí resulta que os casos de ordem coletiva são extremamente raros, contudo são ainda dignos de interesse pelo fato de a sua validade derivar de provas indiretas, tais como as visões coletivas de casos análogos de ordem embrionária ou as maravilhosas concordâncias entre as descrições de videntes do grupo em discussão com as dos percipientes de todos os outros grupos de manifestações congêneres que se desenrolam pouco tempo antes da morte ou no sono fisiológico, hipnótico, mediúnico, ou nos estados transitórios de minoração vital, especialmente no desmaio ou sob o efeito de narcóticos, provas todas indiretas que foram fornecidas precedentemente e de modo adequado.

**Caso 43** – A Sra. Sarah Underwood, no seu livro *Automatic or Spirit Writing* (pág. 302), fala de uma doutora em Medicina que nestes termos se exprime a respeito de uma experiência desse gênero no leito de morte de um moribundo:

“Há vários meses foi transportado para a minha clínica um senhor que eu não conhecia e que se achava em situação tão grave que não dava lugar a esperança alguma de cura. Ele definhava havia dois dias, depois veio a falecer quando eu

me achava à sua cabeceira, desolada por não poder fazer nada em seu benefício.

Vendo que só lhe restavam alguns momentos de vida, pensei na forma de prevenir a família e, de repente, tive consciência de uma “presença” ao meu lado. Voltando-me, fiquei como que fulminada ao perceber, bem perto de mim, o próprio enfermo que acabava de morrer. Essa forma espiritual parecia não ter consciência alguma de minha presença e olhava o seu próprio cadáver com expressão de grande espanto mesclado de terror. Detive-me também a observar o corpo rígido e, quando me voltei, a forma havia desaparecido, mas eu fiquei com a convicção de ter assistido à partida de uma alma.”

**Caso 44** – A Sra. Florence Marryat, na obra *The Spirit World* (pág. 128), narra o seguinte episódio:

“Conto, entre as minhas melhores amigas, uma jovem senhora pertencente à alta aristocracia e dotada de faculdades mediúnicas maravilhosas, ainda que a coisa só seja conhecida de alguns íntimos devido aos preconceitos habituais...

Há um ano ela teve ocasião de perder sua irmã mais velha, de apenas 20 anos de idade, acometida de pleurisia. Edith (é este o nome da jovem médium) nem por um só instante quis deixar a cabeceira da irmã e, achando-se em estado de clarividência, assistiu ao processo da separação do espírito. Contou-me ela que, nos últimos dias de sua vida terrestre, a pobre doente tornara-se turbulenta, sobreexcitada, delirante e constantemente se virava na cama, proferindo frases e palavras incoerentes. Foi então que Edith começou a distinguir uma espécie de nebulosidade sutil, como ligeira fumaça, que se acumulava acima de sua cabeça, espalhando-se pouco a pouco e, condensando-se, tinha acabado por assumir as proporções, forma e aspecto da irmã agonizante, de modo a se lhe assemelhar em todos os pontos de vista, excetuando-se a falta de coloração. Essa forma flutuava no ar, com o rosto voltado para baixo, a poucos pés acima da enferma.

À medida que o dia declinava, foi-se acalmando a inquietação da moribunda, dando lugar, pelo crepúsculo, a profundo esgotamento que anunciava a agonia. Trêmula, Edith observava a irmã: seu rosto ficou lívido, seus olhos se empanaram, mas, acima, a forma fluídica se purpureava e parecia gradualmente animar-se com toda a vida que se lhe escapava do corpo. Um momento depois, a jovem moribunda jazia inerte e sem consciência nos travesseiros, mas a forma que flutuava acima dela se transformara em espírito vivente. Ainda os cordões de luz, semelhantes a fluorescências elétricas, continuavam ligados ao coração, ao cérebro e demais órgãos vitais. Chegou o momento supremo: o espírito oscilou algum tempo, de um lado a outro, para ir, em seguida, colocar-se em posição estendida ao lado do corpo inanimado. Estava aparentemente muito débil, apenas capaz de se esticar, mas era a reprodução vivente de seu corpo.

Enquanto Edith contemplava essa cena curiosa, eis que surgem duas formas luminosas nas quais ela reconheceu o seu próprio pai e a sua avó, ambos falecidos na mesma casa. Os dois se aproximaram do espírito liberto, afetuosamente e o sustentaram, colhendo-o em seus braços, enquanto a cabeça descansava completamente no ombro do pai. Assim permaneceram por algum tempo até que o espírito readquiriu alento. Então romperam-se os cordões luminosos que o retinham ao corpo e, tendo sempre a forma em seus braços, dirigiram-se para a janela, elevaram-se e desapareceram de vista.”

**Caso 45** – Tiro-o de um livrinho de ouro: *The Ministry of Angels*, cuja autora é a Sra. Joy Snell. Ela é uma “sensitiva” de educação e cultura superiores que revezes da fortuna constrangeram a ganhar sua vida exercendo a profissão de enfermeira diplomada. Fato altamente sugestivo é que essa “sensitiva” pôde seguidamente observar, durante uma vintena de anos, o fenômeno da exteriorização do “corpo etéreo” no leito de morte de numerosos enfermos, fenômenos que sempre combinavam com as visões de espíritos de defuntos que acorriam para assistir os seus parentes ou amigos na hora suprema.

O caso de Joy Snell é de tal modo importante por suas conseqüências teóricas que necessário me parece mencionar aqui as seguintes palavras do professor Rev. Haraldur Nielsson, que conheceu pessoalmente a autora. Escreve ele:

“Um dos mais belos livros que li foi escrito por uma senhora inglesa, clarividente, e tem o título de *The Ministry of Angels*. Essa senhora, que se chama Joy Snell, é clarividente desde a infância, sem ter feito profissão de médium... Não me contentei em ler seu livro; fui procurá-la em Londres, em 1919, e tive enorme alegria e grande conforto em conhecê-la assim como ao seu marido. Se dado me fosse designar, presentemente, duas pessoas que eu consideraria como dignas de serem chamadas apóstolos de Jesus a citaria, assim como ao pastor Vale Owen. Nunca encontrei, em toda a minha vida, tão verdadeiros discípulos do Cristo e jamais estive em contato com vidas tão simples e capazes de amarem todas as coisas. A amizade dessas duas pessoas é o que a vida me ofereceu de mais belo.”

Isto dito, vou relatar três casos extraídos do livro em questão. O que se segue é a primeira manifestação do gênero a que assisti a Sra. Joy Snell no leito de morte de uma amiga particularmente querida, muito antes de se consagrar à profissão de enfermeira. Escreve ela:

“Certa noite despertei, em sobressalto, de um sono profundo e achei o quarto iluminado, se bem que não houvesse nenhuma lâmpada, e vi ao meu lado o fantasma de minha boa amiga Maggie, que assim me falou: “Tenho um segredo a te comunicar. Sei que não tenho mais que alguns dias de vida. Desejo que permaneças comigo até o último momento e que consoles minha mãe depois de minha partida.” Depois que me refiz um pouco do medo e do assombro que me acusou a presença do fantasma, este esvaeceu e lentamente desapareceu a luz...”

Decorrida uma semana, a família de minha amiga mandou chamar-me. Encontrei Maggie doente em conseqüência de um resfriado, sem febre, sem nada de grave em seu estado e

a enferma bem longe de experimentar pressentimento de morte. Parecia evidente que ela não havia conservado a menor recordação da visita que me fizera em espírito. É este um mistério que não consigo explicar, tanto mais que, no decurso de minha vida, tive numerosas aparições de vivos que me falaram e aos quais falei, e sempre tive de convencer-me que nunca eles guardaram lembrança de se terem comunicado comigo...

Encontrava-me na casa de Maggie havia 3 ou 4 dias, quando certa noite ela foi subitamente acometida de terrível crise e expirou nos meus braços antes que o médico tivesse tempo de acudir.

Foi essa a primeira morte a que assisti. Logo que cessou de bater o seu coração, vi distintamente algo semelhante ao vapor que se desprende de uma caldeira em ebulição elevar-se de seu corpo, pairar a curta distância do cadáver e se condensar em forma absolutamente idêntica à de minha amiga. Essa forma, a princípio incerta em seus contornos, ia-se precisando cada vez mais até tornar-se completamente distinta. Estava envolta em uma espécie de véu branco com reflexos nacarados sob o qual se desenhavam as formas. Seu rosto era bem o da minha amiga, porém espiritualizado e sem vestígios dos espasmos que o haviam torturado na agonia.

Quando mais tarde me tornei enfermeira, vocação em que persisti durante vinte anos, tive oportunidade de assistir a numerosas mortes e logo depois do decesso observei sempre a condensação da forma etérea acima do cadáver, forma sempre idêntica à do corpo somático e que, apenas condensado, esvaecia aos meus olhos.” (ob. cit., págs. 15/16).

**Caso 46** – Entre os fatos variados desse gênero narrados no livro, a autora não se detém mais a descrever minuciosamente os fenômenos de “desdobramento fluídico” que observou: tornaram-se-lhe tão familiares que já não mais lhe pareciam surpreendentes. Ela se limita a mencioná-los brevemente e só lhe interessam as aparições de defuntos no leito de morte, como o demonstra o exemplo que se segue. Escreve a autora:

“Um dos meus amigos foi atacado de pneumonia e levado ao hospital, onde morreu algum tempo depois. Era um bom homem e dos mais religiosos, a quem não amedrontava a idéia da morte. Sua mulher, igualmente muito religiosa, velava constantemente à sua cabeceira, com resignação, esperando o seu fim. Perto de uma hora antes de morrer, o paciente voltou-se para a esposa e, indicando-lhe alguém que se achava no ar, lhe disse: “Oh! Olha! Olha! Bennie está aqui. Ele veio para receber-me e estende as suas mãozinhas, sorrindo. Tu o percebes?” A mãe respondeu: “Não, meu querido. Não posso vê-lo, mas sei que está aqui porque tu o vês!”

Bennie era o único filho do casal e havia morrido um ano antes, aos 6 anos de idade. Também vi distintamente sua forma. Era um gracioso anjinho de cabelos pretos encaracolados, olhos azuis e vestia a tradicional toga branca dos espíritos. Seu rosto tinha a expressão de uma criança normal, mas espiritualizado, etéreo, radioso, como não se encontra no mundo dos vivos. Pouco depois, o pai caiu em um sono tranqüilo, no qual permaneceu perto de uma hora, e o querido anjinho ficou sempre ao lado do pai agonizante, com o rosto radiante de alegria ao pensar na união iminente. De tempos a tempos, ele lançava um olhar afetoso para a mãe, que nada percebia. A respiração do moribundo não tardou a se tornar penosa, depois enfraqueceu e, enfim, cessou. Então fui testemunha do habitual fenômeno, que se me tornou familiar, da formação do “corpo etéreo” acima do “corpo somático”, inerte.

Quando a forma apareceu perfeita e animada, o anjinho tomou a mão do pai, também transformado em ser luminoso, e vi que ambos se miravam e sorriam com a expressão do mais terno afeto e da maior felicidade. Foi esse um espetáculo sublime!

Assim, a morte, na qual o mundo pensa com horror e que todos consideram o mais espantoso mistério, torna-se, ao contrário, bela e benfazeja, assim como a revelação mais demonstrativa do Amor infinito que o Pai Eterno testemunha às suas criaturas...

Depois que deixei o hospital para me dedicar à assistência particular, nem um só paciente morreu sem que eu percebesse à sua cabeceira uma ou mais formas angélicas que acorriam para receber o espírito liberto e o conduzir à sua nova morada em uma nova esfera de vida.” (ob. cit., págs. 41/42).

**Caso 47** – Eis ainda um fato que se assemelha ao anterior. Escreve a Sra. Joy Snell:

“Achava-me junto ao leito de morte da Srta. L., graciosa jovem de 17 anos de idade e minha amiga. Sucumbia à tuberculose, sem sofrimento, porém o extremo langor do corpo a tornava tão fatigada moralmente que já desejava entrar no eterno repouso.

Quando chegou a sua hora suprema, notei que duas formas espirituais estavam junto dela, uma à direita e outra à esquerda do leito. Não me apercebi de sua entrada no quarto, pois, quando se me tornaram visíveis, já se achavam nos lados da moribunda, mas eu as distinguia tão nitidamente com as pessoas vivas.

Chamo anjos a essas luminosas entidades e daqui por diante sempre as denominarei assim. Logo reconheci nessas visões angélicas duas mocinhas que, durante a sua curta vida, foram as melhores amigas da agonizante, falecidas um ano antes com a sua mesma idade.

Um momento antes de surgirem, a moribunda exclamou: “Como escureceu de repente! Não vejo mais nada!”, mas, apesar disso, ela viu imediatamente as suas duas amigas, belas como anjos. Supremo sorriso de felicidade iluminou-lhe o rosto e, estendendo as mãos, lhes disse alegremente: “Vieram me receber? Como isto me torna tão feliz, porque estou tão fatigada!”

E, enquanto ela estendia as mãos para as visões angélicas, essas faziam o mesmo: uma tomou-lhe a mão direita e a outra a esquerda. Via-se no rosto delas um sorriso ainda mais doce do que aquele que irradiava dos olhos e dos lábios da moribunda, tão feliz por experimentar em breve o repouso a que aspirava. Ela já não falava e por um minuto continuou



com os braços estendidos no ar, com suas mãos nas das amigas mortas que ela não deixou sequer um minuto de contemplar com um ar de infinita ventura. Em dado momento, as mãos espirituais deixaram as da agonizante, que tombaram pesadamente sobre a cama. A moribunda suspirou como se fosse adormecer e, após breves momentos, seu espírito evolou para sempre de seu corpo, mas no seu semblante permaneceu impresso esse sorriso tão doce, que o havia iluminado quando ela percebeu a vinda de suas falecidas amigas, as quais se conservaram à cabeceira da morta durante o tempo necessário para que o “corpo etéreo” se reconstituísse acima do cadáver. Isto feito, colocaram o espírito recém-nascido no meio delas e ele lhes era semelhante, de modo que já não eram dois, mas realmente três os anjos que eu via agora no quarto. Logo depois, as três formas se elevaram e desapareceram no alto.” (ob. cit., págs, 37 e 39).

Tais são os relatos de “sensitivos”. Eu lhes acrescentarei uns extratos da importantíssima narração do Dr. Wiltse sobre uma experiência pessoal de “bilocação com autoscopia” que lhe aconteceu durante o período crítico de uma moléstia extremamente grave que o levou à beira do túmulo. Assim terão os leitores a possibilidade de julgar até que ponto os fenômenos de “visualização” do “corpo etéreo”, em via de exteriorizar-se, concordam com os fenômenos que algumas vezes se produzem junto aos moribundos, isto é, o desdobramento de seu próprio “corpo etéreo”.

O caso do Sr. Wiltse foi rigorosamente estudado pelo Dr. Hodgson e por Myers e figura entre os casos mais demonstrativos que se conhecem. Basta dizer que as principais testemunhas do fato assinaram, perante um tabelião, um atestado sob a fé de juramento, no qual certificam serem exatas as condições nas quais o Dr. Wiltse descreve a visão que ele teve no momento em que recobrou o conhecimento depois de uma crise de coma vizinha da morte.

Devo acrescentar que, durante o *processus* do fenômeno, se produziram fenômenos de “peregrinação” a distância do “corpo etéreo”, com percepções verídicas de situações longínquas,

episódios que não reproduzirei, cioso que estou de me ater à reprodução dos extratos em que o relator expõe o que lhe foi dado observar durante o desenrolar do “desdobramento” de seu próprio “corpo etéreo”.

Para a relação completa do episódio, remeto os meus leitores ao vol. VIII, pág. 180, dos *Proceedings of the Society for Psychological Research*.

**Caso 48** – Após ter descrito as fases de sua enfermidade até o momento em que se sentiu morrer e fez as últimas despedidas da família e dos amigos, o Dr. Wiltse continua nestes termos:

“Perto de quatro horas estive privado dos sentidos e sem que fossem perceptíveis as batidas do coração, afirmou o Dr. Raynes, que ficou à minha cabeceira. Em dado momento, muitos dos presentes me consideraram morto e a notícia se espalhou além das paredes de meu lar a ponto de os sinos da cidade anunciarem a minha morte. Creio ter-me encontrado em condições de inconsciência absoluta. Naturalmente não me proponho a precisar-lhe a duração, visto que um minuto ou um século passados em tal estado parecem idênticos. De todo modo recuperei os sentidos e percebi que me achava ainda em meu corpo, embora verificasse nada mais de comum existir entre meu corpo e meu *eu*. Estupefato e feliz, pela primeira vez eu contemplava a mim mesmo – quero dizer: o meu *eu* real – que se achava, de todos os lados, encerrado pelo *não eu* que o aprisionava como em um sepulcro de greda.

Com todo o interesse de um profissional de Medicina, eu esquadrihava as maravilhas de meu corpo ao que estava intimamente ligado e como que fixado aos diversos tecidos, alma viva desse corpo inerte. Verifiquei que o tecido cutâneo marcava as fronteiras exteriores do tecido “anímico”, se assim posso dizer. Compreendia perfeitamente a minha condição e, com calma absoluta, raciocinava: “Estou morto, no sentido que se dá habitualmente a esta palavra e, todavia, me sinto mais vivo do que nunca e observo que vou me separar de meu corpo.” Concentrei, pois, minha atenção no interes-

sante processo de separação da alma. Em virtude de uma força aparentemente extrínseca, o meu *eu* se sentia impelido e repelido de lado, para frente e para trás, com o mesmo movimento de um berço, e, por efeito desse processo, os laços que o uniam aos tecidos do corpo iam-se rompendo gradualmente. Passado algum tempo, cessaram os movimentos laterais e notei que simultaneamente se rompiam inúmeros fios nas plantas dos pés, nas pontas dos dedos e em seguida nos calcanhares.

Isto feito, senti-me lentamente puxado dos pés para a cabeça, do mesmo modo com o qual se pode puxar um cordão elástico. lembro-me perfeitamente de que, ao chegar à altura do quadril, disse a mim mesmo: “Agora já não há mais vida do fêmur para baixo!” Já não me recordo do momento em que saí do abdômen e do peito, mas claramente me recordo do instante em que o meu *eu* se condensou na cabeça. Foi então que fiz esta reflexão: “Neste momento me acho acumulado na cabeça; dentro em pouco estarei completamente livre.”

Senti-me em seguida como se estivesse na periferia do cérebro quando ele se achava vazio, depois como se as membranas dele estivessem ligeiramente comprimidas por toda parte, depois como se escorregasse através das suturas do crânio e finalmente me vi sair da caixa craniana à maneira de um corpo membranoso, cujos tecidos se houvessem achatado para passar através de uma fenda. Lembro-me perfeitamente bem como pareci a mim mesmo qualquer coisa de semelhante a uma “medusa”, no que concerne à forma e a transparência... Enquanto eu emergia da cabeça, senti-me novamente puxado e repuxado para cima e para baixo, depois de lado, como uma bola de sabão ainda ligada ao tubo, até o momento em que me vi separado do corpo e me senti descer lentamente em direção ao solo, onde pouco a pouco me desenvolvi até atingir as proporções de um homem.

Vi-me transparente, de cor azul, e completamente nu. Esta última condição me embaraçou e, para evitar os olhares das duas senhoras que via diante de mim, assim como dos outros

presentes, tratei de fugir para o lado da porta que tinha ficado aberta, mas apenas havia chegado ali, verifiquei estar completamente vestido. Tranqüilizado neste ponto, voltei sobre os meus passos para me entreter com os meus amigos e conhecidos. Ao voltar-me, meu cotovelo esquerdo tocou o braço direito de um homem que se achava na soleira da porta. Com grande surpresa minha, seu braço passou através do meu sem opor qualquer resistência, depois do que as duas seções de meu braço se reuniram do outro lado sem que eu nada sentisse, como se fossem feitas de ar. Rapidamente encarei esse homem para ver se ele se apercebera do contato, porém não se moveu e continuava a olhar tristemente o leito que eu havia então abandonado. Acompanhei o seu olhar nessa direção e vi meu próprio corpo jazer ligeiramente virado sobre o flanco direito. A palidez de meu rosto me apavorou. Há muitos dias que não me via no espelho e nunca imaginei ter chegado a esse grau extremo de palidez...

Vi diversas pessoas sentadas ou de pé em volta de meu cadáver. Particularmente, notei duas mulheres que choravam, ajoelhadas à minha esquerda. Em seguida vim a saber que uma delas era minha própria esposa e a outra minha irmã, mas, nesse momento, eu não tinha uma idéia precisa da individualidade: esposa, irmã, amigos, tudo era para mim a mesma coisa. Já não me lembrava de que havia graus de parentesco, ou, pelo menos, não pensava nisto. Só distinguia os sexos e nada mais. “Sinto-me tão bem agora – pensei eu –, quando ainda há pouco sofria terrivelmente: a mudança que sobreveio e que me libertou é o que chamam morte, a morte que causa tanto pavor e que agora passou. E eis que torno a encontrar-me homem como antes, vivo e pensante. Sim, pensante, com maior lucidez que anteriormente. E não estarei mais doente agora. E não mais terei medo de morrer!”

Percebi então que um tênue fio, semelhante ao filamento de teia de aranha, partindo de meu occipital, ia me prender ao meu corpo, por baixo do pescoço.”

O Dr. Wiltse conta, aqui, como saiu, em espírito, do aposento, para ir peregrinar ao longe. Entre outras coisas, teve visões simbólicas complexas. Em seguida descreve o seu retorno à vida:

“Sem que nisso pensasse e sem esforço algum de minha parte, meus olhos carnis se abriram. Eu olhava as minhas mãos, depois a cama em que me achava estendido e, compreendendo que ainda estava no meu corpo, exclamei decepcionado: “O que me aconteceu então? Será preciso que eu morra novamente?” Senti-me extremamente fraco, contudo encontrei força para narrar aos presentes o que me acontecera, embora todos insistissem para que eu não falasse. Imediatamente fui tomado de acessos de vômitos, irresistíveis e terríveis...”

Assim conta o Dr. Wiltse. Assinalarei brevemente algumas concordâncias entre a auto-observação desse fenômeno de “desdobramento” e os fenômenos expostos de percepções do “desdobramento” dos outros.

Deixando de lado as concordâncias assaz evidentes como as que provam a existência de um fluido ou *aura* que se exteriorizava do organismo do moribundo para se condensar em seguida em um “corpo etéreo” idêntico, na forma, ao “corpo somático”, salientarei que, nesta relação, se encontram episódios de “autoscopia interna” análogos aos já descritos pelos sensitivos, assim como o fenômeno da visão dos filamentos ligando o “corpo etéreo” ao “corpo somático” e o das oscilações laterais ao qual estava submetido o “corpo etéreo” no processo da libertação do “corpo somático” (particularidades tão inesperadas *a priori* que, do ponto de vista alucinatório, não se compreenderia como a imaginação de tantos alucinados teria podido concordar nessa fabulação). A esse fenômeno se acrescentaria um episódio complementar da Sra. Marravat assim descrito: “O espírito oscila algum tempo de um lado e do outro *para vir em seguida colocar-se de pé ao lado do corpo inanimado*”, episódio que corresponde à indicação do Dr. Wiltse: “... eu emergia da cabeça... *senti descer lentamente em direção ao solo*” (o que quer dizer, a colocar-me ao lado do corpo inanimado).

Faço notar ainda o fenômeno de sair o espírito pela cabeça e começar a se formar desde as plantas dos pés, fenômeno que foi assim descrito por Jackson Davis por ocasião da morte de um sexagenário: “O cérebro atraía a si os elementos elétricos, magnéticos, motores, vitais, sensitivos, espalhados por toda parte no organismo, de sorte que a cabeça ficou como que iluminada. E, enquanto que de uma parte as extremidades do corpo se esfriavam e me pareciam escuras, de outra o cérebro irradiava uma grande e especial luminosidade”, descrição que corresponde às expressões do Dr. Wiltse: “simultaneamente, na planta dos pés, nas extremidades dos dedos desses, depois no calcanhar, percebi que se rompiam inúmeros filamentozinhos e, isto feito, comecei a me sentir puxado dos pés para a cabeça, da maneira pela qual se puxa um cordão elástico”.

Finalmente, encontra-se na descrição acima um detalhe particular altamente sugestivo, porque confirma o que já expliquei nos meus comentários ao caso 34, a propósito dos fantasmas dos vivos e dos mortos que aparecem sempre vestidos, particularidade absurda, na aparência, mas que se explica hoje pelo que nos revela a fotografia do pensamento”, a saber, que “o pensamento e a vontade são forças plasticizantes e organizadoras”.

Sendo assim, fácil é concluir daí que, se tais fatos se produzem *de uma maneira excepcional durante* a existência corporal, essas forças do pensamento e da vontade humana se exercerão, *de modo normal*, no mundo espiritual, isto é, no ambiente etéreo, e isto pelo fato mesmo de se exercerem as forças plasticizantes precisamente no éter imaterial. Compreende-se, pois, que basta um espírito desencarnado ver-se ou desejar-se vestido para imediatamente atingir o fim desejado. E o Dr. Wiltse, por sua vez, observa: “... vi-me transparente, de cor azul, e completamente nu. Esta última circunstância me embaraçou e, para evitar os olhares das duas senhoras que via diante de mim, tratei de fugir para o lado da porta que tinha ficado aberta, *mas, apenas havia chegado ali, verifiquei estar completamente vestido*”.

Evidentemente o desejo de se apresentar vestido havia operado o prodígio da condensação etérea das vestes na sua pessoa, vestes que, nos casos iguais, são sempre as que eram usadas

antes da sua última doença. Recordo que a mesma coisa sucedeu no episódio narrado por mim nos comentários do caso 34, em que a Srta. Scatcherd, posando diante de um fotógrafo, pensou, com pesar, que deveria ter vestido a sua bela camiseta ornada de rendas, pensamento que determinou uma condensação etérea da blusa desejada, que apareceu bem distintamente na chapa fotográfica recobrando a que havia vestido naquele dia.

E já que estamos neste tema das concordâncias, quero completá-lo observando que, entre as crenças tradicionais comuns aos povos selvagens, existem narrações idênticas de fatos, circunstância que tende a provar que há, na base de todos esses fatos, a mesma explicação.

Eis em que termos um missionário, de volta do arquipélago de Taití (Polinésia), expõe as crenças dos aborígenes a respeito:

“No momento da morte, acreditam os taitianos que a alma se retira para a cabeça, para dela sair em seguida e passar por um lento e gradual processo de reabsorção em Deus, do qual emanaria...

Curioso e interessante o fato de crerem os taitianos na saída de uma substância real que tomaria a forma humana. E assim o crêem na fé dos que dentre eles são dotados da faculdade de clarividência e que afirmam que o moribundo apenas cessou de respirar, se desprende de sua cabeça um vapor que se condensa no ar, a pouca distância do corpo, e que permanece ligado a ele por uma espécie de cordão formado da mesma substância. Essa substância, afirmam eles, aumenta rapidamente de volume e toma, ao mesmo tempo, o aspecto do corpo de onde provém. E, quando esse último fica frio e inerte, o cordão, ligando a alma ao corpo, se dissolve, e a alma libertada vai-se embora, assistida por mensageiros invisíveis, ao que parece...” (*The Metapsychical Magazine*, outubro de 1893).

Temos aqui uma descrição que corresponde, nos seus mínimos detalhes, às que têm sido feitas pelos videntes de hoje. Isto dito, não é lógico nem sério querer encontrar a razão de tais semelhanças nas hipotéticas “coincidências fortuitas”. De outra

parte, como os taitianos não puderam haurir suas crenças dos povos civilizados e estes não as tomaram aos polinésios, somos bem forçados a reconhecer que de tal concordância emerge forte presunção a favor da objetividade do fenômeno assinalado pelos videntes.

Compreende-se, pois, que, para quem formou uma convicção espiritualista apoiada sobre as modalidades diversas segundo as quais se realizam os fenômenos mediúnicos, tal concordância de provas atinge um grau de probabilidade equivalente a uma demonstração experimental, tanto mais que o fenômeno de “bilocação” é, no fundo, o complemento necessário, ou melhor, a condição *sine qua non* da existência de grande parte da fenomenologia mediúnica, a começar pelas formas espontâneas de aparições *post mortem* para terminar nos fenômenos experimentais de “materialização”. E, que disto se tome nota, tais considerações valem tanto para os defensores da hipótese espírita como para os “animistas totalitários”.

Sobre este último ponto, sinto-me feliz por encontrar-me de acordo com o célebre metapsiquista norte-americano Hereward Carrington, conhecido por sua prudência, que assim se exprime em sua introdução ao interessantíssimo livro de Sylvan Muldoon, *The projection of the astral body*:

“Pode-se afirmar, sem receio algum de engano, que as provas da existência de algo de semelhante ao “corpo astral” vão se acumulando constantemente com as pesquisas psíquicas de hoje e que estas provas são mais do que nunca convincentes. É, por assim dizer, supérfluo acentuar que, se tais provas fossem admitidas, chegar-se-ia a explicar grande número de fenômenos supranormais que, de outro modo, permaneceriam inexplicáveis. Por exemplo, as “casas assombradas”, as aparições de fantasmas vistos coletiva ou sucessivamente por muitas pessoas, as fotografias transcendentais, a clarividência, etc. E, uma vez admitida a presunção tão forte de que o “corpo astral” é, em tais circunstâncias, capaz de animar ou interessar a matéria, então explicados estariam também os golpes vibrados, o deslocamento de objetos sem contato (telestesia), os fenômenos de “poltergeist”



(espírito assombrador) e outros fenômenos físicos de natureza semelhante. Em suma, uma vez reconhecida a existência de um “corpo astral” capaz de se exteriorizar, um feixe de luz seria assim projetado sobre as manifestações psíquicas e esclareceria tanto as físicas como as mentais.” (Idem, págs. 19/20).

Forçoso é convir que as observações feitas se apresentam tão evidentes que nem um só metapsiquista poderia pensar em contestá-las: elas demonstram, por assim dizer, a necessidade teórica de postular a existência de um “corpo astral” no homem, se se quer interpretar uma grande parte dos fenômenos supranormais. Isto dito, apresso-me a reconhecer que os homens de ciência, aos quais cabe uma grande responsabilidade moral em razão de sua autoridade como representantes oficiais das ciências formadas pela pesquisa experimental, têm o dever de proceder com extrema prudência antes de se pronunciarem definitivamente sobre a natureza das manifestações supranormais, que modificariam profundamente a orientação que predomina, no momento, nos meios científicos, o que faz que um homem de ciência possa estar pessoalmente convencido da origem provável de toda uma categoria de fenômenos metapsíquicos, mas abstenha-se, prudentemente, de o declarar quando se discute oficialmente.

E aqui se formula a pergunta: Para reconhecer os fenômenos de “bilocação” como uma aquisição definitiva da ciência, o que ainda seria preciso? Simplesmente isto: que a realidade dos fatos de desdobramento do “corpo etéreo” seja demonstrada por meio de provas experimentais tangíveis, de qualquer sorte. Os métodos experimentais, próprios para atingirem esse objetivo, são numerosos e já foram empregados, ainda que com processos científicos geralmente insuficientes. Entretanto, entre as provas experimentais obtidas, há as que são dignas de atenção e elas fazem bom augúrio do futuro das ditas pesquisas. Assim, por exemplo, já se obtiveram fotografias de “duplos” e, entre as mais notáveis, as do capitão Volpi na Itália, dos professores Istrati e Hasden na România, do Reverendo William Stainton Moses em Londres, do Cel. de Rochas e do Dr. Durville em Paris. Obtiveram-se também fotografias de fantasmas, mais ou menos bem

formados, no leito de morte de diversos moribundos. O Dr. Baraduc, por exemplo, teve a força de ânimo de fotografar a esposa e o filho no momento da morte. Também foram feitas experiências de desdobramento, por meio do hipnotismo, pelos mesmos Cel. de Rochas e Dr. Durville. Este último chegou mesmo a obter a “fluorescência” de uma carta embebida de uma substância especial, colocando-a na parte do espaço em que a sonâmbula localizava o “duplo” e de outra pessoa distante e deitada, achando-se então em sono hipnótico. Citam-se ainda outros exemplos de “duplos” que manifestaram a sua presença provocando efeitos físicos; com Eusápia Paladino obtiveram-se a distância – e desta vez o fato é de granito – impressões de seu rosto exteriorizado, o que quer dizer de seu “corpo etéreo” desdobrado e materializado. Sobre a autenticidade destes últimos fenômenos não é mais permitido levantar dúvidas e eles deveriam ser considerados como aquisição da ciência, o que, teoricamente falando, não é dizer pouco.

Quanto às outras modalidades experimentais precedentemente enumeradas, força é convir que elas podem ser rejeitadas em parte devido à insuficiência de detalhes ou à possibilidade de as interpretar pelas hipóteses da sugestão e auto-sugestão. Escrevendo isto, não pretendo afirmar que as pretensas causas de dúvida sejam legítimas, mas simplesmente que os métodos de experimentação e de controle têm necessidade de ser mais rigorosos para se chegar à certeza científica.

As memoráveis experiências do Cel. de Rochas e do Dr. Durville não podem deixar de ser assinaladas, porque foram conduzidas com um método rigorosamente científico por homens plenamente conscientes das dificuldades inerentes a tais investigações.

Eis, em resumo, em que consistem as experiências do Cel. de Rochas. Como se sabe, ele conseguiu obter o fenômeno de *exteriorização da sensibilidade* em seus próprios *sujets*, graças aos habituais métodos magneto-hipnóticos, fenômeno que ia se acentuando à medida que se prolongavam os passes hipnóticos, até que as camadas concêntricas da sensibilidade exteriorizada vinham, por assim dizer, polarizar-se à direita e à esquerda do

*sujet* e se mostravam sob a forma de duas colunas fluídicas luminosas, diversamente coloridas, colunas que acabavam por se aproximarem, reunirem, confundirem e constituírem uma espécie de fantasma que repetia, ao mesmo tempo, cada movimento do *sujet*. A existência do fantasma podia se estabelecer, com certa segurança, pelo fato de experimentar o *sujet* rapidamente as sensações correspondentes ao contato ou a dor, quando, sem ele o saber, se tocava ou picava o lugar por ele indicado ou ainda se, por acaso, alguém atravessava essa zona. Por outro lado, aconteceu certa vez que o *sujet*, tendo por acaso dirigido os seus olhares, durante o seu sono, para um espelho à sua frente, teve a ilusão de se ver diante de outro fantasma idêntico ao que estava de seu lado, fantasma que era a imagem refletida de seu “duplo”. Finalmente, de outra feita, o fenômeno, não procurado, se realizou com Eusápia Paladino, que de Rochas havia hipnotizado com intenções diversas.

Escreve ele: “Consegui rapidamente mergulhá-la em estado de profunda hipnose e então ela viu, grandemente estupefata, aparecer à sua direita um fantasma de cor azul. Perguntei-lhe se esse fantasma era “John”. “Não – respondeu ela –, mas John se serve desta mesma substância...”, resposta que não esperava de Rochas e que é altamente sugestiva e instrutiva.

Após as experiências do passado tendentes a provar, experimentalmente, a existência de um “corpo etéreo”, cumpre citar aqui outras experiências recentes sobre o mesmo tema e que levam a uma demonstração próxima e definitiva neste sentido. Refiro-me a uma série extremamente importante de experiências organizadas no laboratório do “Instituto de Investigações Psicológicas”, que traz o nome de seu fundador: Dr. William Bernard Johnson, instituto criado há alguns anos em Reno, Nevada (Estados Unidos da América). Essas experiências, devidas ao Dr. Watter, foram minuciosamente descritas por ele no Boletim de outubro de 1933 do Instituto e lhe foram sugeridas pela teoria “intra-atômica” da professora Sra. Gaskel, segundo a qual os átomos físicos, que constituem o organismo de qualquer criatura viva, são interpenetrados por um “elemento vital”, uma “certa vida”, à qual se deve a organização dos seres vivos. Essa nova

unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas e, conseqüentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra e infra-atômica, e na hora da morte se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado.

A professora Sra. Gaskel, em sua obra *What is Life?* (O que é a Vida?), convidava os seus colegas de física e de química, que dispunham de laboratório, para procederem a experiências cruciais sobre esta questão, consistindo em provocar a morte e aplicar, ao mesmo tempo, métodos aptos para medir, registrar e assinalar, por qualquer modo, a “quantidade de vida” que teoricamente deveria escapar-se de um organismo vivo (isto é, de um sistema atômico) durante a crise da morte. O doutor Watter aceitou o convite e organizou as suas experiências pessoais baseadas neste princípio: se um “elemento vital” realmente existe, então deveria ser possível obter provas fotográficas de sua presença por meio de disposições especiais para uma experimentação em laboratório. Nesse sentido imaginaram aparelhos e métodos minuciosamente descritos, graças aos quais os experimentadores efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmiais bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziam exatamente o corpo físico do qual emanavam.

Naturalmente tratava-se de experiências executadas com pequenos animais de modestas proporções. Assim, por exemplo, colocou-se na câmara do aparelho um grande “grilo dos campos” e, no momento da morte do inseto, acionou-se um aparelho fotográfico que registrou a presença de um grilo-fantasma superposto ao cadáver do inseto. Idênticos resultados foram obtidos com ratos e rãs.

O que de mais sugestivo há nas experiências em apreço reside neste fato: quando os experimentadores, no fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida ao animalzinho “eterizado”, verificaram que a chapa fotográfica não fora impressionada. Ao contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do animalzinho morto, os experimentadores se esforçavam em vão

para restituir a vida ao animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de adrenalina.

O Dr. Watter concluiu que chegou a demonstrar que, durante a crise da morte do corpo físico escapava um “corpo espiritual”, inferindo, logicamente, que aquilo que se verifica nos animais pertencentes às formas inferiores da vida deve evidentemente verificar-se também nas formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que os mesmos resultados devem ser obtidos, o que parece incontestável.

Cumpra observar que tais experiências vêm conferir valor científico a certas afirmações de sonâmbulos clarividentes, que podemos ler nos livros de antigos magnetizadores, afirmações segundo as quais acontecia aos sonâmbulos em questão perceberem os fantasmas fluídicos de animais domésticos que eram mortos no mesmo momento, na casa em que se faziam experiências. E o próprio Daniel Dunglas Home viu certa noite o fantasma de um cãozinho pertencente a um dos experimentadores, animal morto, naquele momento, em sua cama.

Lord Dunraven conta o caso nos seguintes termos:

“Home caminhou para a cama e caiu subitamente em transe. Pôs-se a murmurar palavras incompreensíveis... Verifiquei que se achava mesmo no estado de transe. As paredes e o teto começaram a vibrar com violência, dando a impressão de que acima de nossas cabeças havia um baile desordenado (o que não acontecia). De repente, Home, virou-se para mim e exclamou:

– Oh! Que vejo? O pobre do animalzinho está morto!

– Que animalzinho?

– A branquinha (era o nome de uma cadelinha pertencente à Sra. Hall). Seus donos vão ficar desolados. Ela morreu agora mesmo (exato). Ela, porém, não está morta! Parece uma bola de eletricidade; um pequeno globo de luz! Eis que se eleva no ar. Mais tarde entrará em contato com uma substância especial que a absorverá.

– O que a absorverá? Como?

– Entendi uma outra forma mais elevada de existência animal. Mas nesse intervalo um espírito qualquer poderá apossar-se dela; embora eu tenha dito que parecia um pequeno globo luminoso, quando se destacou do corpo tinha a aparência de um cão. Em todo caso, mesmo que um espírito consiga apoderar-se dela, seria por pouco tempo, porque deve confundir-se em uma outra forma animal. Tal é a lei da natureza e nada poderá transgredi-la. No momento ela não tem sensações, nem consciência de si. As condições de sua existência não foram suficientemente elevadas para lhe permitir conservar a sua própria individualidade.” (Lord Dunraven – *Experiences in Spiritualism*, pág. 243).

Por sua vez, o célebre positivista-materialista Adolphe d’Assier, que, apesar de importantes inquéritos pessoais sobre os fenômenos de casas assombradas, permaneceu um irreduzível negador da sobrevivência humana, assim relatou um fato que lhe sucedeu:

“A existência em nós de uma imagem viva e fluídica, reproduzindo a nossa forma exterior assim como a nossa organização interna, é privilégio da espécie humana ou deve ser considerada como um atributo da individualidade? Para todo homem iniciado no estudo da filosofia natural, nenhuma dúvida é permitida. Ela responderá, sem hesitar, que não sendo o animal humano senão um ramo da árvore zoológica, todos os seus caracteres essenciais são encontrados, em diversos graus, nos outros ramos. Esta consideração teórica, extraída da grande lei das analogias que forma uma das principais bases da história natural, é confirmada experimentalmente por um grande número de fatos. Vou citar alguns deles.

Para o fim de 1869, achando-me em Bordeaux, encontrei-me certa tarde com um dos meus amigos que ia para uma experiência magnética e me convidou para acompanhá-lo. Aceitei o seu convite, desejoso que me achava de ver de perto o magnetismo, que eu só conhecia de nome. Essa sessão não ofereceu nada de notável, pois foi a repetição do que se passa nas reuniões desse gênero. Uma jovem, parecendo

bastante lúcida, fazia o papel de sonâmbula e respondia às perguntas que lhe eram formuladas. Fui, entretanto, surpreendido por um fato inesperado. Para o meio da tarde, uma das pessoas presentes, tendo percebido uma aranha no chão, esmagou-a com o pé.

– Oh! – exclamou no mesmo instante a sonâmbula –, vejo o espírito da aranha que se evola.

Sabe-se que, na linguagem dos médiuns, a palavra *espírito* designa o que chamo de “fantasma póstumo”.

– Qual é a forma desse espírito? – perguntou o magnetizador.

– Tem a forma de uma aranha – respondeu ela.

Eu não sabia, no momento, o que pensar dessa aparição. Não duvidava, de modo algum, da clarividência da sonâmbula, mas, não acreditando em nenhuma manifestação póstuma do homem, não a podia admitir para os animais. O caso da aranha só me foi explicado alguns anos mais tarde, quando, tendo adquirido a certeza do desdobramento da personalidade humana, cuidei de procurar o mesmo fenômeno nos animais domésticos.” (Adolphe d’Assier – *Humanité Posthume*, págs. 83/84).

## Conclusões

Se – repito – as recentes e magníficas experiências que acabo de citar não tivessem vindo ao meu conhecimento, teria deixado de fazer alusão às observações análogas e espontâneas das antigas sonâmbulas, mas é evidente, ao contrário, que as experiências de hoje confirmam as observações das sonâmbulas e que estas reforçam, por sua vez, as experiências atuais.

A esse respeito, convém assinalar que, apesar de tudo o que foi exposto sobre as provas de ordem experimental, indispensáveis para atingir a certeza científica da existência dos fenômenos de “bilocação”, não devemos, todavia, esquecer as provas tanto mais legítimas e concludentes obtidas por meio da análise comparada e da convergência das provas, tais como resultam da presente classificação.

Saliento, antes de tudo, que, com base nessas provas, verificamos que os casos de “bilocação”, tanto quanto os outros fenômenos estudados pela ciência, não são nunca considerados isoladamente, mas cumulativamente. É assim e apenas assim que os fenômenos em questão adquirem integralmente sua significação irresistivelmente demonstrativa. É isto pelo fato de que não se pode levantar qualquer dúvida sobre a objetividade do fenômeno, desde que se apliquem os processos da análise comparada a centenas de fatos do mesmo gênero, conexos, nos quais são representadas todas as gradações que assume tal fenomenologia, de modo a fazer aparecerem as modalidades segundo as quais a exteriorização do “corpo fluídico” é determinada. É-nos preciso, então, excluir as hipóteses “onírica” e “alucinatória”, que são as únicas que podem ser opostas aos fenômenos do gênero. Tais conclusões parecem indiscutíveis depois das seguintes considerações:

- Em primeiro lugar, porque os diversos graus de produção dos fenômenos de “bilocação” se completam e se reforçam admiravelmente um pelo outro. Com efeito, a começar pelos fenômenos ditos de “sensação de integridade nos amputados”, aos quais às vezes o sentido de integridade do membro faltante é



a tal ponto real que, se a sua atenção estiver distraída, eles experimentam as sensações que o membro deveria experimentar se ainda existisse, para passar aos casos de desdobramento embrionário nos que foram atingidos pela hemiplegia, os quais percebem, junto deles, do lado paralisado, uma seção longitudinal de seu próprio duplo, e afirmam que esse fantasma goza de uma integridade sensorial que lhes foi subtraída (fato inexplicável pela hipótese sinestésica, porque, nos hemiplégicos, o sentido sinestésico, bem longe de ser exagerado, não existe mais) para chegar em seguida aos casos de desdobramento autoscópico, nos quais o sensitivo percebe o seu próprio fantasma, sempre conservando plena consciência de si, e a seguir aos casos nos quais a consciência se acha transferida no “duplo” que percebe a certa distância o seu “corpo somático” inanimado, depois aos casos nos quais o desdobramento se produz no decurso do sono natural ou provocado, no delírio, na letargia e no coma, nos casos em que o fantasma desdobrado de um vivo adormecido é percebido por terceiros, para chegar aos casos nos quais o fenômeno de desdobramento fluídico se realiza no leito de moribundos e é registrado por pessoas sensitivas e, finalmente, aos casos em que o fantasma desdobrado no leito de morte é visto coletivamente por todos, verifica-se – eu o repito – que todas essas gradações ascendentes de fenômenos análogos estão intimamente ligadas entre si e se completam e se reforçam, confundindo-se e integrando-se, para produzirem esta certeza de se assistir à manifestação diversamente graduada de um mesmo fenômeno.

- Em segundo lugar, porque as hipóteses “onírica” e “alucinatória” são excluídas pelo fato de serem os fenômenos de “bilocação” no leito de morte constantemente descritos pelos clarividentes com os mesmos e minuciosos detalhes de realização, em que sobressaem particularidades de tal modo novas e inesperadas que é logicamente impossível presumir que elas saiam idênticas dos cérebros de todos os videntes, quer pertençam ao mundo civilizado, quer ao bárbaro ou selvagem.

- Em terceiro lugar, porque já se obtiveram, experimentalmente, fotografias de fantasmas desdobrados de vivos (Stainton

Moses, de Rochas, Durville, Prof. Istrati) e de fantasmas no leito de morte, em sua forma rudimentar (Dr. Baraduc).

- Finalmente, porque – como já se viu – as pesquisas atuais tendem a provar admiravelmente, experimentalmente, definitivamente, a tese sustentada aqui.

Tais são os dados presentes do grande problema a resolver, dados que demonstram que, se não é possível ainda considerá-lo como resolvido do ponto de vista da ciência oficial, a qual se obriga a calçar os seus sapatos de chumbo antes de aceitar como definitivamente demonstrada a existência de uma classe de fenômenos que revestem enorme importância teórica pelo menos do ponto de vista das convicções pessoais de quem quer que tenha estudado a questão a fundo, pode-se assegurar que a dos fenômenos de “bilocação” é hoje feita. Em consequência, o reconhecimento definitivo desses fenômenos pela ciência oficial não é mais do que uma questão de tempo.

E, por acréscimo, essa questão de tempo se reduz à exigência, mais que legítima, que outros experimentadores, em número suficiente, repitam as mesmas experiências até agora realizadas por um pequeno número de precursores. Sendo assim as coisas, pode-se estar certo do êxito fatal e afirmativo do controle científico. Quando esse grande evento se realizar, então no horizonte do conhecimento humano surgirá a aurora de uma nova era: os fundamentos do saber humano passarão da concepção materialista do universo para a concepção espiritualista do ser, com as consequências filosóficas, sociais, morais e religiosas que daí decorrem. É, com efeito, flagrante que a existência imanente de um “corpo etéreo” no “corpo somático” subentende a imanência de um “cérebro etéreo” no “cérebro somático” e assim por isto dissipadas ficariam as perplexidades que impediram até agora os fisiólogos de admitir o espírito sobrevivente à morte do corpo, perplexidades que eles resumem no fato indubitável da existência do paralelismo psicofísico nos fenômenos do pensamento, o qual leva a concluir, inexoravelmente, na extinção do espírito com a desagregação do órgão pensante.

Não resta dúvida de que os fisiólogos têm aparentemente razão para concluir nesse sentido, mas, pelo contrário, o mesmo não sucederia se os termos do formidável problema fossem um dia derrubados pela demonstração experimental da existência de um “cérebro etéreo” imanente no “cérebro somático”. Nesse caso, este último nada mais seria do que um aparelho indispensável para a tradução de impressões que nos chegam do mundo exterior por intermédio dos sentidos sob a forma de *vibrações físicas*, depois *vibrações psíquicas*, perceptíveis ao espírito imanente no cérebro etéreo.

Observo que essa tese concordaria maravilhosamente com as teorias da professora Sra. Gaskel, segundo a qual a Vida e o Espírito constituiriam um Todo, que seria um *quantum* intra-atômico, uma “qualquer coisa” de imaterial que organiza a matéria para dela se libertar no momento da morte, o que esclarece o postulado “todas as formas de vida organizada possuem esta *quantidade intra-atômica*”. Isto aclara, uma nova luz, o postulado de outra sumidade, o físico Eddington, que declara que “se os átomos do corpo humano, no que em si contêm de substancial, fossem fortemente comprimidos, o corpo humano não exigiria maior espaço do que um ponto feito com um lápis agudamente apontado”, o que torna a significar que o organismo físico de um homem consiste na sua quase totalidade de “espaço interatômico e infra-atômico”, provável morada do “corpo etéreo” e do “cérebro etéreo”.

De outro ponto de vista e com o auxílio das novas concepções do ser humano, explicar-se-ia melhor por que um indivíduo perde temporariamente a razão sob a influência de uma bebida alcoólica, por que ele perde definitivamente a razão se o “cérebro somático” funciona em desordem, como na demência. E por isso seria evidente que, se o aparelho transformador das “vibrações físicas” em “vibrações psíquicas”, reagir desordenadamente, o “cérebro etéreo”, sede do espírito, não mais estaria em condições de perceber corretamente as impressões exteriores e menos ainda agir por fora com pensamentos e atos apropriados, que continuariam a ser evidentemente transmitidos, mas o apare-

lho transmissor os desnaturaria e os transformaria em imagens incoerentes.

Essas considerações me recordam uma discussão cortês que tive com o professor Enrico Morselli pouco antes de sua morte. Esforcei-me por convencê-lo do grande fato de tantas provas variadas – anímicas e espíritas – convergirem todas para um mesmo centro: a demonstração da sobrevivência do espírito humano, fato que assume um valor científico de primeira ordem, dificilmente contestável. A enumeração das provas me impunha um longo monólogo que o professor Morselli escutou com a maior atenção, sem nunca me interromper. Quando chegou ao termo de minha exposição, ele continuou a guardar silêncio, ao mesmo tempo em que a expressão de seu rosto indicava que ele se achava absorvido em profundas reflexões, do que concluí que, não conseguindo encontrar objeções metapsíquicas para opor à massa imponente dos fatos citados, sentira-se abalado em suas convicções materialistas, o que me levou a quebrar o silêncio com esta pergunta: “Pois bem, senhor professor, não vos parece que a hipótese espírita está, na realidade, cientificamente melhor demonstrada do que o imaginastes?” Ele se recobrou e, olhando no vácuo, em atitude quase estática, mediu solenemente estas palavras: “Vinde visitar comigo um asilo de alienados e então vos convencereis de que o pensamento é função do cérebro!”

Percebi, por esta resposta, que o professor Morselli efetivamente não encontrara qualquer objeção de ordem metapsíquica, que seu critério lógico havia sido visivelmente abalado pela evidência cumulativa das provas enumeradas, mas que, após breve oposição interior, o fisiologista profissional o havia dominado, com a incapacidade em que se achava de se libertar de convicções profundas, indelevelmente impressas em suas células cerebrais por mais de meio século de prática de patologia mental, convicções aparentemente mais que legítimas, porém totalmente errôneas pelo fato de não repousarem numa única faceta do prisma Verdade. Decorria daí que a argumentação *negativa* do professor, que não era metapsíquica, porém psicopatológica, não infirmava, de modo algum, o valor irrefutável das provas *positi-*

vas, de ordem metapsíquica, que eu havia citado e nas quais eu enunerei *todas as facetas* do prisma Verdade.

Assim, a argumentação do professor Morselli significa apenas que, antes de chegar à demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano, ainda subsistia uma questão a resolver concernente à patologia mental. Agora, esta incerteza se dissipou como o nevoeiro ao sol em virtude de uma classe de fenômenos metapsíquicos aos quais eu não havia feito alusão nessa discussão improvisada: a categoria dos fenômenos de “bilocação” implicando a existência de um “corpo etéreo”, que implica, ele próprio, a existência de um “cérebro etéreo”, sede da inteligência. E é este último fato, de importância teórica considerável, que vem conciliar a sobrevivência do espírito humano com a patologia mental sob todas as suas formas: delírio alcoólico, demência, idiotia. Mas, como já o disse, nesse momento não me veio à mente fazer valer a importância demonstrativa dessa ordem de fenômenos supranormais.

\* \* \*

O problema relativo às reais funções do cérebro, com relação ao processo do pensamento, é tão importante que me proponho a citar um extrato de uma de minhas obras em que trato justamente deste tema árduo.

Na segunda série dos meus *Indagini sulle manifestazioni supernormali* (pág. 187/189), exprimi-me assim:

“De meu lado, propus recentemente uma teoria complementar à que foi formulada por William James, de acordo com a qual as funções do cérebro seriam duplas: de “tradução” no primeiro tempo e de “transmissão” no segundo, isto é, que as vibrações específicas que chegam do mundo externo ao cérebro por intermédio dos sentidos aí estão “traduzidas” em termos sensoriais e psíquicas às vezes perceptíveis ao espírito (convém recordar que um “espírito” não poderia perceber vibrações físicas), determinando, assim, um “estado de consciência” ao qual o espírito responde pondo a *imagem psíquica* correspondente, com a qual ele age sobre os centros de inervação *eferente* que a transmitem à periferia

em termos de uma ação especializada correspondente ao estímulo perceptivo originário.

Para conformar o que adianto, menciono, de passagem, o fato de que a “película cerebral” é considerada pelos fisiologistas como um complexo de “centros de elaboração do pensamento por meio das *imagens psíquicas*”. Assim, por exemplo, o centro da linguagem se exerceria por intermédio das “imagens fonéticas das palavras”, o que explica a aparente contradição implicada no fato de que, lesado o centro da linguagem, a palavra tornar-se-ia impossível (*afasia*), ainda que não exista verdadeira paralisia dos órgãos de fonação, o que se pode produzir quando a lesão em questão tornar impossível a transmissão das “imagens fonéticas” das palavras e, em conseqüência, a excitação psicomotora dos órgãos de fonação não se pode realizar. Fica, pois, evidente que os centros de inervação *eferente* são estimulados por meio das “imagens psíquicas”.

E aqui, depois de ter exposto a dita tese em termos científicos, resta-me expô-la em termos filosóficos, observando que, se é verdade que o espírito humano contém em si uma chama de essência divina, é também verdade que o “divino” que existe no espírito humano não chegue a individualizar-se senão passando do reino do “Absoluto” ao do “Relativo”, do domínio do “Número” ao “Fenômeno”. Segue-se daí que, para entrar em relação com as manifestações do Universo fenomênico, o espírito tem necessidade de um órgão *transformador ad-hoc*, e este órgão é o cérebro. Em outros termos: a verdadeira função do cérebro em suas relações com o “espírito” consistiria no fato de pôr o espírito em estado de perceber um determinado aspecto da realidade desconhecida por um sistema determinado de aparências fenomênicas que se desenvolvem segundo as modalidades sempre diversas em todos os mundos habitados do Universo inteiro, aparências fenomênicas no meio das quais o espírito está destinado a viver a fim de se elevar mais tarde no conhecimento da “Realidade Absoluta”, contempladas através das modalidades infinitas onde ele evolve manifestando-se no relativo.

Compreender-se-á, pois, a necessidade para o espírito de possuir um cérebro que sirva de órgão transformador da Realidade Absoluta em manifestações relativas ou fenomênicas, função infinitamente grandiosa para a qual estão repositos os mundos inumeráveis que povoam o Universo.

Do ponto de vista do “paralelismo psicofisiológico, observo que, com a teoria em questão, se chagaria a conciliar as afirmações dos fisiologistas com a tese espiritualista, visto que, de uma parte, se reconhece que a dupla função de “tradução” e de “transmissão” exercida pelo órgão se realiza à custa da energia acumulada nas células nervosas, como o sustentam e o demonstram os fisiologistas, e, de outra parte, se nota que esse estado de fato se torna facilmente conciliável com a existência de um espírito independente do instrumento do qual se serve para entrar em contato com o ambiente terrestre. Daí resulta que a melhor definição do “paralelismo psicofisiológico” seria a que foi dada pelo nosso eminente filósofo Pietro Siciliani, segundo a qual está afirmada a indiscutível correlação, pelas leis da equivalência, das atividades contrárias morfológica e psíquica, mas, ao mesmo tempo, se reconhece que essa correlação deva ser interpretada no sentido de uma “correspondência paralela” e nunca de uma “absoluta conversão”...”

Foi assim que eu me exprimi em meu ensaio intitulado *Cérebro e Pensamento*. Pareceu-me oportuno reproduzir o trecho acima para reforçar o que afirmei sobre o fato de que a existência de uma patologia mental é plenamente conciliável com a existência de um espírito sobrevivendo à morte do corpo, e então isento das enfermidades que afligem o aparelho somático do qual se serve para entrar em relações com as manifestações da ambiência fenomênica em que o seu destino é o de viver e evoluir.

Quanto aos fenômenos de “bilocação” com a existência que implicam de um “corpo etéreo” e de um “cérebro etéreo”, observo que eles revestem também uma importância demonstrativa para outra questão de ordem psicofisiológica, a qual impediu sempre que outro eminente fisiologista aderisse à hipótese espírita. Quero falar aqui do professor Charles Richet, que ainda

recentemente, a 26 de janeiro de 1934, respondendo a uma pergunta semelhante que lhe foi feita pelo diretor da *Light*, assim se expressou:

“Enfim, os fenômenos da inteligência estão neste ponto, tão estreitamente ligados às funções cerebrais que, a meu ver, parece, não direi impossível, porém quase impossível que a inteligência possa subsistir quando o cérebro é desintegrado, aniquilado, reduzido a pó. Segundo penso, parece espantosamente absurdo admitir que esse pó cerebral contenha a memória.”

Como se vê, não se trata mais aqui de uma questão inerente à patologia mental, porém vem de um problema relativo à possibilidade para a memória de sobreviver à dissolução dos centros corticais, sobrevivência que de todos os modos, não estaria localizada no “pó cerebral” de que fala Charles Richet, e seria, na verdade, “espantosamente absurdo” sustentar-se isto! Mas esta pergunta também não seria mais formulada quando se admite a existência de um “cérebro etéreo”, sede transcendental da inteligência e da memória. E, a propósito de faculdade memotécnica, recordo que, já há algum tempo, os fisiologistas tinham descoberto que, paralelamente à muito imperfeita e sempre fragmentária memória fisiológica, existe uma “memória integral perfeita”, latente e inútil, nos refolhos da subconsciência, o que constitui um enigma impenetrável para os fisiologistas pelo fato de que nenhum deles está em condição de explicar, no terreno biológico, a existência subconsciente de faculdades memotécnicas prodigiosas destinadas a ficarem eternamente latentes e inúteis, problema que não existiria se se concedesse à “memória integral perfeita” fins ultraterrestres que, de nosso ponto de vista, são mais que legítimos, sobretudo se se considera que existe, na subconsciência humana, outras faculdades prodigiosas que são inúteis nas condições latentes em que elas nos são generosamente concedidas. E ainda mais que inúteis, porém literalmente inconciliáveis com a existência carnal sob qualquer aspecto que se queira examinar o problema, pois que já se fez justamente observar que se um dia essas faculdades se tornassem utilizáveis sob forma de um “sexto sentido” (como profetizam alguns),



nesse caso *elas tornariam impossível a vida social, a luta pela vida, toda nobre competição humana, provocando assim a paralisação fatal da evolução biopsíquica das espécies.*

Sendo assim as coisas, segue-se daí que as faculdades em questão deverão ser consideradas o que são, isto é, faculdades espirituais existindo em estado latente na subconsciência humana, de onde podem emergir e se desenvolver em um ambiente apropriado depois da crise da morte. Se assim se devia concluir com esses poderes supranormais, nada mais racional também concluir no mesmo sentido para a “memória integral”, resolvendo desta maneira o problema que contrariava tanto o critério científico do professor Richet.

Enfim, para completar e reforçar o que expus, convém acrescentar que, para a demonstração da existência e da sobrevivência do espírito humano, é peremptoriamente necessário que na subconsciência humana seja localizada a existência latente de faculdades espirituais pré-formadas e isto pela boa razão de que, para sobreviver em espírito, em ambiente apropriado, é preciso possuir faculdades espirituais *que não podem ser criadas do nada no momento da morte*, do que resulta que, se as faculdades espirituais, conjuntamente com a “memória integral”, não existissem antes na subconsciência humana, dever-se-ia inexoravelmente concluir disso que o espírito humano é aniquilado com a morte do corpo. Pois bem! O grande objetivo de dissipar todas as dúvidas relativas à existência delas foi felizmente atingido, cientificamente alcançado, irrefutavelmente obtido. E isto é tão verdadeiro que todos os especialistas da questão – sem a exclusão de qualquer Fachmann – se acham de acordo em afirmar, na base dos fatos, que esta realidade constitui o ponto de apoio sobre o qual gira toda a casuística metapsíquica, assim como o ponto de apoio sobre o qual giram todas as hipóteses formuladas para explicar esses fatos, tanto os dos “animistas totalitários” quanto os dos “animistas espiritualistas”.

Voltando aos fenômenos de “bilocação”, concluo observando o quanto tudo concorre para demonstrar que o formidável problema do ser, em torno do qual tantos e tantos sistemas filosóficos, edificadas no decurso de trinta séculos, se esboroaram, seria

experimentalmente resolvido no dia em que fosse demonstrada cientificamente a existência de um “corpo etéreo” exteriorizável, imanente no “corpo somático”. Em outros termos: para decifrar o enorme mistério, que permaneceu impenetrável a todas as filosofias, só bastam os fenômenos de “bilocação”. E isto tanto mais porque estão ligados indissoluvelmente às três formas clássicas de manifestações metapsíquicas de caráter espontâneo: as aparições de defuntos no leito de morte, as aparições de defuntos pouco depois da morte e as visões de fantasmas nas casas assombradas, manifestações que representam *a fase terminal e o complemento necessário dos fenômenos de “bilocação”*.

Não será inútil recordar aqui que as aparições de mortos no leito dos moribundos e depois do trespasse são muitas vezes percebidas *coletiva e sucessivamente por várias pessoas*, o que liquida a hipótese da alucinação. Pode-se dizer a mesma coisa dos fenômenos de assombração, que não são apenas percebidos coletiva e sucessivamente por várias pessoas, mas também muitas vezes identificados pelos percipientes aos quais se apresentam retratos dos agentes. Assim, pois, resulta que as aspirações de defuntos, sendo indubitavelmente aparições de mortos, confirmam os fenômenos de “bilocação”, demonstrando que a existência, no homem, de um “corpo etéreo” suscetível de se exteriorizar conjuntamente com os atributos da consciência e da inteligência, acha a sua razão de ser no fato da sobrevivência do espírito à morte do corpo.

**FIM**